



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA - UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS-CAMPUS
IV/JACOBINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
DIVERSIDADE- PPED
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E
DIVERSIDADE- MPED

VASTI SAMPAIO DE MIRANDA

**FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO
ENTRE AS MEMÓRIAS DESPERTADAS PELAS FOTOGRAFIAS E A
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

Jacobina-BA

2022

VASTI SAMPAIO DE MIRANDA

**FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO
ENTRE AS MEMÓRIAS DESPERTADAS PELAS FOTOGRAFIAS E A
EDUCAÇÃO PATRIMONIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade, Linha de Pesquisa 1: Educação, Linguagens e Identidades, da Universidade do Estado da Bahia, Departamento de Ciências Humanas, Campus IV, Jacobina-BA, para obtenção do título de Mestra em Educação e Diversidade.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

Jacobina-BA

2022

Ficha Catalográfica Elaborada pelo Bibliotecário:
João Paulo Santos de Sousa CRB-5/1463

Miranda, Vasti Sampaio de.
M672f Fotografia, memória e educação: um diálogo entre as
memórias despertadas pelas fotografias e a educação
patrimonial / Vasti Sampaio de Miranda.
Jacobina - BA
161 f.

Dissertação (conclusão do curso de pós-graduação *Strictu
Senso* / Programa de pós-graduação em educação e diversidade
da Universidade do Estado da Bahia, MPED. Departamento de
ciências humanas – Campus IV). Universidade do Estado da
Bahia, 2022.

Orientador: Prof. Dr. Antenor Rita Gomes

1. Fotografia. 2. Terceira Idade. 3 Educação Patrimonial
. I. Miranda, Vasti Sampaio de II. Antenor Rita Gomes. III.
Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências
Humanas/Campus IV.

CDD – 371

VASTI SAMPAIO DE MIRANDA

**FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE AS
MEMÓRIAS DESPERTADAS PELAS FOTOGRAFIAS E A EDUCAÇÃO
PATRIMONIAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação e Diversidade –
MPED, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Linha de Pesquisa Formação,
Linguagens e Identidades, para obtenção do título de Mestra.

Dissertação defendida em: 30/03/2022

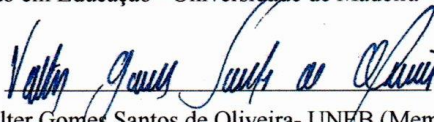
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antenor Rita Gomes (Orientador)
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutorado em Educação - Universidade Federal da Bahia - UFBA



Prof. Dr. José Paulo Gomes Brazão - (Membro externo)
Universidade da Madeira - UMa - Portugal
Doutorado em Educação - Universidade de Madeira – Portugal



Prof. Dr. Valter Gomes Santos de Oliveira- UNEB (Membro interno)
Universidade do Estado da Bahia - UNEB
Doutor em História - Universidade Federal da Bahia - UFBA

Jacobina – BA
2022

Dedico esta conquista a Deus, pilar maior para a realização deste Mestrado; ao meu filho amado, razão dos meus dias serem mais serenos e alegres; ao meu querido esposo; a minha mãe e aos meus irmãos, irmãs, sobrinhos e sobrinhas, cunhadas e cunhados. Com vocês, foi mais potente e inspirador para eu seguir como pesquisadora desta dissertação. Gratidão a cada um.

AGRADECIMENTOS

Em meio a todo o processo vivido dentro do contexto pandêmico desde março de 2020, no Brasil e no mundo, agradeço a DEUS por EU estar aqui, neste momento, redigindo essas linhas, na certeza que sobrevivi ao caos, principalmente brasileiro, da COVID-19 e da real situação sociopolítica deste país. Portanto, em alto e bom tom, parafraseando um versículo da bíblia que diz: “até aqui nos ajudou o Senhor” (1 Samuel 7:12), gratidão PAI!

Um dos meus sonhos desejados foi cursar o Mestrado. E na oportunidade do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), em Jacobina, pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB), esse sonho ficou perto de mim, garantindo essa realização. Aqui externo meus agradecimentos a essa instituição, estendendo-me a todos e todas envolvidos/as, em especial aos/às professores/as pelas aulas potentes e imbuídas de leituras e textos, que somaram tanto na vida pessoal e profissional como acadêmica.

Ao meu pai, Jaime Barberino de Miranda, falecido em 2020 durante o processo de Mestrado. Em todo momento que esteve presente me apoiou, orgulhosamente, demonstrando imensa felicidade e honra por minha vitória também ser a dele. Serei eternamente grata pelo exemplo de amor, honestidade, sensatez, e do pai presente sempre em minha vida!

À mainha, Maria Rosa, amor da minha vida, razão também da minha existência! Atenta a todo instante! Mesmo enfrentando suas dores, sempre se mostrou amorosa, preocupada com as minhas noites mal dormidas, com o excesso de tarefas do dia a dia. E sua voz ansiosa questionava: “tá terminando o Mestrado?”.

Ao meu filho Arthur de Miranda Xavier, eterno amor incondicional, que no decorrer desse processo nunca me cobrou nada; sabia das tantas vezes que precisei me isolar para estudar. No entanto, muito compreensivo e, com orgulho, abraçou a minha causa. Filho, te amo!

À minha família, motivo de orgulho, incentivo e amor. Sem a força e colaboração de vocês, talvez não tivesse conseguido ter coragem e ânimo para finalizar este trabalho.

A Carlos Guedes, gratidão a você, amor, companheiro em todas as horas! Você presenciou todas as minhas alegrias, angústias, lutas, certezas e vitória a cada etapa vivida. Dividiu comigo todos esses momentos, na maioria das vezes, preocupado com a minha saúde física e mental, devido a todo o processo enfrentando em meio a pandemia e da feitura desse texto

Ao anjinho Leonardo Miranda, sobrinho, que mal nasceu e deixou esse mundo, causando em toda família saudades, dor e vazio pela partida tão prematura.

Ao meu orientador prof. Dr. Antenor Rita Gomes, exemplo de educador, profissional e ser humano incrível! Fez toda a diferença na minha caminhada! Você foi minha bússola nesse caminho, orientando-me a trilhar e lembrando-me de sempre relatar todos os fatos observados na estrada percorrida.

À Viviane Brito, amiga de longas datas! Seu incentivo e motivação foram como toques de amor em minha alma!

À Banca de Qualificação, aos professores Dr. Valter Oliveira, Dr. Sérgio Luiz e Dra. Carlinda Leite pelas sinalizações e percepções feitas com maestria para que eu avançasse na pesquisa de modo mais potente, assertivo e enriquecedor.

Aos grupos de pesquisa da UNEB – Campus/IV: Cult-Vi, LEFOR e o NECC, pelo incentivo, parceria e apoio, nas pessoas dos professores Dr. Antenor, Dra. Denise Dias e Dr. Valter Oliveira.

À professora e Dra. Denise Dias, que foi uma grande incentivadora na realização do Mestrado na UNEB, em Jacobina, me motivando para a conquista de novos horizontes. A cada encontro uma palavra, um convite para eu participar do grupo de pesquisa LEFOR, de seminários, mostrando caminhos para eu seguir e investir no Mestrado.

Aos colegas de turma, as doze mulheres guerreiras, que juntas lutaram e concluíram essa etapa de nossa vida. Gratidão pela oportunidade de troca.

Às colegas Denise, Fábiana e Mirian, em especial meus agradecimentos pelo compartilhamento e aprendizagem nas atividades em grupos.

À Mirian, colega e hoje uma amiga que ganhei no Mestrado. Obrigada pela força, por me motivar e deixar uma palavra de fé todas às vezes que me vi diante de situações difíceis da vida, principalmente nesse contexto atual.

À querida Maynara, colega no Mestrado, parceira do grupo de pesquisa LEFOR desde 2017, gratidão pelas contribuições e dicas na realização desse sonho.

Às minhas colegas professoras do Centro de Educação Territorial do Piemonte da Diamantina II (CETEP), em Jacobina, Ana Cristina da Silva, Jeane Lima, Laudiceia Santos, Nadiolan Ribeiro e Roberta Kaly, por viajarem comigo nessa ideia e, pelas contribuições. Também, aos estudantes dessa instituição, nas pessoas de Ana Clara Oliveira, Luzia Eduarda Souza, Nicole dos Santos, Ramon Silva, Wesley da Cruz, Taylana Miranda e Tauana Maria Lima como sujeitos participantes desta pesquisa.

Ao CETEP, pela permissão em considerar esse espaço como *lócus* deste trabalho e pelo acolhimento e oportunidade.

À Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), em especial ao coordenador João pela acolhida, e aos participantes desta pesquisa, nas pessoas de Aldenice Cesário, Cláudia Cunha, Doraney dos Santos, Eunice Leite, João Silva, Rozita Pacheco e Teresinha Lapa.

Aos fotógrafos Aléx Félix, Carlos Guedes, Lidenício Ribeiro e Osmar Micucci, por dividirem comigo e com o grupo seu “infinito particular” através das fotografias.

Ao Sr. Badu, minha eterna gratidão pela grandiosidade da sua participação nesta pesquisa.

Aos graduados em História Abner e Joedi, por compartilharem recortes relevantes das suas pesquisas com o grupo, gratidão!

Ao querido Luciano Xavier pelas dicas e orientações tão precisas.

Aos queridos Cláudio Freitas e Conceição Marcellino, por compartilharem fotografias de Jacobina dos seus acervos particulares, contribuições oportunas neste trabalho, obrigada.

Ao Arquivo Público Municipal da cidade de Jacobina pelos documentos pesquisados naquela instituição, na pessoa de Júnior.

Assim segui o caminho” Cada um me acolheu ao seu modo, contribuindo grandemente para o resultado desta pesquisa! Obrigada a todos/as vocês!

RESUMO

A pesquisa intitulada *Fotografia, memória e educação: um diálogo entre as memórias despertadas pelas fotografias e a educação patrimonial* tem como objetivo geral compreender de que forma as memórias estimuladas pela fotografia do patrimônio contribuem para a educação de jovens estudantes do Ensino Médio. Para tanto, apresentamos como objetivos específicos: descrever as experiências pelas quais as fotografias possibilitam o acesso às memórias e às informações sobre o patrimônio; identificar contribuições das memórias motivadas pelas fotografias da Educação Patrimonial e proporcionar o diálogo entre gerações a partir dos registros fotográficos e das memórias. Desse modo, elegemos a seguinte questão norteadora: de que forma as memórias despertadas pela fotografia contribuem para a Educação Patrimonial de jovens estudantes e favorecem o diálogo entre as gerações? Os principais referenciais teóricos foram centrados, principalmente, em: Halbwachs (2013), Bosi (1994), Pollak (1989), Nora (1993), na abordagem da categoria *memória*; Sontag (2004), Flusser (1985) e Kossoy (2001, 2002, 2005), no estudo sobre *fotografia* e, por fim, Horta, Grunberg e Monteiro (1999), Tolentino (2012), Florêncio (2019) e Scifoni (2017), no aporte do eixo *educação patrimonial*. Pautamo-nos nessa última categoria teórica, a fim de transcender a perspectiva tradicional, buscando uma educação de cunho dialógico, reflexivo e plurissignificativo, que considere a coletividade, o território, a diversidade cultural e os saberes de cada um. O percurso metodológico se baseia na abordagem qualitativa e se inspira no paradigma epistemológico fenomenológico, tendo como método a pesquisa-ação colaborativa. Para a construção dos dados, utilizamos os seguintes dispositivos: entrevistas semiestruturadas com o grupo de professoras e grupo focal com os estudantes; análise documental; fotografias dos patrimônios histórico e cultural da cidade de Jacobina, Bahia, e as narrativas tecidas nos encontros virtuais com o grupo de discussão. Como produto final, propomos a construção de um Museu Virtual. Os estudos e relatos comprovaram o quanto as fotografias condensam uma sucessão de dados, fatos e manifestações enriquecedoras para uma educação nos ambientes formal e informal.

Palavras-chave: Fotografia. Memória. Terceira Idade. Educação Patrimonial.

ABSTRACT

The research entitled Photography, memory and education: a dialogue between the memories awakened by photographs and heritage education has the general objective of understanding how the memories stimulated by heritage photography contribute to the education of young high school students. To this end, we present the following specific objectives: to describe the experiences through which photographs enable access to memories and information about heritage; identify the contributions of memories motivated by Heritage Education photographs and provide dialogue between generations from photographic records and memories. In this way, we chose the following guiding question: how do the memories awakened by photography contribute to the Heritage Education of young students and allow dialogue between generations? The main theoretical references were mainly centered on: Halbwachs (2013), Bosi (1994), Pollak (1989), Nora (1993), in the approach of the memory category; Sontag (2004), Flusser (1985) and Kossoy (2001, 2002, 2005), in the study of photography and, finally, Horta, Grunberg and Monteiro (1999), Tolentino (2012), Florêncio (2019) and Scifoni (2017), in the contribution of the heritage education axis. We are guided by this last theoretical category, in order to transcend the traditional perspective, seeking an education with a dialogical, reflective and pluri-significant nature, which considers the collectivity, the territory, the cultural diversity and the knowledge of each one. The methodological is based on a qualitative approach and is inspired by the phenomenological epistemological paradigm, using collaborative action research as its method. For the construction of the data, we used the following devices: semi-structured interviews with the group of teachers and focus group with the students; document analysis; photographs of the historical and cultural heritage of the city of Jacobina, Bahia, and the narratives woven in the virtual meetings with the discussion group. As a final product, we propose the construction of a Virtual Museum. Studies and reports have shown how much the photographs condense a succession of data, facts and enriching manifestations for education in formal and informal environments.

Keywords: Photography. Memory. Third Age. Heritage Education.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Aniversário de 102 anos de Painho. Três gerações diferentes: Pai (Jaime), neto (Arthur) e Vasti (filha)	12
Fotografia 2 - Vista parcial de Jacobina.....	62
Fotografia 3 - Casa do fotógrafo Lidenício Ribeiro.....	63
Fotografia 4 - Álbuns do fotógrafo Lidenício Ribeiro, Jacobina.....	64
Fotografia 5 - Maria Pitu	66
Fotografia 6 - CEU das Artes, Jacobina. Vasti Miranda e Osmar Micucci	67
Fotografia 7 - Igreja Santo Antônio de Jacobina.....	68
Fotografia 8 - Igreja Matriz Santo Antônio de Jacobina (década de 1959).....	69
Fotografia 9 - Igreja Matriz Santo Antônio de Jacobina (década de 1940).....	70
Fotografia 10 - Igreja Matriz Santo Antônio de Jacobina (década de 1954).....	71
Fotografia 11 - Família no Rio Itapicuri em Jacobina.....	72
Fotografia 12 - Rio Itapicuru, Jacobina.....	72
Fotografia 13 - Enchente em Jacobina (década de 1964).....	73
Fotografia 14 - Inauguração da Companhia Força e Luz de Jacobina (década de 1928).....	77
Fotografia 15 - Companhia de Força e Luz de Jacobina (ano de 2008)	77
Fotografia 16 - Companhia de Força e Luz de Jacobina (ano de 2021)	78
Fotografia 17 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição (década de 1960).....	79
Fotografia 18 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição (ano de 2007).....	80
Fotografia 19 - Igreja Matriz Santo Antônio de Jacobina.....	80
Fotografia 20 - Capela do Bom Jesus da Glória, conhecida popularmente por Igreja da Missão (década de 1960).....	82
Fotografia 21 - Capela do Bom Jesus da Glória.....	82
Fotografia 22 - Praça Matriz (ano de 2012).....	83
Fotografia 23 - Praça Matriz (ano de 2019).....	84
Fotografia 24 - Feira Livre de Jacobina	85
Fotografia 25 - Cobrador de impostos da Prefeitura na Feira Livre de Jacobina	86
Fotografia 26 - Estação Ferroviária de Jacobina (década de 1970).....	88
Fotografia 27 - Estação original de Jacobina (década de 1920).....	90
Fotografia 28 - Trem quebrado na entrada da cidade de Jacobina (década de 1960).....	91
Fotografia 29 - Passagem do trem em Jacobina (década de 1959).....	92
Fotografia 30 - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima Jacobina	94
Fotografia 31 - Marujada em Jacobina (ano de 2019).....	96
Fotografia 32 - Marujada em Jacobina (ano de 2021).....	98
Fotografia 33 - Marujada em Jacobina 1 (década de 1950).....	99
Fotografia 34 - Marujada em Jacobina 2 (década de 1950).....	100
Fotografia 35 - Micareta em Jacobina, Bloco “Os Mascarados” (década de 1970).....	103
Fotografia 36 - Alô Bahia, Maria Pitu e Major	116

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Descritores de busca aplicados na base de dados da Capes.....	16
Quadro 2 - Dissertações, autores/as, ano e local	16

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AJL	Academia Jacobinense de Letras
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCCS	Center for Contemporary Cultural Studies
CEDUC	Coordenação de Educação Patrimonial
CETEP	Centro Territorial de Educação Profissional
CEU	Centro de Artes e Esportes Unificados
CULT-VI	Cultura Visual, Educação e Linguagens
GD	Grupo de Discussão
GF	Grupo Focal
EPA	Educação Patrimonial e Artística
EPI	Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio
GD	Grupo de Discussão
HD	Hard Disk (disco rígido, alta definição)
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
LDBEN	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
LEFOR	Linguagem, Estudos Culturais e Formação do Leitor
NECC	Núcleo de Estudos de Cultura e Cidade
NTE	Núcleo Territorial de Educação
ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
PPP	Projeto Político Pedagógico
PROEJA	Programa Nacional de Educação de Jovens e Adultos
PROSUB	Programa Profissional Subsequente ao Ensino Médio
RSL	Revisão Sistemática da Literatura
SEC	Secretaria da Educação
SPHAN	Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
SIGEDUC	Sistema de Gestão Escolar
UATI	Universidade Aberta da Terceira Idade
UNEB	Universidade do Estado da Bahia
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura
UNIRIO	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	6
1 SITUANDO A PESQUISA.....	10
1.1 GATILHOS DO PASSADO PARA AS ESCRIVIVÊNCIAS.....	10
1.2 BREVE REVISÃO DA LITERATURA.....	15
2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS.....	19
2.1 FOTOGRAFIA: REPRESENTAÇÕES E CONEXÕES COM A MEMÓRIA.....	19
2.2 FOTOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE: O POSSÍVEL E O CONCEBÍVEL	20
2.3 FOTOGRAFIA: RECORTE DO TEMPO.....	22
2.4 FOTOGRAFIA: UM GANCHO DA MEMÓRIA.....	24
2.5 FOTOGRAFIA E IMAGEM.....	25
2.6 A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E SUAS RELAÇÕES.....	28
2.6.1 Memória Social e Memória Coletiva	29
2.6.2 Memórias Marginalizadas: Dimensões do Subterrâneo	32
2.6.3 A Memória na Terceira Idade.....	34
2.6.4 Lugares de Memória.....	37
2.7 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	38
2.7.1 Estudos Culturais: Paragens e Travessias	42
2.7.2 A Educação Patrimonial e seus Entraves	46
3 AS QUESTÕES METODOLÓGICAS.....	50
3.1 OS PRESSUPOSTOS.....	50
3.2 AS DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA.....	51
3.2.1 A Perspectiva Colaborativa.....	51
3.2.2 As Escolhas, os Desafios e o Percurso da Pesquisa	53
3.2.3 Grupos de Discussão: uma Opção de Ferramenta Metodológica	57
3.2.4 Museu Virtual: Interface do Produto de Intervenção.....	59
4 BUSCANDO COMPREENDER AS MEMÓRIAS DESPERTADAS PELAS FOTOGRAFIAS 	61
4.1 CONVERSAS PRELIMINARES.....	62
4.2 FOTOGRAFIA: ARTEFATO MEDIADOR ENTRE GERAÇÕES.....	67
4.3 PASSADO E PRESENTE ENTRELACADOS.....	76
4.4 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE JACOBINA: ERA UMA VEZ.....	87
4.5 IMAGENS E MEMÓRIA: PAISAGENS CULTURAIS E SOCIAIS DA MARUJADA EM JACOBINA.....	95
4.6 MICARETA: UM RECORTE DO PASSADO DE FESTAS EM JACOBINA.....	101

5 AS FOTOGRAFIAS E AS MEMÓRIAS: DISPOSITIVOS NORTEADORES NOS ESPAÇOS FORMAIS E INFORMAIS NO VIÉS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	110
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	120
REFERÊNCIAS.....	123
APÊNDICES.....	130
APÊNDICE A - Proposta de Intervenção.....	130
APÊNDICE B - Questionário para os Participantes da Pesquisa.....	134
APÊNDICE C – Gráficos (Resultados do Questionário).....	136
APÊNDICE D - Entrevista Semiestruturada (Segmento Professoras).....	143
APÊNDICE E - Grupo Focal (Segmento Estudantes).....	144
APÊNDICE F - Termo de Autorização da Instituição da Coparticipante.....	145
APÊNDICE G - Folha de Rosto para Pesquisa envolvendo Humanos.....	146
APÊNDICE H - Termo de Autorização Institucional da Proponente.....	147
APÊNDICE I - Termo de Confidencialidade.....	148
APÊNDICE J - Termo de Concessão.....	149
APÊNDICE L - Declaração de Concordância com o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa.....	150
APÊNDICE M - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	151
ANEXOS.....	156
ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP.....	156

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Esta pesquisa delineou-se na relação entre os termos *fotografia*, *memória* e *educação patrimonial*. A questão-problema consistiu em compreender as memórias despertadas pela fotografia e suas contribuições para a Educação Patrimonial. Para tanto, os sujeitos colaboradores foram alguns membros da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – Campus IV, professores e estudantes do Ensino Médio do Centro Territorial de Educação Profissional do Piemonte da Diamantina II (CETEP), na cidade de Jacobina, Bahia.

Com base nas fotografias do patrimônio histórico e cultural de Jacobina, Bahia, as memórias constituíram um vasto repertório individual e coletivo, sendo pontos de intersecção entre os colaboradores. Nesse sentido, sinalizaram o contraste entre o passado e a realidade atual dos patrimônios, de modo que oportunizou um olhar mais apurado para este estudo, ampliando, também, os estudos culturais, dentre eles a Educação Patrimonial. Nessa perspectiva, os participantes tiveram como subsídio o conhecimento da sua própria história, da cultura e da importância do contexto social no qual estavam inseridos, na condição de protagonistas.

A memória é a capacidade que temos de guardar informações, lembranças e histórias, ao longo da vida. É uma característica biológica do ser humano conservar a sua história, assim, quando a memória é acionada, torna-se imediatamente ativa. Por ser inerente ao ser humano, acompanha-o a todo instante, estando em constante movimento e permanente construção. Quando se fala em memória, consideramos dois elementos imprescindíveis: o tempo e as informações armazenadas, cujos elementos são responsáveis por reconstituírem o passado, tanto da memória individual quanto da coletiva. Desse modo, é possível rememorar momentos da vida social e histórica.

Em vista disso, considerando que o fazer histórico está relacionado com o passado, os idosos, os professores, os estudantes e demais participantes (fotógrafos e pesquisadores) colaboraram através dos seus relatos e vivências, norteando a situação atual da Educação Patrimonial na cidade de Jacobina, Bahia. Portanto, essas narrativas contribuíram, também, para compreendermos elementos memoriais do patrimônio histórico e cultural da cidade de Jacobina, Bahia.

Com o advento da fotografia, o mundo passa a cristalizar seus feitos, a história, as marcas de momentos, garantindo registros importantes, que ficaram guardados na história. Este

instrumento está tão presente nos dias atuais, que é praticamente impossível imaginarmos o mundo sem a fotografia. Além de registrar fatos, momentos, ela proporciona a comunicação entre as pessoas, testemunha instantes, que ficarão gravados na história da humanidade. Está intimamente ligada à notícia em jornais, revistas e a informações em livros. Também em redes mundiais de computadores, fotografar já se tornou algo tão corriqueiro, que a novidade gira em torno da edição da foto e das mudanças que acompanham a evolução fotográfica.

O aporte da fotografia cumpre um papel documental em eternizar a história, como também de comparar fatos passados com o presente, propondo um olhar sobre o mundo. A cultura visual favorece o alcance das linguagens, sendo capaz de produzir o sentimento de pertencimento identitário diferenciado. Ela desempenha papel relevante e vislumbra uma investigação mais aprofundada no campo da visualidade.

Assim, a memória se revela como espaço essencial para guardar as fotografias, conservando, dentro do possível, os acontecimentos e fatos passados, lugar por excelência de se preservar os registros fotográficos. Dessa forma, a memória e a fotografia são capazes de reconstruir a história passada como se as pessoas presentes nas fotografias se eternizassem. De certo modo, a memória quando acionada, num dado instante, apresenta ativa a cena. Contudo, é preciso ponderar e compreender que a memória não é capaz de retomar toda a cena na íntegra, isso é impossível; pois é óbvio que existem lapsos, esquecimentos e atravessamentos, no decorrer das narrativas rememoradas.

Compreender sobre patrimônios não significa somente visualizá-los como bens materiais e imateriais, mas sim reconhecê-los muito além dessa simples distinção, considerando que são elementos que agregam e caracterizam a identidade de um grupo, desde as manifestações culturais, como um simples objeto material que tenha devido valor afetivo ou de representatividade para quem o possui.

Abranger a Educação Patrimonial a partir dos espaços formativos e dos estudos culturais representa os primeiros passos para a percepção do quão importante é a abordagem desse tema. Os currículos tradicionais que orientam o ensino nas escolas homogeneizam e uniformizam a história dos sujeitos e, nem sempre, leva em conta a diversidade histórica e cultural que os constitui. No dizer de Stuart Hall (1980, p. 7 *apud* JOHNSON; ESCOSTEGUY; SCHULMAN, 1998, p. 3), “Os estudos culturais não configuram uma ‘disciplina’, mas uma área onde diferentes disciplinas interatuam, visando o estudo de aspectos culturais da sociedade”.

Nesse sentido, esta pesquisa elegeu a seguinte questão norteadora: de que forma as memórias despertadas pela fotografia contribuem para a Educação Patrimonial de jovens estudantes, favorecendo o diálogo entre as gerações? Para tanto, apresenta-se como objetivo

geral compreender de que forma as memórias estimuladas pela fotografia do patrimônio possibilitam a educação dos jovens estudantes do Ensino Médio. Mais especificamente, pretende-se:

- descrever as experiências pelas quais as fotografias facilitam o acesso às memórias e às informações sobre o patrimônio;
- identificar contribuições das memórias motivadas pelas fotografias da Educação Patrimonial;
- proporcionar o diálogo entre gerações a partir dos registros fotográficos e das memórias.

Os principais referenciais teóricos foram centrados, principalmente, em: Maurice Halbwachs (2013), Ecléa Bosi (1994), Michel Pollak (1989), Pierre Nora (1993), na abordagem da categoria *memória*; Susan Sontag (2004), Villém Flusser (1985) e Boris Kossoy (2001, 2002, 2005), no estudo sobre *fotografia* e, por fim, Maria de Lourdes Horta, Evelina Grunberg e Adriane Monteiro (1999), Átila Tolentino (2012), Sônia Florêncio, Pedro Clerot, Juliana Bezerra e Rodrigo Ramassote (2019) e Simone Scifoni (2017), no aporte da *educação patrimonial*.

Este trabalho teve caráter inovador por tratar de um tema inabitual, ou seja, o acesso aos patrimônios histórico e cultural da cidade de Jacobina, Bahia, a partir de registros fotográficos. A intenção foi pensar num alinhamento à proposta inclusiva no campo da educação patrimonial, buscando um conhecimento mais investigativo e reflexivo sobre o passado e o presente dos aspectos patrimoniais, bem como a cultura como elemento visceral da referida cidade. Logo, fizemos reflexões sobre informações explícitas e/ou implícitas nas fotografias, identificando elementos retratados, fazendo um paralelo cronológico do antes e da situação atual dos referidos patrimônios.

Desta forma, a relevância do trabalho consistiu em tratar de uma temática atual dentro do contexto educacional, propondo caminhos e abordagens que contribuíssem com o cenário inclusivo da Educação Patrimonial, incorporando-a ao movimento das pesquisas que reconhecem espaços formais e não formais de educação, necessários para fortalecer, efetivar e implementar políticas públicas que promovam uma educação numa perspectiva ampliada.

Desse modo, o texto que se segue encontra-se organizado em torno das seguintes seções: 1) considerações introdutórias nas quais se expressa a temática central da pesquisa (*fotografia, memória e educação patrimonial*) e seus temas correlatos, bem como informações sobre o contexto da investigação, as questões da pesquisa e os objetivos; 2) os pressupostos teóricos, com base nas categorias de estudo e seus respectivos autores; 3) as questões metodológicas, tais

como: os pressupostos epistemológicos, o movimento de aproximação do campo de investigação e as estratégias adotadas para o desenvolvimento da pesquisa nas fases posteriores; 4) os resultados; 5) as considerações finais; 6) as referências e 7) os apêndices e anexos.

1 SITUANDO A PESQUISA

A dobra pode nos levar ao infinito e por isso mesmo nos libertar. A dobra surge para transbordar os limites da fotografia indo ao encontro da diferença ou, quem sabe, da metamorfose e das variações que cada fotografia convoca. (LEITE, Amanda, 2016, p.28)

1.1 GATILHOS DO PASSADO PARA AS ESCRIVIVÊNCIAS

Eu amava ouvir as histórias contadas pelo meu pai. Era de praxe, à noite, momentos que todos estavam juntos e ali, na sala de casa, ou no domingo, durante o almoço. Ele lembrava as suas viagens no trem de ferro, a Maria Fumaça, o casarão do Arroz¹ assombrado, Pedro Sujo², o “louco” da cidade, que perguntava “quem era o rei do mundo” e o meu pai respondia com uma expressão a qual muitos fugiam para não ouvir, entre tantos outros patrimônios.

Nesse aspecto, sobre aquele que andava na cidade como louco, suas histórias eram contadas e recontadas, então, era mais um protagonista inusitado do repertório das narrativas:

Andassem os homens irmanados com o justo, os alucinados pousariam nas fotografias à frente dos prefeitos e vereadores, nas galerias da municipalidade. Porque podemos esquecer o nome de prefeitos, juízes e delegados, mas o dos loucos de nossa infância, jamais. (CARMO, 2018)

Nascido na cidade de Miguel Calmon, Bahia, painho, Jaime Barberino de Miranda, conhecido como Tuca, foi o meu contador de histórias favorito. Fui privilegiada por ter tido um pai-avô, nascido em 1918, e falecido durante a escrita desta dissertação, em 2020. Deixou um legado rico e lindo, tanto na minha história de vida, como da minha família. Assim, relatar o meu contato e a vivência com alguns de seus legados faz parte da minha história.

¹ O casarão do Arroz pertence à família Rios, na cidade de Miguel Calmon. Essa casa foi construída em 1928, pelo proprietário Aristeu Rios, jacuipense que foi morar em Miguel Calmon. O casarão continua de pé, carregando ainda hoje a lenda de o “casarão assombrado”. Fonte: <http://miguelcalmon.ba.gov.br/pedras-de-minha-rua-9> Acesso em: 28 set. 2021.

² Pedro José Dias nasceu em 23 de dezembro de 1914, na cidade de Morro do Chapéu e faleceu em 28 de janeiro de 1989. Foi morar em Miguel Calmon ainda recém-nascido. Trabalhava como entregador de correspondências. Costumava percorrer de Miguel Calmon à Jacobina fazendo entregas de cartas, documentos, dinheiro e até ouro. Considerado como homem responsável, trabalhador, lúcido e honesto, Pedro representava o Correio da cidade de Miguel Calmon. Mais tarde, passou a receber o nome pejorativo de Pedro Sujo, pois a maioria dos moradores da comunidade dizia que ele só tomava banho e cortava os cabelos na festa da Semana Santa, ou seja, de ano em ano. Pedro possuía uma barba imensa. Tempos depois perdeu a lucidez e passou a andar pelas ruas da cidade, causando assim, medo nas crianças que, de fato, não o conheciam. Fontes: <https://revistaforum.com.br/colunistas/pedro-sujo-e-o-rei-do-mundo/e> <http://miguelcalmon.ba.gov.br/pedras-da-minha-rua-pedro-jose-dias/> Acesso: 28 set. 2021.

Lembro-me do trem de ferro que passava na roça; juntos, eu e alguns irmãos corríamos para o corte, a fim de apreciar de perto o trem desfilando pelos trilhos e alguns passageiros acenando. Era mágico tudo aquilo. Nesse sentido, a ideia de corte é um espaço aberto entre montanhas que facilitava o percurso dos trens, naquela época. Em pesquisa no Jornal de Minas Gerais, o enviado especial Mateus Parreiras, na página denominada *Seções*, traz o seguinte conceito sobre *corte*:

Os cortes que dividiram montanhas em duas mostram que, mesmo para a engenharia de 200 anos atrás, as rochas não eram páreo para explosivos e picaretas nas mãos de escravos. Por todo o percurso, caminhos foram abertos nos morros para tornar o trajeto dos trens mais retilíneo e permitir um melhor deslocamento das composições. (PARREIRAS, 2016)

Agregado a essas lembranças, painho contava sobre o percurso que ele fazia, saindo de Piritiba, passando por Miguel Calmon, Jacobina, Caém e Senhor do Bonfim. Outras narrativas, também, faziam parte da seleção para contar aos filhos, a exemplo da empresa *Leste Brasileiro*³, responsável pelo roteiro daquele trem. Não faltavam temas para o seu repertório: as festividades do Natal, a Feira Chique, a tão esperada cestinha enfeitada com papel de seda colorido, recheada com castanha e amendoim açucarados, bem como as mudanças sofridas na cidade, desde a Vila Canabrava, atual cidade de Miguel Calmon. O carnaval famoso em Miguel Calmon, os blocos dos quais ele participava, as namoradas, o cara bom de bola, e assim, me deleitava por horas a fio.

Não quero perder de vista essas memórias, nem esquecer de onde vim, quem sou e o que quero com esta dissertação. As memórias da minha cidade natal, Miguel Calmon, as histórias que meu pai contava, e tantos relatos históricos e culturais que são relações de vida, de retratos de um passado que contribuíram tanto na minha formação pessoal, como profissional e, atualmente, com esta dissertação de Mestrado.

Um simples objeto, um álbum de família, as histórias contadas por nossos pais, avós, vizinhos, os retratos na parede de uma casa, a lembrança da escola, do jogo de futebol com o colega, o primeiro beijo, entre outros, são marcadores contribuintes na formação da nossa identidade. Desse modo, Scifoni (2017) acredita que:

³ Companhia ferroviária brasileira criada pelo Governo Federal, em 1935. Consistia em cinco estradas de ferro nos estados da Bahia e de Minas Gerais. Teve mais de 2.500 quilômetros de trilhos em sua extensão. Operou por 22 anos, formando uma grande rede de integração nacional, com sede em Salvador – BA. Dados disponíveis em: <http://www.ferreoclube.com.br/2017/12/08/viacao-ferrea-federal-leste-brasileiro/> Acesso em: 28 set. 2021.

[...] fotos antigas, roupas de infância, álbuns de figurinhas, brinquedos antigos, toda pessoa guarda algum tipo de objeto que remete a experiência vivida em seu passado, ainda que ele seja muito recente. A guarda desses objetos pessoais se dá na medida em que cada um deles é capaz de mobilizar lembranças, necessárias a compreensão do que somos como indivíduo humano, ou seja, da formação da identidade. (SCIFONI, 2017, p. 12)

Quem foi esse homem tão relevante na minha vida? Jaime Barberino de Miranda, homem simples, que viveu com seus pais até os 12 anos de idade. Após esse tempo, foi viver com as suas tias na roça Água Branca, povoado da cidade de Miguel Calmon, Bahia. Naquele lugar cresceu. Mais tarde, já aos 47 anos, casou-se com Maria Rosa Sampaio de Miranda, a minha mãe. Vivi cercada nessa colcha bordada com muito amor.

Fotografia 1 - Aniversário de 102 anos de Painho. Três gerações diferentes: Pai (Jaime), neto (Arthur) e Vasti (filha)



Fonte: Carlos Guedes, Miguel Calmon (15/06/2020).

Quem sou eu nesta pesquisa? Meu lugar de fala permite me instalar e me desinstalar no decorrer deste estudo, assim, sou professora, com formação em Letras Vernáculas. No entanto, inclinada para além dessa formação, porque sou atravessada por questões que envolvem narrativas com idosos, vivências patrimoniais desde a minha infância e a relação com as fotografias, ainda vistas em poucos monóculos, nos raros retratos colados nos álbuns da família e dos cliques tirados por mim, logo que ganhei a minha primeira câmera fotográfica.

Das poucas fotografias registradas na minha infância, lembro-me dos momentos que ainda tenho guardados na memória. Infelizmente, o meu primeiro registro foi aos seis anos de

idade, uma foto posada para o retratista. Todos vestidos, de preferência com a chamada “roupa de festa”, porque tirar o retrato era um momento exclusivo e raro na minha infância, devido a difíceis condições financeiras. No entanto, a fotografia hoje é de fácil acesso, faz parte da rotina das pessoas, é vista de forma mais banal, independente de classe social.

Desde pequena, ao avistar os retratos de família nas paredes da casa dos meus avós, dos amigos, estas me chamavam atenção. Mas na casa dos meus pais nunca tivemos retratos presos na parede e álbuns eram raros. Ainda me recordo do álbum da minha irmã Marilda, a primogênita. Era lindo: em papel grosso, na cor verde musgo, em preto e branco, as fotos eram coladas em cada página e uma folha de seda cobrindo e separando-as, a fim de protegê-las. Folheava cada página do álbum da minha irmã imaginando aquela bebezinha linda em várias poses e como seria eu bebê. Essa resposta nunca soube, porque não tive fotos antes dos seis anos de idade.

Recordo também de outro álbum, com poucas fotos da família, que me chamava atenção. Já eram fotografias coloridas, com idades que variavam da infância à adolescência. Cada foto observada era como se fosse uma história ainda viva. Folheava sem pressa, querendo saber mais dos detalhes daquele álbum.

Então, como não fui uma criança e adolescente de muitas fotos, o acesso era quase raro, mas nesses poucos momentos em que a oportunidade aparecia, era um presente saber que iria ser fotografada. Lembro-me vagamente de um fotógrafo profissional, fazendo um retrato meu em um evento comemorativo na cidade de Miguel Calmon. Naquele dia, esperei junto com alguns dos meus irmãos e mainha, numa fila enorme. Mas valeu o tempo da espera.

Já na minha adolescência, quando eu tinha uns 18 anos, ganhei uma câmera de um namorado. Aquele artefato teve imenso valor, pois a partir daí um novo mundo surgiu. Lembro-me que as primeiras fotografias eram do cotidiano, tiradas por mim. Eram registros de flores do quintal da casa dos meus pais, da roça, do rio cheio, da família, da minha primeira sobrinha Raíssa. Era um festival de fotos. Porém, nem sempre eu revelava o filme, ainda que fosse um filme de poucas poses. Reveladas ou não eu guardava os negativos pensando no futuro.

Assim, a fotografia virou paixão, um sentimento de prazer e, ao mesmo tempo, poder e liberdade. Os cliques eram naturais, despreendidos de técnicas e fotos posadas. Na verdade, eu queria mais registros dos momentos, de congelá-los e guarda-los como lembranças, não da fotografia pela fotografia. Aos 23 anos, quando me casei, tive um álbum de casamento feito pela empresa Micucci, do fotógrafo Osmar Micucci, na cidade de Jacobina. Anos depois, com o nascimento do meu filho Arthur, a fotografia veio com uma conotação diferente: decorar a minha alma. Atenta aos detalhes, como elemento transformador na minha vida, esse artefato

guardou as memórias e lembranças da infância de Arthur. Assim, registrava desde a minha gravidez, o parto e todos os meses. Sempre pensei na fotografia como registro do presente, mas lembrando-me que aquelas seriam reminiscências eternizadas.

Quando avancei para outra fase da vida, junto cresceram os sonhos, assim, um desses sonhos era ter uma câmera fotográfica melhor, ainda que não fosse profissional, então comprei uma Nikon, no Rio de Janeiro. Posteriormente, encontrei meu companheiro atual, não sei se por ironia do destino, ou para também preencher meus sonhos, um fotógrafo profissional, conhecedor e sempre aprendendo técnicas fotográficas. Desse modo, tenho ensaios e as fotos de qualidade que nunca tive em minha vida.

E nessas visitas ao passado, hoje me vejo diante de todas essas memórias, recordações e vivências, que me motivaram a pesquisar uma temática que linca com todos os elementos e as relações experienciadas por mim, desde a minha infância.

Estar diante de um álbum com fotografias antigas é como visitar o passado, transpondo cada imagem representada ao momento vivido ou narrado por alguém. É como evocação de um determinado tempo, criando uma atmosfera contagiante, viva, permeada de saudades, alegrias ou dor. Essas imagens são contextualizadas e desvendadas a partir das revelações e detalhes contidos em cada uma delas. O tempo que foi retratado pode ser percebido pela roupa, um corte de cabelo, objetos, o bigode ou a barba de alguém presente na foto, a costeleta.

Aqui me desloco como a garota do campo das memórias afetivas, das narrativas e do contato com as fotografias, cercada de relatos e visualidades para outra fase: a experiência profissional em coordenar projetos culturais, sendo um deles voltado à Educação Patrimonial. Então, na condição de educadora, assumi os Projetos Estruturantes da Secretaria da Educação do Estado da Bahia, em 2009, mas somente em 2012 um novo projeto foi somado aos demais existentes na época, o Educação Patrimonial e Artística (EPA). Nesse período, as minhas memórias saíram do baú e tomaram vida. Desde, então, o botão ligar ativou em mim o desejo de saber mais sobre a questão patrimonial e fotográfica.

Nessa trajetória, participei em Salvador, Bahia, de cursos relacionados com esse tema: museu, artes e patrimônios históricos e culturais, materiais e imateriais; visitas em locais tombados; apresentações culturais, inclusive da cultura indígena e quilombola. Daí, este projeto se tornou visceral, queria colocar em prática e dividir com meus colegas e estudantes a importância de se conhecer sobre os patrimônios, a nossa cidade, o que ela representa, a história, os estudos culturais e, principalmente, a importância da utilização das fotografias dos patrimônios para os espaços formal e não formal.

Em 2012, foi ainda mais profícuo. Viajei junto com um colega, também coordenador, para várias cidades da região, a fim de divulgar e orientar sobre as possibilidades de os estudantes desenvolverem o projeto EPA nas escolas. Ressaltamos a importância de propostas pedagógicas sobre Educação Patrimonial a partir da cidade, do território ou estado, considerando o estudante como protagonista na criação e no desenvolvimento do projeto EPA.

Nesse mosaico, apresentado através dos álbuns patrimoniais, criados pelos estudantes das escolas públicas do Estado da Bahia a partir da pesquisa e da fotografia para a criação desses álbuns do projeto EPA, surgiu um movimento particular para que eu focasse nessa temática. Desse modo, foram também essas interfaces que me despertaram e me permitiram conhecer os mais diversos elementos históricos e culturais apresentados pelos estudantes protagonistas, com base nas orientações dos professores.

Essas marcas culturais, tanto na minha história pessoal como profissional, me desterritorializaram e ressignificaram meu olhar diante deste estudo. Assim, fui atravessada por olhares ampliados do ponto de vista da cultura patrimonial. Por muitas vezes, construímos nossas ideias, opiniões e até mesmo nossas histórias, através dos fragmentos vividos com outras pessoas, em vários momentos e etapas da vida. Nesse construto de tempo, pessoas e narrativas formam a nossa identidade. Para Mizoerf (2016 *apud* GOMES, 2020, p. 35): “[...] construímos nossa visão a partir de pequenos fragmentos”.

Alguns objetos biográficos representaram marcas relevantes nessa trajetória, como um fogareiro de ferro muito utilizado por painho, quando solteiro. Outro foi o martelinho, artefato dos trilhos da linha do trem. Portanto, esses objetos representam marcas históricas e revelam memórias afetivas, marcas significativas da minha infância.

Finalmente, esta dissertação se inspira nas memórias afetivas e nos artefatos fotográficos, como também pelos fios condutores experienciados como coordenadora dos Projetos Estruturantes, no período correspondente aos anos de 2009 a 2018.

1.2 BREVE REVISÃO DA LITERATURA

Com o propósito de identificar pesquisas com interesses similares a este estudo, realizamos uma Revisão Sistemática de Literatura (RSL), com base numa breve procura pelas produções de pesquisas acadêmicas divulgadas no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), publicadas entre os anos de 2014 a 2020, cujos termos de busca foram: *fotografia, memória e educação patrimonial*.

A RSL foi realizada através de palavras-chave, de acordo com as combinações de interesse da pesquisa para a obtenção dos resultados, nas fontes definidas e critérios de inclusão e exclusão.

Diante do exposto, explicitamos no Quadro 1 a busca inicial feita a partir dos descritores e a quantidade pertinente ao nosso objeto de pesquisa. Já no Quadro 2, apresentamos os títulos das dissertações, autores/as, ano e local. Em seguida, fizemos levantamento das várias dissertações de Mestrado e Doutorado a partir de filtro por ano, grande área de conhecimento, área de conhecimento, área de concentração e área de avaliação, contidas na base de dados da CAPES.

Quadro 1 - Descritores de busca aplicados na base de dados da Capes

DESCRIPTOR	QUANTIDADE
1- "memória" AND "educação patrimonial"	21
2- "fotografia" AND "educação patrimonial"	04
3- "Fotografia AND "memória" AND "educação patrimonial"	04
4- "memória" AND "fotografia" OR "imagens"	36

Fonte: A autora, 2020.

Quadro 2 - Dissertações, autores/as, ano e local

DISSERTAÇÕES	AUTOR/A	ANO	LOCAL
A memória narrada por jovens do Ensino Médio na significação do Patrimônio Cultural.	José Valter Castro	2017	São Cristóvão/SE
A fotografia das pichações nas paredes do Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini: sensibilidades para uma educação patrimonial.	Célia Margela Arnold	2015	Canoas/RS
O que restou do olhar: Reminiscências de um álbum de família.	Desiree Costa Giusti	2015	Belém /PA
Educação Patrimonial: Passados Possíveis de se preservar em, Caxias-MA.	Joana Batista de Souza	2016	SÃO LUÍS/MA
Educação Patrimonial do Projeto Escolas na Ilha do Campeche: Interfaces entre Memória e Identidade.	Mariane Júlia dos Santos	2018	FLORIANÓPOLIS/SC

Fonte: A autora, 2020.

Dessa busca, foram encontrados sessenta e cinco trabalhos, dos quais destacamos as pesquisas abaixo descritas por retratarem de modo mais direto as preocupações e interesses desta dissertação. São elas:

- a) a dissertação de Castro (2017), *A Memória narrada por jovens do Ensino Médio na significação do Patrimônio Cultural*, da Universidade Federal de Sergipe (UFS), do Programa de Pós-Graduação e Mestrado em Educação, analisa as memórias narradas

por jovens do Ensino Médio na significação do patrimônio cultural a partir de álbuns produzidos pelos estudantes do Colégio Estadual Castro Alves, no município de Ajustina, Bahia. Esse trabalho tem como objetivos identificar as narrativas produzidas pelos discentes sobre um patrimônio selecionado em sua comunidade; evidenciar as memórias coletivas presentes nas produções narrativas elaboradas e, assim, compreender como os jovens mobilizaram as memórias coletivas e os saberes escolares na produção narrativa sobre o patrimônio cultural.

- b) Na dissertação *A Fotografia das pichações nas paredes do Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini: sensibilidades para uma Educação Patrimonial*, de Célia Margela Arnold (2015), do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, do Centro Universitário La Salle (UNIASALLE), observamos que o objeto de estudo foi a fotografia das pichações nas paredes e no mobiliário do Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini, em Canoas, Rio Grande do Sul. O objetivo geral foi sensibilizar a comunidade escolar por meio da fotografia das pichações grafadas nas paredes e no mobiliário da escola, visando à conscientização da relevância da educação patrimonial para a preservação deste prédio, bem como de outros bens culturais.
- c) A tese de doutorado *O que restou do olhar: reminiscências de um álbum de família*, de Desiree Costa Giusti (2015), do Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto e Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará (UFP), constituiu uma análise sobre fotografias e memórias de álbuns de família. A autora estudou as representações da fotografia no contexto das relações familiares, considerando o sentimento de pertencimento a partir de identidades, significados e afetividade percebidos nas imagens, desde a década de 1950, por Filomena Giusti.
- d) A dissertação desenvolvida pela autora Joana Batista de Souza (2016), intitulada *Educação Patrimonial: passados possíveis de se preservar em, Caxias - MA*, do Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas da Universidade Estadual do Maranhão, tem como objetivo discutir sobre a metodologia da Educação Patrimonial no contexto das escolas públicas de Caxias, Maranhão, gerando um diálogo entre os indivíduos e o patrimônio cultural. Nesse sentido, a pesquisadora se propôs a possíveis desafios à efetivação da Educação Patrimonial no espaço escolar a partir da noção de que a preservação do patrimônio cultural se mostra como essencial para os sujeitos históricos e que pode ser aplicada para o Ensino de História. No percurso metodológico, Joana Batista de Souza utilizou as fotografias que costumava tirar dos logradouros, das paisagens, das festas populares, da cidade e, também, das leituras de livros de escritores

locais, para possibilitar um reencontro das raízes de suas comunidades e a reafirmação de suas identidades. Para tanto, esse trabalho se propôs a levantar os possíveis desafios à efetivação da Educação Patrimonial no espaço escolar a partir da percepção de que preservar o patrimônio cultural se apresenta como essencial para a discussão sobre as manifestações da cultura no Maranhão e do processo de valorização do patrimônio cultural local, tendo como contexto a sala de aula.

- e) E por fim, a dissertação *Educação Patrimonial do Projeto Escolas na Ilha do Campeche: interfaces entre memória e identidade*, de Mariane Júlia dos Santos (2018), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que trata das memórias de alunos dos 6º anos, do Ensino Fundamental da Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos. Aborda sobre o patrimônio arqueológico da Ilha do Campeche, tendo como principal objetivo compreender o processo constitutivo das memórias e das relações identitárias entre estes sujeitos, a Ilha e o seu patrimônio arqueológico, considerando o antes e o depois das visitas guiadas.

Vale ressaltar que a RSL foi realizada no início da pesquisa, portanto, muitos estudos decorreram posteriormente. Desse modo, outros estudos foram tomados como base, os quais serão pontuadas no decorrer deste trabalho.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

O real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia. (ROSA, Guimarães 1994, p.86)

2.1 FOTOGRAFIA: REPRESENTAÇÕES E CONEXÕES COM A MEMÓRIA

Após a invenção da fotografia, o desejo e a curiosidade em torno desse artefato foi ganhando espaços e aumentando adeptos. À luz de Sontag (2004), a busca e a vontade insaciáveis em compreender e conhecer esse campo foi ampliando e modificando os olhares ao longo dos anos. Portanto, é sabido afirmar que a fotografia tem sido cada vez mais popularizada, visto que adquiriu espaço na sociedade como uma das maiores companheiras de, praticamente, todos os momentos em família, nas festas, comemorações, viagens, trabalho. As fotos expressam sentimentos e emoções que não são simplesmente realidades vistas pelo fotógrafo, mas que envolvem, revelam e traduzem outros olhares e sentimentos. Segundo Sontag (2004, p. 14), “[...] fotografar é apropriar-se da coisa fotografada. Significa pôr a si mesmo em determinada relação com o mundo, semelhante ao conhecimento – e, portanto, ao poder”.

Afinal, de onde vem o termo *fotografia*? De acordo com a origem etimológica da palavra, *fotografia* vem do grego e quer dizer “gravar com luz”; *foto* significa luz e *graphein* gravar. A partir das leituras sobre essa categoria, é possível saber que a primeira fotografia reconhecida foi no ano de 1826, pelo francês Joseph Nicéphore Niépce. No entanto, essa técnica de criação de fotografias por meio da luz, com o passar dos anos, tornou-se imprescindível para os fotógrafos.

Sob essa ótica, é perceptível a relevância da fotografia e das suas particularidades no contexto atual. Nesse viés, a ênfase em torno das imagens ocorreu devido à velocidade das inovações dos meios digitais, que trouxeram ao mundo novidades e facilidades na linguagem fotográfica. O tratamento diferenciado e inovador da manipulação fotográfica reflete o mundo pós-moderno como uma febre que se espalhou e despertou o interesse das mais variadas faixas etárias e classe sociais.

A fotografia é um recurso capaz de trazer à tona as recordações passadas, facilitando a compreensão das experiências e da história. Nesse aspecto, ela funciona como reconstrução da memória social, porque é a partir dela que rememoramos datas, instantes pessoais e sociais e recordações, onde as cenas ali presentes, muitas vezes, tornam-se vivas na memória.

Já a memória é nossa identidade. Ela guarda nossas vivências e experiências, revela quem nós somos e o mundo a nossa volta, por isso, é tão importante preservá-la. É como um livro guardado na mente: algumas vezes retomamos as páginas para reviver ocasiões ali preservadas e escritas por nós; outras vezes, esquecemos esses ensejos e acrescentamos detalhes, que nem sempre representam, verdadeiramente, os fatos. Normalmente, essa memória envolve outras pessoas, assim, muitos momentos são construídos com a participação de outros sujeitos, que chamamos de memória coletiva ou memória social.

Dito isso, os artefatos visuais têm sido fundamentais no papel da memória. Nesse aspecto, a fotografia congela, de certo modo, o momento, que quando visto anos e até décadas depois vem a memória junto com a imagem recordar aquele episódio, dentro das possibilidades de cada indivíduo. Essa conjuntura recordada só é compreendida e relevante por aqueles que fizeram parte do acontecimento presente na fotografia; caso contrário, não significa praticamente nada para os que estão fora do contexto.

2.2 FOTOGRAFIA E REPRESENTAÇÃO DA REALIDADE: O POSSÍVEL E O CONCEBÍVEL

A fotografia na pós-modernidade é fascinante e envolvente, mas nem sempre retrata, de fato, o objeto ou a pessoa fotografada, de modo *sui generis*. Por isso, as imagens são vistas como híbridas, porque trazem relações e conexões com outros contextos de distintas áreas de saber, além da ideia de que há sempre algo a ser acrescentado por nossa mente na imagem posta. Numa fotografia, existem elementos que, naturalmente, não se apresentam diante dos nossos olhos, mas são visualizados por nós nas entrelinhas. Nesse aspecto, Fernandes Júnior (2006) pontua que:

Para compreender a produção fotográfica contemporânea, bem como seus processos de criação e produção, temos que mergulhar no mundo das imagens, pois nada substitui a experiência de ver. Ver, comparar, elaborar conexões, estabelecer relações. Olhar para uma imagem e explorar suas potencialidades narrativas. A eliminação das fronteiras entre as diferentes formas de expressão, produção e circulação de imagens no mundo contemporâneo, torna cada vez mais difícil a tarefa de catalogar as manifestações das artes visuais, particularmente a fotografia. Da mesma maneira que percebemos o ir além, o ultrapassar de todos os limites, a contaminação das técnicas, o hibridismo dos suportes verificamos o quanto é difícil e impreciso articular uma nomenclatura para a produção contemporânea. (FERNANDES JÚNIOR, 2006, p. 2)

Hoje em dia, esse artefato tomou uma dimensão desmedida, envolvendo outros aspectos considerados importantes para melhor qualidade da imagem. Por exemplo, numa foto, é

possível alterar elementos como a cor, o brilho, o foco, a correção de marcas na pele, os defeitos desagradáveis, a escolha da composição, lançando mão de programas, técnicas e conhecimentos de outras esferas, a fim de obter o resultado tão desejado. Dentro desse quadro, a fotografia atualmente representa um marco na cultura visual, visto que as imagens estão inseridas em praticamente todo o contexto social, e com a expansão das novas tecnologias digitais, essa linguagem vem crescendo e inovando cotidianamente.

Assim, a fotografia imita a realidade e a representação revela ser mais fiel à imagem matriz das coisas, enquanto que a sociedade de consumo, por exemplo, substitui a imagem mais real por uma verdade mascarada, aparente e aprisionada no jogo de simulação. Por conseguinte, a busca incessante do ser humano por um retrato da própria imagem, mesmo que infiel, pode ser reflexo de um ideal, um sonho ou desejo de realização pessoal.

Desse modo, a linguagem fotográfica nem sempre prima pela essência, mas sim como simples imagem cuja aparência vale mais do que o bojo. Aparência que é, muitas vezes, manipulada por artifícios que tornam a imagem transformada em outra imagem. Contudo, esse artefato, em diversas situações, não tem preocupação com a verdade. Apropria-se da cultura do momento, do que é desejado, daquilo que está em foco, da busca pelo ideal e não do essencial. Para Roland Barthes (1980):

Ora, a partir do momento que me sinto olhado pela objetiva tudo muda: ponho-me a ‘posar’, fabrico-me instantaneamente em outro corpo, metamorfoseio-me antecipadamente em imagem. Essa transformação é ativa: sinto que a Fotografia cria meu corpo ou o mortifica a seu bel-prazer. (BARTHES, 1980, p. 22)

A fotografia no livro *Câmara Clara*, de Barthes (1980), revela-se como expoente, pois falar de fotografia sem reconhecer essa obra é abrir uma lacuna sobre esse tema. Nesse livro, o autor busca a essência da fotografia e considera características singulares que a distinguem de outras imagens. Dessa maneira, revela a imagem tecendo diferenças entre dois aspectos: primeiro, a imagem como simbologia e como código cultural, e segundo, a imagem como representação da realidade.

Com o advento tecnológico das mídias digitais, as imagens se expandiram para diversos espaços. São compartilhadas como uma febre pelo mundo. A rapidez, a criatividade e o poder que elas exercem sobre a sociedade têm criado, em grande número, interesse e, ao mesmo tempo, desconfiança. Para isso, as técnicas utilizadas requerem conhecimentos, habilidade e prática para a compreensão e o estudo dos elementos, tanto no manuseio de uma câmera profissional, quanto nos recursos digitais e programas para aprimorar a qualidade da fotografia.

Existe uma tendência de banalização das imagens que nem sempre agrada ao contexto ou aos propósitos de todos. Nesse sentido, Jean Baudrillard (1991) considera que essa realidade atual é um simples reflexo e simulação daquilo que outrora pode ser chamado de real (verdade). Portanto, a mídia exerce novas propostas de manipulação do real para atingir um propósito maior: o da aparência, sendo que a essência se perdeu com o tempo e com o efêmero na era digital. Conforme Sérgio Luiz Silva (2012, p. 113), “Hoje as imagens fotográficas digitais e em HD (alta resolução), parecem apresentar melhor as pessoas, se comparada às imagens delas próprias em carne e osso”.

Para Sontag (2004), a fotografia representa um marco da civilização no século XIX. Ainda em seus ensaios, ela descreve o mundo visto pela ótica fotográfica, considerando o lado amargo e sombrio das imagens. Para tanto, faz uma alusão ao mito da caverna de Platão para retratar como muitas pessoas continuam aprisionadas em seus conceitos sobre fotografia, questionando se a foto é real ou não, se pode ser vista como representação do que realmente existe. A fotografia tem por essência se aproximar ao máximo da realidade e manter a evidência dos fatos; no entanto, permeia entre o real e o não real.

2.3 FOTOGRAFIA: RECORTE DO TEMPO

Utilizamos as fotografias que registram os patrimônios culturais da cidade de Jacobina. Analogicamente, mergulhamos num universo histórico, documental e narrativo do passado da cidade, retomando esse material como suporte fundamental desta pesquisa. Portanto, foi importante estabelecermos um breve recorte sobre a fotografia e o tempo que ela circulava neste município, a fim de compreendermos, elementarmente, as itinerâncias desse artefato nessa cidade.

Desse modo, a imprensa e o trem tiveram papel relevante na propagação da fotografia, conforme defende Aloísio Cunha (2011), em sua dissertação de Mestrado. Naquele tempo, era muito comum encontrar em jornais a divulgação do ofício do fotógrafo, visto como destaque em anúncios de jornais, a exemplo, inclusive dos jornais *Correio do Bonfim* e *Correio do Sertão*, que circulavam na região.

Nos estudos e pesquisas sobre fotografia de Jacobina, segundo o professor- pesquisador Valter Oliveira (2007), esse artefato começou a circular nessa região no final do século XIX e início do século XX, por volta de 1910. Nesse período, a fotografia cumpria o papel de apresentação da cidade. Para ele, o fotógrafo:

Juventino Rodrigues se destacou em alguns aspectos na trajetória da fotografia em Jacobina. Foi ele, provavelmente, o primeiro fotógrafo a produzir um cartão-postal da cidade, em 1937, [...] entre o fim do século XIX e início do XX, mas em pequenas cidades interioranas, como Jacobina, ele só foi uma realidade nas décadas seguintes [...] (OLIVEIRA, 2007, p. 40).

Em linhas gerais, a depender da situação, a fotografia também tem caráter documental, como prova e registro de uma determinada circunstância. Por exemplo, a imagem de alguém da família que não existe mais nesse mundo, fotografias que representaram algum marco, fotos de desgraça, injustiça, onde guerra e tragédias são vistas com sentimentos de dores e revolta, indignação, saudade etc. Então, é pertinente afirmar que as fotografias são documentos preciosos e enriquecedores na história da humanidade, retratos de reconstrução do espaço e do tempo, com informações, às vezes, recheadas de detalhes. E em se tratando de fotografias documentais, estas trazem aspectos históricos, políticos e registros exteriores que envolvem inúmeras questões.

Conforme Kossoy (2005), depois que inventaram a *máquina do tempo*, termo usado pelo autor para denominar a máquina fotográfica, ela não parou mais de fabricar seus produtos. Assim, as pessoas, diariamente, acessam dezenas de imagens, sejam pelo aparelho celular, redes sociais ou até mesmo por outros meios de comunicação. É óbvio que a fotografia tem se tornado, em diversas situações, elemento banal e descartável, quando se trata da fotografia virtual. Com isso, perdeu-se, praticamente, o interesse de muitas pessoas em pensar no registro, nas revelações das fotos para guardar como um recorte de um momento vivido.

Em outros tempos, a fotografia tinha um valor expressivo, no que se refere aos registros sociais e pessoais, preservados como tesouros e fontes do passado, pois trazem em si enorme valor afetivo e saudosista. Nesse sentido, Sontag (2004, p.13) reforça que “[...] colecionar fotos é colecionar mundos”. Mas esse ideal tem se perdido por grande parte das pessoas, basta observarmos os álbuns de família e as revelações fotográficas. Atualmente, essa indústria praticamente acabou com o advento do celular.

Entretanto, alguns ainda preservam em suas gavetas, nos álbuns e nas caixas de fotografias antigas a imortalidade dos momentos vividos, evitando que essas memórias se percam totalmente. Cabe dizer que essas imagens revelam histórias, traduzem os costumes, a cultura de uma época, são registros fatiados do tempo. E cada vez que se “fuçam” as gavetas, essas fotos se tornam vivas na memória do povo. É a reconstrução do passado, um mergulho nas imagens, no folhear das páginas dos álbuns, pois ali se encontram vidas, tesouros e memórias eternizadas, que comprovam a importância desses artefatos. No entanto, a foto tem

o poder de cristalizar e eternizar os momentos. Pode ser guardada e décadas depois rememorada, como um pedaço do tempo carregado de lembranças, histórias e emoções.

2.4 FOTOGRAFIA: UM GANCHO DA MEMÓRIA

As fotografias se apresentam como elementos vivos capazes de acionar a memória, remontar a cena e reviver o passado no presente. Através desses ganchos, fotografia e memória reconstroem a história, como se as pessoas presentes nas fotografias fossem eternizadas e a cada instante pudessem ser acionadas. Kossoy (2001) coloca que:

[...] apesar de ser a fotografia a própria ‘memória cristalizada’, sua objetividade reside apenas nas aparências. Ocorre que essas imagens pouco ou nada informam ou emocionam aqueles que nada sabem do contexto histórico particular em que tais documentos se originaram. (KOSSOY, 2001, p. 152)

Nesse sentido, a fotografia como testemunho da memória representa não somente o que se revela, mas o que está oculto, o que se mostra no silêncio. As fotografias nos permitem uma viagem no tempo passado e no instante presente. Nossa mente tem a capacidade de criar e recriar imagens, fazendo conexões decorridas, por isso que as fotografias são consideradas imortais. E ainda, a depender do contexto, das associações, mudanças e ideologias de quem as observa, elas se caracterizam de outras formas.

Outro tensionamento possível é o de reconhecer a ideologia do fotógrafo ao fazer a foto. De modo que o olhar do fotógrafo é clínico e pessoal, cada um tem um olhar diferenciado. Logo, olhar a imagem vai além do que conseguimos visualizar do ponto de vista físico; de olhar a fotografia pela fotografia, mas ver de modo a estabelecer diálogos. Por isso, nossa mente constrói e reconstrói, faz relações que ultrapassam os limites da iconografia ou não, necessariamente. Podem ser interpretadas conforme a ideologia e o conhecimento prévio de cada um.

As fotografias apresentam outros elementos que perpassam as fotos de um álbum de família, que envolve contextos, por vezes, fechados em grupo, mas que são fontes que extrapolam fronteiras. Ao longo do tempo, as fotografias podem ser percebidas e interpretadas de modo diferenciado ou alterado, a depender de suas histórias, relações e contextos vivenciados. As fotos documentais, jornalísticas e publicitárias, por exemplo, podem assumir outras realidades, outros pontos de vista, outras inferências.

As imagens vão além das lentes de uma câmera fotográfica, permanecem vivas e demarcam tempo e espaço, retratam fatos, costumes, histórias e a memória da humanidade.

Todos esses aspectos têm a fotografia como recurso de garantia e legado para as gerações futuras. Desse modo, os registros têm esse poder de permitir que a história continue viva. Quando tratamos da memória, acatamos a ideia de tempo e armazenamento, e nesse ponto, a memória é o elemento indispensável.

Das várias características que a memória traz em seu cerne, a fotografia funciona como gancho capaz de montar uma cena. E, para tal reconstituição, ela se vale do tempo e do armazenamento de informações. Ambas imprescindíveis na montagem das lembranças e recordações do passado.

A fotografia é um pedaço da realidade capturada pelo fotógrafo, envolvendo diversas leituras. Para Kossoy (2002, p. 136-137), “[...] a fotografia funciona em nossas mentes como espécie de passado preservado, lembrança imutável de certo momento e situação de uma certa luz, de um determinado tema, absolutamente congelado contra a marca do tempo”.

A mimese ou a representação tem sentido por ser criada dentro do plano da verdade. Portanto, o fotógrafo se utiliza de artifícios, que tornam o objeto mais próximo da realidade. É evidente que para o fotógrafo não é preciso registrar exatamente o que está posto, mas o possível, a verossimilhança.

Em síntese, a fotografia tem o papel relevante na memória, visto que quando observada traz lembranças, fatos e histórias, sendo capaz de reconstruir cenas do passado, embora não evidenciadas na íntegra e, muitas vezes, nem partam dela.

2.5 FOTOGRAFIA E IMAGEM

A relação humana com as imagens existe desde os primórdios, período em que o ser humano escrevia nas paredes das cavernas. As imagens são consideradas formas de comunicação e percepção do mundo. E hoje, esses artefatos visuais ganharam dimensões extraordinárias na sociedade, assim, é possível considerar o clichê que “as imagens falam”. Nesse sentido, representam as vozes do mundo, transcendem as classes sociais, o gênero, a diversidade.

Vivemos cercados de imagens e o nosso olhar vai selecionando nossas preferências e ideologias individuais. Destarte, as imagens não são simplesmente símbolos, mas representações que apresentam variados sentidos. Nas ideias de Paulo Freire (1987), pautamo-

nos na frase célebre de que *a leitura de mundo precede a leitura da palavra*, como reforça Gomes (2021)⁴:

Estamos o tempo todo produzindo imagens, a partir do momento que nós falamos, que nos posicionamos, também produzimos imagens... Então, estamos vivendo uma cultura completamente atravessada por esse aparato visual e isso é uma forma particular de ler o mundo. Então, essa ideia de Freire de que *a leitura de mundo precede a leitura da palavra*, atenta para uma necessidade de uma abordagem mais ampla das questões culturais [...]. Então, desse modo eu entendo que exista uma interface muito grande entre a perspectiva freiriana e essa preocupação nossa em entendermos a cultura visual como parte da leitura de mundo, porque as imagens são formas de expressão e elas produzem um dizer próprio.

A partir de estudos e pesquisas, é notório que as imagens tenham avançado e circulem instantaneamente no mundo, de modo a pautar novas leituras e maneiras distintas de olhá-las. À vista disso, o fotógrafo, normalmente, vive à caça do que é fotografável. Contudo, na relação do fotógrafo com o aparelho, é possível ocorrer a emancipação cultural.

Os distintos olhares fotográficos podem revelar a capacidade da fotografia em retratar a realidade, podendo ser subjetiva ou objetiva. Por isso, o fotógrafo profissional domina as técnicas, controlando, de certa maneira, o recorte da realidade, com foco diferenciado, sem desmerecer os amadores da fotografia. Nesse aspecto, o fotógrafo Osmar Micucci relata a sua experiência:

“Eu fiz uma tolice no início, eu vendi (referindo-se à câmera). Eu tenho muitas aqui, eu mostrei a você. Quando surgiu a máquina de 35 mm, eu não gostei... A câmera 6X6 se fotografava assim (aponta para a barriga) eu colocava aqui e não me limitava a ela, eu conversava com as pessoas para deixar natural, porque eu tava fotografando artistas, não é? São preparados para isso. Eu já tô dando o detalhe para os fotógrafos que tá me ouvindo, tudo isso eu fui descobrindo. Quando surgiu a 35 mm, o que é que aconteceu, que é a que dominou o mundo, nos grandes fotógrafos de guerra. Aqui é uma 35 mm, é a famosa Nikon, oh (coloca no olho e mostra a câmera). Então, eu peguei na câmera para fotografar, parecia que eu até tava atirando na pessoa, tirava até a naturalidade”. (MICUCCI, 2021)⁵

Entretanto, a imagem pode dizer muito ou pouco, a depender do ponto de vista, do conhecimento, da sensibilidade do olhar, das intenções e interesses de cada pessoa diante das imagens. As fotografias estão em toda parte, mas por incrível que pareça, nem sempre conseguimos enxergar o que elas mostram, porque naturalmente carregam a sua própria

⁴ GOMES, Antenor Rita. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PGV4iESJwR0>). Evento intitulado: *Tributo a Paulo Freire*, ocorrido em 18 de outubro de 2021.

⁵ Fotógrafo profissional que participou como convidado no Grupo de Discussão, um dos instrumentos de construção de dados desta pesquisa. Os depoimentos dos sujeitos colaboradores serão transcritos na íntegra.

subjetividade. Muitas vezes, as imagens já fazem parte da rotina, de modo que esse flutuante rouba o que elas passam. Segundo Flusser (1995):

O universo fotográfico está em constante flutuação e uma fotografia é constantemente substituída por outra. Novos cartazes vão aparecendo semanalmente sobre os muros, novas fotografias publicitárias nas vitrines, novos jornais ilustrados diariamente nas bancas. Não é determinada fotografia, mas justamente à alteração constante de fotografias que estamos habituados. Trata-se de novo hábito: o universo fotográfico nos habitua ao ‘progresso’. Não mais o percebemos. Se, de repente, os mesmos cartazes semanalmente sobre os muros, aí sim, ficaríamos comovidos. O ‘progresso’ se tornou ordinário e costumeiro; a informação e a aventura seriam a paralisação e o repouso. (FLUSSER, 1985, p. 34)

Há um quesito interessante sinalizado por Flusser (1985), quando se refere ao espaço-temporal das imagens, ou seja, para o autor, a imagem não capta o real do ponto de vista espaço-temporal, assim a câmera não retrata o real. Por conseguinte, nossa relação e dificuldade em manusear os aparelhos e as máquinas provam que não dominamos todos os artefatos, e esse grau de dificuldade que cada pessoa apresenta diante dos aparelhos representa o que Flusser chama da “caixa preta”. Nesse sentido, o que conseguimos apreender são concepções da realidade, mas não suas intuições, seus propósitos, assim, acreditar que as máquinas são capazes de substituir a realidade torna-se impossível. Como afirma Flusser (1985, p.17), “[...] os aparelhos são caixas pretas que simulam o pensamento humano, graças a teorias científicas, as quais, como pensamento humano, permutam símbolos contidos em sua ‘memória’, em seu programa. Caixas pretas brincam de pensar”.

É possível notar o papel determinante das imagens dentro das sociedades e, ainda mais especificamente, no campo da educação cultural. Desse modo, acreditamos que as imagens assumem papel fundamental em vários aspectos, sejam culturais, educacionais, como também sociais. Atentando para os versos do poema *Menino do Mato*, do escritor e poeta Manoel de Barros (2015), reforçamos nossa ideia de que as imagens são subjetivas e se afastam das conceituações: “A gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação” (BARROS, 2015, p. 117).

Enfim, o olhar mais apurado na imagem depende de inúmeros aspectos, cada pessoa traz em si a sua subjetividade e leitura a partir do conhecimento prévio acerca do que observa na imagem, como também do grau de conhecimento sobre a imagem observada. Portanto, é possível considerar o que foi registrado pela lente da câmera do fotógrafo, além disso, existe o olhar natural, muitas vezes, preso na “caixa preta”.

2.6 A CONSTITUIÇÃO DA MEMÓRIA E SUAS RELAÇÕES

A memória vive em constante movimento, ela é dialética, carregada de vida, incertezas, esquecimentos, atravessamentos e deformações. No dizer de Nora (1993):

[...] é um fenômeno sempre atual, um elo vivido ao eterno presente, [...] porque é afetiva e mágica, a memória não acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções. (NORA, 1993, p. 9)

No decorrer da vida, nossa memória é atravessada por várias questões, tanto em relação ao tempo, amadurecimento, como situações fisiológicas próprias do cérebro de cada ser humano. Portanto, ao narrarmos uma cena, acontecimento, história, sabemos que não temos a capacidade de relatar fatos na íntegra, praticamente impossível essa ação, visto que, com o tempo, é comum esquecermos os detalhes, os acontecimentos de modo fidedigno. Outra razão é ocasionada devido ao nosso próprio olhar e evolução diante da vida, dos traumas, do medo, da memória defensiva que, automaticamente, faz-nos esquecer de determinados acontecimentos.

A abordagem aplicada na obra *Memória e sociedade: lembranças de velhos*, de Bosi (1994), são passagens que abrem caminhos moventes dos fatos e ideias, numa linguagem permeada de frases curtas e claras, valorizando as memórias dos velhos entrevistados. É um convite sensível à reflexão da velhice, da memória e da história oral. Desse modo, a autora reforça que:

A lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com ela, nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar do passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e de outro, e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 55)

Halbwachs (2003) defende a ideia de que a memória não estaria focada apenas no âmbito pessoal, mas também no aspecto coletivo. Logo, considera que a memória está inserida nos cenários sociais, como na igreja, na escola, na família, por assim dizer, nas estruturas as quais o indivíduo mantém uma relação de interação e convívio costumeiro com os grupos. Buscar a reconstituição das memórias com base nos elementos situados no tempo presente, aludindo o passado e reconstruindo a partir dos espaços sociais reais como um sinalizador, já pode ser considerado um caminho para a garantia de manter viva a história.

2.6.1 Memória Social e Memória Coletiva

A memória individual é a memória do sujeito, aquela que cada indivíduo possui. Ela é subjetiva e está relacionada à história de vida de cada pessoa. No entanto, normalmente, para se montar um quadro ou uma cena, recorre-se a testemunhos que ajudam com mais precisão as recordações. Assim, o primeiro aporte está na memória individual de cada sujeito, depois na memória de outros indivíduos.

Por outro lado, as pessoas não bastam para reforçar as lembranças; costuma-se utilizar outros recursos no tempo, no espaço e na linguagem. Mas é válido lembrar que todos esses elementos nem sempre representam na totalidade a verdade dos fatos. Nesse quesito, Halbwachs acredita que:

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que outros estejam presentes, materialmente distintos de nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem. (HALBWACHS, 2003, p. 30)

É impossível rememorar o passado, as lembranças e as recordações de qualquer momento da nossa vida sem a permissão da memória. Nesse aspecto, Halbwachs (2003) considera que as lembranças são reconstruídas a partir das imagens que temos em nossa memória e quando essas são insuficientes, ativa-se a memória coletiva. Normalmente, recorremos a essa memória com base no contexto no qual estamos inseridos, como também nas pessoas que fazem parte do dia a dia ou que, ao menos, temos uma relação mais próxima. O autor enfatiza também a existência dos diferentes pontos que estruturam a memória individual, os quais se somam à memória coletiva, relacionando diferenças entre elas, mas juntas estas se completam. Considera que as lembranças são percebidas e analisadas via contextos sociais para a reconstrução da memória. Assim:

Não basta reconstituir pedaço por pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança. É preciso que esta reconstituição funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, porque elas estão sempre passando destes para aqueles e vice-versa, o que será possível se somente tiverem feito e continuarem fazendo parte de uma mesma sociedade, de um mesmo grupo. (HALBWACHS, 2003, p. 39)

No entanto, essas imagens, no dizer de Halbwachs (2003), nem sempre configuram as verdadeiras cenas do passado, algumas são atravessadas por lembranças reais e outras fictícias, do mesmo modo que ocorrem testemunhos autênticos capazes de reconstruírem consistentemente a cena do passado ou não necessariamente. Entretanto, segundo o autor, nem

todo testemunho recheado de informações precisas e reais, trazido com detalhes no intuito de relembrar um quadro passado, remete a ideia verdadeira do fato.

Cada um traz consigo um grau de envolvimento, interesse, sentimento, sensações, impressões nos grupos ou em eventos que participou, os quais influenciam nos relatos dos acontecimentos. Dessa maneira, é comum acontecer em um grupo alguém lembrar e contar em detalhes os momentos vivenciados, como foi, onde, quem estava presente, enquanto outro não consegue reviver praticamente nada da cena. Então, isso pode ocorrer porque para o primeiro tal situação marcou ou teve importância em sua vida, já para o segundo, aquele cenário em nada ou quase significou. Portanto, não existe uma padronização na ativação da memória. Embora convivendo com um grupo ou família, cada membro tem suas individualidades, suas recordações, e isso não é indício para se lembrar dos fatos da mesma forma que os demais.

As lembranças também ocorrem através de outros dispositivos, como as cartas, as narrativas, os diários, as fotografias, os objetos, possibilitando outras formas de retomar as memórias vivenciadas, que inclusive funcionam como atalhos na montagem dos episódios. A memória também pode ser atravessada pelo ambiente e pelas pessoas, as quais trazem dobras que motivam na condução das lembranças. Halbwachs (2003, p. 59) diz: “A lembrança está ali, fora de nós, talvez dispersa entre muitos ambientes. Se a reconhecemos quando reaparece inesperadamente, o que reconhecemos são forças que a fazem reaparecer e com quais sempre mantivemos contato”.

A relação entre as memórias individual e coletiva é complexa. Embora tragam em seu cerne fenômenos biológicos, elas se relacionam com o contexto histórico, social e cultural nos quais estão inseridas. Mesmo que o sujeito tenha a sua memória individual, ela é impactada à memória social.

Ao entender que a memória está atrelada à cultura, isso reforça a noção de que um evento pode ser narrado de diferentes formas, porque cada indivíduo tem sua memória e seus aspectos culturais, que têm poder na abordagem dos conhecimentos. Desse modo, ninguém descreve um fato da mesma maneira, pois a pessoa carrega as suas experiências, os seus conhecimentos e olhares dentro da sociedade.

A memória coletiva é a memória dos grupos, mas isso não implica dizer que ela é o conjunto de memórias individuais. Esse tipo de memória não limita as vivências individuais dos acontecimentos que dividem visões em comum. Para Halbwachs (2003), o indivíduo não pertence somente a um grupo, mas a vários outros. As cenas das memórias individuais estão nas cenas coletivas, que contribuem e se firmam nas organizações. Nesse sentido, a memória também se define num jogo de poder e razão, que seleciona o que deve ser ou não lembrado.

Então, para o autor francês Halbwachs (2003), a pessoa pode possuir várias memórias, sendo que elas se alteram conforme o grupo que ocupa.

O indivíduo aflora seu grupo de interesse em situações específicas, assim essa memória diz respeito às relações de pertencimento do momento. Por este motivo, a memória dos outros ajuda e complementa a memória individual, mas para que isso aconteça, as lembranças desses grupos precisam ter relação com os fatos que envolveram o passado do indivíduo. Em um trecho, o sociólogo pontua a cooperação da memória coletiva no processo de reminiscência:

Uma ou mais pessoas juntando suas lembranças conseguem descrever com muita exatidão fatos ou objetos que vimos ao mesmo tempo em que elas, e conseguem até reconstituir toda a sequência de nossos atos e nossas palavras em circunstâncias definidas, sem que nos lembremos de nada de tudo isso (HALBWACHS, 2003, p. 31)

Diferentemente, o filósofo Ricoeur (2007, p. 435) questiona a ideia de uma memória correta e justa. Para tanto, argumenta que o sujeito não é autêntico na construção de lembranças. Considerando ainda a questão do esquecimento como próprio dos indivíduos, para ele, esquecer é um risco à memória, porque compromete as representações do passado de forma fidedigna.

Diante das considerações tecidas, enquanto Halbwachs (2003) defende a concepção da memória coletiva no nível da consciência pessoal, Ricoeur (2007) analisa a memória coletiva nos quadros sociais a partir do ponto de vista contrário. Sustenta que nossas lembranças e recordações proveem, também, de uma gama de elementos da coletividade externa. Entretanto, o autor não desconsidera a importância de uma conexão entre os dois níveis: o da experiência pessoal e o da experiência coletiva. Isto posto, o autor traz à luz do conhecimento de que a memória coletiva não se resume somente aos grupos pessoais, mas avança aos grupos políticos, numa dimensão mais abrangente. Assim, é possível uma investigação a nível pessoal da memória e das identidades coletivas.

Ricoeur (2007) contrapõe a teoria de Halbwachs, que defende a memória coletiva a partir do conjunto das memórias individuais, sobretudo da memória na consciência pessoal. Assim, para Ricoeur, a memória é formada pela interação dos indivíduos e dos grupos sociais. Argumenta, ainda, que ninguém nunca está sozinho e as lembranças individuais são respostas da memória coletiva.

Outro filósofo que tem visão contrária a Halbwachs (2003) em relação à memória, é Henri Bergson (2006), que traz a ideia da memória associada ao tempo, portanto, o modo pelo qual notamos as coisas depende da nossa memória, porque ela articula as ações do presente. É essa memória que nos faz sujeitos, a temporalidade produz as memórias, inclusive com seu caráter transitório. Bergson (2006) defende a concepção de que a lembrança do passado

somente seria preservada se na fase adulta carregássemos intactas as representações vividas naquele tempo. Dessa maneira, sabe-se que isso é impossível.

A memória [...] não é uma faculdade de classificar recordações numa gaveta ou inscrevê-las num registro. Não há registro, não há gaveta, não há aqui, propriamente falando, sequer uma faculdade, pois uma faculdade se exerce de forma intermitente, quando quer ou quando pode, ao passo que a acumulação do passado sobre o passado prossegue sem trégua. Na verdade, o passado se conserva por si mesmo, automaticamente. Inteiro, sem dúvida, ele nos segue a todo instante: o que sentimos, pensamos, quisemos desde nossa primeira infância, está aí, debruçado sobre o presente que ele irá se juntar, forçando a porta da consciência que gostaria de deixá-lo fora. (BERGSON, 2006, p. 47- 48)

A reconstrução da lembrança não é simplesmente juntar os pedaços de um acontecimento, é fundamental que essa recordação esteja imbuída de elementos e dados localizados em comum no espírito de cada um. Além disso, é preciso considerar fatores concernentes ao contexto histórico, social e cultural de cada indivíduo.

2.6.2 Memórias Marginalizadas: Dimensões do Subterrâneo

O sociólogo Pollak (1989) traz à discussão fios condutores que repensam a memória coletiva e individual em Halbwachs, incluindo os lugares de memória abordados por Nora e as memórias subterrâneas ou marginalizadas, enfatizando o caráter de reconhecimento e inclusão.

Ao evocar a memória coletiva, retomam-se atores que, intencionalmente, a história tende ao apagamento e silêncio. Trata-se das memórias subterrâneas e marginalizadas. Sujeitos à margem nas memórias dos lugares oficiais, excluídos pelos privilegiados, por normalmente representarem as minorias, como também não serem reconhecidos para a importância histórico-cultural dentro da sociedade. Esse tipo de memória “[...] acentua o caráter destruidor, uniformizador e opressor da memória coletiva nacional” (POLLAK, 1989, p. 4).

Quando a história tenta relembrar sobre esses grupos, prefere, normalmente, enfatizar os conflitos e as disputas ao seu modo, em detrimento das verdadeiras batalhas que poucos tiveram acesso ou conhecem de fato. Segundo Pollak (1989):

Essa ‘memória proibida’ e, portanto, ‘clandestina’ ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação, o cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. (POLLAK, 1989, p. 5)

Ressonâncias do passado retratam os negros deportados em navios na condição de escravos durante séculos, o genocídio dos índios, os assassinatos na ditadura militar, as vítimas

das guerras mundiais, nacionais e locais, todos eles a história os considera como atores secundários que mancharam as páginas dos livros. São vistos como culpados e não vítimas ou lutadores da história, ideia essa que perdura até hoje, provocando com isso o apagamento oficializado dessas memórias marginalizadas.

A fronteira entre a verdade e a inverdade amarga para sempre no subterrâneo de muitos sujeitos. Nesse sentido, enfatizamos no dizer de Pollak (1989) o seguinte testemunho:

Meu avô francês foi feito prisioneiro pelos prussianos em 1870; meu pai alemão foi feito prisioneiro pelos franceses em 1918; eu, francês, fui feito prisioneiro pelos alemães em junho de 1940, e depois, recrutado a força pela Wehrmacht em 1943, fui feito prisioneiro pelos russos em 1945. Veja o senhor que nós temos um sentido da história muito particular. Estamos sempre do lado errado da história, sistematicamente: sempre acabamos as guerras com o uniforme de prisioneiro, o nosso único uniforme permanente. (POLLAK, 1989, p. 8)

Com o propósito de distorcer a história vivenciada pelos sujeitos das memórias marginalizadas, os manipuladores deixaram cicatrizes abertas na sociedade, mantendo por gerações arquivos oficiais “negociados pela história”, pregando a manipulação da história por séculos. Marcos Santana e Vicente Rodrigues (2015, p. 24) questionam: “[...] para que lembrar o que passou? De que adiantaria reviver um passado perdido, já resolvido, se não por ações compensatórias oficiais, ao menos pelo próprio andamento e curso da história?”

O que dizer da ditadura militar que enterrou vidas inocentes e manchou para sempre a história com sangue? Até hoje se ouve os ecos de dores das vítimas ou dos familiares dos sobreviventes. Porém, essas páginas nos livros de história permanecem em branco em muitas partes do Brasil. Interessa escrever a história dos dominadores, a história colonializadora sobre os menos favorecidos, silenciada e apagada. Nesse aspecto, Jacques Le Goff (1990) traz a seguinte ideia sobre a memória:

[...] a memória colectiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória colectiva. (LE GOFF, 1990, p. 368)

Desse modo, urge o grito da reconstituição do passado histórico, que grande parte das gerações mais novas desconhece. Ainda que a intenção dos arquivos oficiais não seja de guardar esse testemunho, é preciso que os indivíduos situados dentro do contexto atual não se calem.

2.6.3 A Memória na Terceira Idade

A memória pode ser retomada através de um gesto, uma música, um cheiro, uma fotografia, um retrato na parede. Assim, todos esses elementos funcionam como gatilhos mentais que, involuntariamente, acionam as lembranças. E uma vez acionada, a memória é afetada. É possível fazer associações, relembrar fatos que envolveram as recordações.

Cada indivíduo tem seu modo particular de recontar ou narrar histórias passadas. Nesse aspecto, a memória do idoso traz processos próprios de um tempo que é só deles, imbuído de experiência, saudosismo, silêncio, esquecimento, sensibilidade, vivacidade. A terceira idade apresenta, dentre muitos elementos, riqueza de detalhes, ao recordar de fatos passados. Embora muitas reminiscências tenham se perdido com a idade, devido às questões fisiológicas, não se pode generalizar, afinal de contas, esquecimento e percepção das lembranças independem da idade. Sobre a memória, Bosi (1994) reconhece que:

[...] a lembrança é uma imagem construída pelos materiais que estão, agora, à nossa disposição, no conjunto de representações que povoam nossa consciência atual. Por mais nítida que nos pareça a lembrança de um fato antigo, ela não é a mesma imagem que experimentamos na infância, porque nós não somos os mesmos de então e porque nossa percepção alterou-se e, com elas nossas ideias, nossos juízos de realidade e de valor. O simples fato de lembrar o passado, no presente, exclui a identidade entre as imagens de um e outro, e propõe sua diferença em termos de ponto de vista. (BOSI, 1994, p. 55)

Conforme o Estatuto do Idoso, Lei 10.741/2003 (BRASIL, 2003), as pessoas com sessenta anos ou mais de idade são consideradas idosas. Atualmente, existe uma preocupação em torno da qualidade de vida e, nesse quesito, a educação tem sido o caminho para muitos deles tornar a vida mais agradável, dinâmica, focada nos mais diversos saberes e trocas de experiências.

Portanto, ninguém apresenta uma memória plena. Os indivíduos são atravessados por questões histórico-social, cultural e biológica. Nesse viés, memória e esquecimento são marcas que provocam alterações, em especial nos velhos.

Ana Lúcia Silva (2015) traz o seguinte ponto:

É fundamental para a compreensão do nosso par memória versus esquecimento, considerarmos que, além dos fatores culturais que interferem na organização mnemônica, outros elementos devem ser considerados; a saber a capacidade biológica das pessoas e os acontecimentos considerados marcos nas trajetórias individual, social e coletiva. Velhice, debilidade física, circunstância traumática afetam diretamente as narrativas que se calçam na memória. (SILVA, 2015, p. 164)

Dessa maneira, é comum o indivíduo se recordar com facilidade de algum episódio e de outro não. Segundo Halbwachs (2003), os indivíduos não se percebem como antes; hoje, nosso olhar é diferente. Nesse sentido, o autor acredita que “Não os vemos agora como víamos outrora, quando ao mesmo tempo olhávamos com os nossos olhos e com os olhos de um outro” (HALBWACHS, 2003, p. 30).

Do ponto de vista biológico, a depender das correntes filosóficas, a memória se subdivide em várias outras. Desse modo, a dimensão pode ser entendida na sua amplitude como memória de curto prazo e memória de longo prazo e, por assim, se desdobrar em outras memórias. Ambas relacionadas aos hábitos, comportamentos, episódios e habilidades.

É possível perceber que por trás de olhares experientes da terceira idade existem lembranças ricas e concernentes à história do lugar onde pertence. Basta conversar com um idoso para sabermos quantas memórias individuais e coletivas eles contarão da cidade, do seu lugar de fala, das suas vivências, das festas, da escola, das comemorações.

A partir dos testemunhos da terceira idade, nesta pesquisa, consideramos questões subjetivas envolvidas nos relatos experienciados. Por esta razão, foi notório que as imagens não foram vistas apenas no plano material, mas das vivências por trás de cada fotografia. Para reforçarmos essa conclusão, apresentamos Ricoeur (2007), que corrobora do mesmo pensamento de que as memórias no plano formal e documental são arquivos marcados pela afetação, assim, “[...] não são os fatos testemunhados que devem falar por si, mas os processos, as relações, enfim todas as engrenagens inerentes ao testemunho enquanto discurso (PANTOJA, 2008, p. 300). Ainda sobre esse enfoque, Ricoeur (2007) considera que os testemunhos não se restringem apenas a documentos, arquivos, mas a sua trajetória perpassa ao nível de representação do passado através das narrativas. Inclusive, segundo o filósofo:

[...] o testemunho é uma narrativa autobiográfica autenticada de um acontecimento passado, seja essa narrativa realizada em condições informais ou formais cuja especificidade do testemunho consiste no fato de que a asserção de realidade é inseparável de seu acoplamento com a autodesignificação do sujeito que testemunha. (RICOEUR, 2007, p. 172)

É importante evidenciar que para rememorar um evento passado não é preciso somente que ele seja recorrido aos outros para que o indivíduo se recorde dele. É necessário que o sujeito traga em si mesmo algum resquício da lembrança para que a cena seja conectada. Dessa maneira, no movimento de recordação, é relevante que a memória individual esteja em harmonia com as memórias de outros grupos sociais, que tenha elementos em comum dentre os membros. Assim, no Grupo de Discussão, foi perceptível o quanto as vivências e os relatos da

terceira idade também contribuíram para esta pesquisa. Nesse ponto, a professora denominada como Maria Pitu afirmou que:

“Eles trouxeram um acervo maravilhoso para essa geração que não conheceu né, aquela época, aqueles lugares. E o contexto histórico, né, essas fotografias que eles trouxeram... vieram também o contexto histórico da época. Então, são memórias do lugar, memórias afetivas, memórias sociais, memórias históricas e junto com a fotografia impressa. Então, a presença das pessoas da terceira idade foi fundamental pra, inclusive para embasar o trabalho, memória. Eles trouxeram memórias afetivas, memórias do lugar, do contexto social. Então, eu acho que eles vão dar uma grande contribuição, nesse sentido, das vivências... a riqueza cultural, né, que eles viveram, que eles trouxeram de uma riqueza muito grande. Eu acho super importante”.
(MARIA PITU, 2021)⁶

A participação da terceira idade transportou elementos potentes, permitindo assim a relação entre as gerações (terceira idade, professores e estudantes). Reforçando essa questão, a professora Maria Pitu (2021) afirmou que: *“[...] houve esse link, essa união entre duas gerações, entre gerações diferentes. E aí é, há necessidade de um respeito e de uma atenção maior né, para que essas gerações, que vieram antes da gente, tenham a nos dizer, tenha a nos ensinar”.*

Do ponto de vista do caráter educativo das memórias, a exemplo da terceira idade, as contribuições são possíveis para o suporte pedagógico. Novamente, a mesma professora defende a ideia de que *“[...] trazer essas pessoas é tipo, trazer a memória viva para dentro da escola, entendeu?”*

Bom saber que os idosos atravessaram a sociedade quando jovens e adultos, participando ou inseridos num contexto com características próprias da época. Hoje, o bordado é produzido com outros detalhes, tecido com linhas, muitas vezes, diferentes, daí outros olhares, outras propostas e pessoas distintas. Essa mudança de realidade para muitos deles representa as memórias do passado, de antigamente, como se suas andanças e os seus contextos não tivessem mais importância ou sentido. No entanto, defendemos a ideia de que a terceira idade existe com todas as suas narrativas, histórias, sonhos, porque antes existiam esses mesmos protagonistas, quando jovens e adultos. Vale ressaltar que a vida muda a cada instante, o tempo passa; porém, as histórias não morrem, elas perduram na memória das pessoas, em cada família. Em cada um de nós existe uma lembrança de algo, com suas especificidades e significados.

⁶ Optamos, em comum acordo, no Grupo de Discussão, identificar os nomes dos participantes por distritos, igrejas, praças, rios, personagens, entre outros patrimônios históricos e culturais, com o intuito de preservar a identidade de cada um.

2.6.4 Lugares de Memória

Os lugares de memória surgem quando são percebidas as possibilidades de desaparecerem os vestígios da história. Essa necessidade é fruto de manter viva a memória em forma de documentos e arquivos, entre outros mecanismos:

Nenhuma época foi tão voluntariamente produtora de arquivos como a nossa [...]. À medida que desaparece a memória tradicional, nos sentimos obrigados a acumular religiosamente vestígios, testemunhos, documentos, imagens, discursos, sinais visíveis do que foi, como se esse dossiê cada vez mais prolífero devesse se tornar prova em não se sabe qual tribunal da história. (NORA, 1993, p. 15).

Atualmente, existe uma preocupação em se guardar a memória. Nora (1993) parte do princípio de que os museus, cemitérios, arquivos, santuários, associações, festas e até mesmo jornal impresso são representativos dos lugares da memória. O autor acrescenta ainda que os lugares de memória são “[...] sinais de reconhecimento e de pertencimento de grupo numa sociedade que só tende a reconhecer indivíduos idênticos” (NORA, 1993, p. 13).

Nesse sentido, sob ameaça de apagamento da história passada, de entendimento que não existe uma memória espontânea, se pensa em notariar os fatos, criar arquivos, mesmo que ainda seja um desejo das minorias. Para Nora (1993),

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa os varreria. (NORA, 1993, p. 13)

A necessidade que o mundo tem em guardar suas histórias confirma a importância de cuidar para não perder o que ainda restou do passado. Por esta razão, que os lugares de memória permitem estabelecer a relação entre memória e história, primando pela preservação. E ainda, a defesa se ancora mediante o descaso e a ameaça da memória ser assolada e transformada. No dizer de Nora (1993, p. 13), “Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que eles envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória”.

Em busca do reconhecimento da história e de pertencimento, se é pressionado a cuidar, embora o sentimento vínculo não seja de fato compreendido e valorizado. Hoje talvez, até observado com distanciamento e descaso para muitos, que trazem um olhar frio e sem reconhecimento de uma herança nacional. À vista disso, sabe-se que a história é, muitas vezes,

instituída de elementos que dependem de diversas instâncias sociais, sendo o poder o marcador de todo processo histórico e social. À luz de Nora (1993), o processo de aceleração da história contribui para que o passado seja enterrado. O autor sinaliza alguns elementos que favorecem para a queda da memória, dentre eles a “mediatização”, a “democratização”, a “massificação”, entre outros.

Le Goff (1990) defende o conceito de que a memória é inegável para o desdobramento da História. Nesse aspecto, o historiador reforça que “A memória, onde cresce a história, que por sua vez a alimenta, procura salvar o passado para servir ao presente e ao futuro. Devemos trabalhar de forma que a memória coletiva sirva para a libertação e não para a servidão dos homens” (LE GOFF, 1990, p. 411). Portanto, considera a História como ciência dos seres humanos no tempo, situando-a numa perspectiva mais humana. E ainda pautado na ideia de que os acontecimentos sempre estão interligados com situações presentes. Desse modo, os lugares de memória não são lugares alheios, ao contrário, são locais de representações e significados. Destarte, o ensino de História tem relevância nessas abordagens, tendo em vista as possibilidades enumeradas nas prerrogativas de contribuição e na percepção das diferentes relações existentes nas praças, nos monumentos, nas festas, enfim, nos diferentes lugares que se encontram memórias e suas trajetórias de vida.

O olhar retrospectivo pode ser fragilizado pelo próprio tempo. Há de convir que os lugares de memória são excelentes fontes para manter as narrativas e subsídios identitários de um povo, mas isso não quer dizer que sejam os salvadores das memórias, dos acontecimentos e fatos, pois não é nenhuma espécie de oásis, mas tem valor expressivo. Compreender e reconhecer os lugares de memória é um grande passo para ampliar os olhares e defender esse discurso nos mais variados espaços sociais, pois são espaços que funcionam como guardiões e instrumentos de acesso e solidificação da história.

Nesse sentido, não se pode separar os lugares de memória com as memórias do povo, dito isso, reforçamos a importância de incluir e rever esses ambientes, considerando as memórias subterrâneas ou marginalizadas como sujeitos presentes dentro da História.

2.7 EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Patrimônio são bens materiais ou imateriais que possuem uma representação simbólica, histórica e cultural da sociedade. São elementos que agregam e caracterizam a identidade de um grupo ou de uma comunidade, dos povos, desde as manifestações culturais, como um simples objeto material, que tenha devido valor afetivo ou representatividade para quem o

possui. O patrimônio pode ser a rua, a praça, a escola, os modos de vida de uma comunidade, cidade, país; as memórias, as danças, as festas, as histórias e os relatos construídos ao longo do tempo, que demarcam singularidades, vivências, considerando a ideia de pertencimento e da diversidade.

Para Oriá (2001 *apud* MALTEZ *et al* 2010, p. 41), os conceitos de patrimônio considerados pelos elitistas ficaram tão marcados que, até hoje, é comum a expressão que considera patrimônio histórico como monumento, edificação notável, o que provoca, a partir dessa concepção elitista, problemas relativos ao pertencimento e à valorização dos patrimônios culturais.

Antes, a expressão era *Patrimônio Histórico e Artístico*, que foi substituída pela expressão *Patrimônio Cultural*. Essa mudança decorreu da participação da sociedade civil em discussões, posicionamentos e análises frente à seleção e à preservação dos bens patrimoniais, conforme afirma Camila Maltez *et al* (2010).

Atualmente, a valorização do patrimônio encontra-se ameaçada, porque na maioria das vezes as políticas públicas vigentes não asseguram a conservação e a preservação desses bens. No Brasil, é comum considerar a cultura da preservação patrimonial com base na tradição europeia, onde o patrimônio é construído a partir da história da arte. Sandra Bernardes Ribeiro (2005, p. 52) revela que “[...] na prática as ações são direcionadas para a proteção da cultura da elite”.

Nesse sentido, tombamentos feitos por órgãos como o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁷ consideram “[...] os monumentos representativos da arte e da arquitetura colonial da camada mais rica da sociedade como as fortificações militares, igrejas e conjuntos arquitetônicos”. Logo, são preservados as construções e os objetos da classe dominante. Conforme Carlos Lemos (1981):

Guardaram-se os artefatos de exceção e perderam-se para todo o sempre os bens culturais usuais e corriqueiros do povo. Esses bens diferenciados preservados sempre podem levar a uma visão distorcida da memória coletiva, pois justamente por serem excepcionais não têm representatividade. (LEMOS, 1981, p. 22)

⁷ IPHAN: Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural, “[...] é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras. [...] O Iphan também responde pela conservação, salvaguarda e monitoramento dos bens culturais brasileiros inscritos na Lista do Patrimônio Mundial e na Lista o Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade, conforme convenções da Unesco, respectivamente, a Convenção do Patrimônio Mundial de 1972 e a Convenção do Patrimônio Cultural Imaterial de 2003.” Fonte: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/872> Acesso em: 18 maio 2020.

Para Horta, Grunberg e Monteiro (1999), o patrimônio não se restringe a monumentos ou heróis mencionados pela história tradicional, mas aos mais diversos aspectos e expressões identitárias de grupos, comunidade e sociedade. Portanto, na abordagem sobre a patrimonialização, precisamos rever os fatores de cunho meramente informativo e contemplativo. Assim, ao atuar ou trazer essa temática à discussão importa considerar os olhares que mirem nos aspectos que respeitem e valorizem os protagonistas na sua própria história e não como meros espectadores.

Segundo Jozânia Carvalho Leão (2013), o patrimônio cultural é um conjunto de bens que estão vivos na história de um povo, transmitidos de geração a geração. Assim, ancorar as discussões e os estudos à história oral e à educação patrimonial é reconhecer que os povos têm uma história, uma memória. E para tanto, a Educação Patrimonial é um instrumento de ensino e aprendizagem de caráter sério, que requer, portanto, um trabalho contínuo e bem planejado. A autora acredita que a sala de aula é um local propício para o entendimento e a conscientização a partir do estudo do patrimônio. No entanto, quando atuamos com a Educação Patrimonial numa conjuntura crítica reflexiva, é importante considerarmos a tríade: conhecer, refletir e transformar. Cada uma dessas categorias tem relevância no campo da educação.

Lemos (1981) tece pressupostos relevantes sobre a questão de o porquê preservar, observando diretrizes e características peculiares de cada sociedade. Ressalta que o conceito de preservação é muito maior, pois inclui aspectos tangíveis e intangíveis, preservando a memória daquilo que se considera mais significativo diante da dimensão do patrimônio cultural. Horta, Grunberg e Monteiro (1999) apresentam definições, metodologias e sugestões de atividades, no intuito de orientar professores, estudantes e pessoas envolvidas no estudo e trabalho com o patrimônio, considerando os exemplos concretos realizados em diversos espaços do Brasil. No entanto, as atenções concernentes a esse Guia prezam pelas relações e atuações em torno desse estudo, que requer muito mais que normas a serem seguidas. Desse modo, vale frisar que a educação patrimonial ultrapassa a cartilha de modelos e formas do fazer, do seguir, mas essencialmente, ações que primam pelo diálogo, a pluralidade, o contexto dos grupos inseridos no processo. Nesse aspecto, a professora Kiriri (2021) pontua que:

“A escola é o local adequado para trazer essas fontes e discutir. Valorizar, inclusive também, através das fotografias da própria história local, a cultural regional, bem interessante. Essa semana eu tava trabalhando com os meus alunos a questão do ciclo minerador né, aqui em Jacobina. E fazendo uma discussão com eles de que Jacobina já podia ter uma, digamos assim, os gestores que passaram, podiam ter um olhar mais atento, e articulado com a história e o patrimônio, e preservar muita coisa, porque Jacobina teria um potencial gigante para essa questão patrimonial né? E a gente não tem muita coisa que remonta essa época. Ainda que seja uma época de grande

exploração né? Que tem o processo da migração, dos indígenas locais, dos africanos, mas não tem. [...]” (KIRIRI, 2021)

Os autores Pedro Funari e Sandra Pelegrini (2009) fazem uma breve trajetória do contexto patrimonial no mundo até o Brasil. Tratam, ainda, do patrimônio individual e coletivo, dos elementos controversos que sinalizam como o Brasil tem se mostrado atualmente, atravessado entre a preservação em alguns lugares e a degradação em outros. Para tanto, enxergamos que as atitudes radicais por parte do poder público têm gerado o apagamento histórico das cidades. Tudo em detrimento do moderno e da desvalorização do antigo e do velho. A cultura do progresso e modernidade é importante e necessária, entretanto, essas transformações precisam ser dialogadas, analisadas, considerando e respeitando os diversos olhares. É por isso que existe conflito em torno dessa questão. Logo, a educação patrimonial deve apresentar caráter dialógico, mediador e reflexivo, ou seja, é preciso conversar com a população, com quem de fato atua e estuda sobre as questões do patrimônio. Porém, da forma como ocorre, normalmente, gera conflito. Por isso, é importante considerar as vivências, a história, ouvir as pessoas, os historiadores e pesquisadores. Caso contrário, se cada gestor que assumir a prefeitura defender a ideia de derrubar as construções antigas, os casarões, o que ficarão na cidade de patrimônio histórico material? Para tanto, o IPHAN considera que:

[...] a Educação Patrimonial constitui-se de todos os processos educativos formais e não formais que têm como foco o Patrimônio Cultural, apropriado socialmente como recurso para compreensão sócio-histórica das referências culturais em todas as suas manifestações, a fim de colaborar para seu reconhecimento, sua valorização e preservação. Considera ainda que os processos educativos devem primar pela construção coletiva e democrática do conhecimento, por meio do diálogo permanente entre os agentes culturais e sociais e pela participação efetiva das comunidades detentoras e produtoras das referências culturais, onde convivem diversas noções de Patrimônio Cultural (FLORÊNCIO; CLEROT; BEZERRA; RAMASSOTE, 2014, p. 19)

Destarte, dispor e compreender os eixos norteadores para a atuação sobre patrimônio cultural, expandindo a ideia desse conceito (disposto no artigo 216 da Constituição Federal de 1988)⁸, a partir da participação da coletividade e das políticas públicas do Estado. No dizer de Florêncio, Clerot, Bezerra e Ramassote (2019, p. 59), “[...] foi se consolidando o entendimento da educação como processo que privilegie a construção coletiva e dialógica do conhecimento e

⁸ Art. 216. “Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: I - as formas de expressão; II - os modos de criar, fazer e viver; III - as criações científicas, artísticas e tecnológicas; IV - as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; V - os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico.” Fonte: http://portal.iphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf Acesso em: 18 maio 2020.

que identifique os educandos como sujeitos históricos e transformadores de suas realidades em seus territórios”.

Enfim, tratar da patrimonialização nos ambientes formais e informais da educação, atuando junto com os atores sociais e culturais, numa perspectiva crítico e dialógico, é oportunizar e inserir todos os sujeitos nesses espaços. E, sobretudo, entender que eles são os agentes dos saberes dentro do seu território, do contexto histórico e cultural. Em suma, o patrimônio cultural não está isolado, ao contrário, é razão para uma política pública de caráter intersetorial.

2.7.1 Estudos Culturais: Paragens e Travessias

Os estudos culturais foram criados em 1964 por Raymond Williams, Richard Hoggart e Edward P. Thompson, na Inglaterra. Tempos depois, avançaram para outros países com novos conceitos, métodos, numa perspectiva plural. Nesse sentido, importa afirmar que os estudos em torno da cultura deslocaram da hegemonia de uma cultura ligada à arte pertencente à elite, com ideias e abordagens tradicionais e canônicas, direcionando, então, para o sentido plural e heterogêneo.

Inicialmente, os estudos culturais estavam relacionados excepcionalmente às questões políticas, nas décadas de 1950 e 1960. Após esse período, os rumos foram diferentes, despontando influência das personalidades como: Michel Certeau, Michel Foucault, Pierre Bourdieu, entre outros.

Hall (2013) marcou indelevelmente o campo dos estudos culturais. A ideia central, nessa época, era que os estudos culturais fossem analisados ou centrados a partir das ideias de “luta” e “resistência”, com foco, principalmente, na motivação dos estudos como práticas de resistência das subculturas. Ana Carolina Escosteguy (1998, p. 89) afirma que “[...] a proposta original dos *cultural studies* é considerada por alguns, como mais política do que analítica”. Por conseguinte, o campo dos estudos culturais expandiu numa perspectiva da diversidade, com Hall, sujeito predominante, e um dos criadores do *Center for Contemporary Cultural Studies* (CCCS), da Universidade de Birmingham, considerado a figura mais importante desse centro. Contudo, é notório que nas décadas iniciais, os primeiros estudos culturais tomavam como defesa a análise pautada nos movimentos sociais vinculados à política. No momento seguinte, esses estudos, ainda de forma fragmentada, devido os resquícios das ideias das décadas anteriores, continuaram com a proposta baseada no conceito de cultura. No sentido de incluir

as pessoas comuns, grupos excluídos, que os estudos culturais corroboram na perspectiva de valorização e reconhecimento dos sujeitos a partir das suas próprias identidades.

Desse modo, os estudos culturais buscam compreender as relações sociais nos mais variados aspectos, abarcando a cultura em seu sentido heterogêneo, possibilitando, assim, abordagens que conduzem as produções diversas. Entretanto, o estudo da cultura permite múltiplas discussões, é um campo aberto às divergências e convergências e não com ideias cristalizadas e fechadas num só ângulo.

Conceituar a cultura é algo desafiador, visto que cultura é um termo que não se define, ela é movente, razão pela qual essa expressão não se fecha em um conceito. Ainda, que ousássemos defini-la, seria necessário atentarmos para a ideia de que a cultura varia a partir dos diferentes períodos, isso significa dizer que ela perpassa toda a história da humanidade. Portanto, no dizer de Tatiana Sanches (2011, p.16). “[...] esta definição nos escapa por completo, pois é sujeita a contextos históricos, posicionamentos ideológicos, pontos de partida diversos e sempre deixa restos não contemplados”.

O fundamento que norteia os estudos sobre cultura justifica-se pela compreensão da maneira de superação humana diante da morte, das dores e das perdas que o ser humano enfrenta no decorrer da vida. Segundo Sanches (2011), a ideia dos rituais, mitos, religiões, crenças e criações são modos para que o indivíduo alivie suas tensões e compense através das ideologias as mazelas da vida.

Hoje em dia, os estudos culturais vêm avançando e ampliando a filosofia de que a cultura e a sociedade estão interligadas. Desse modo, tais estudos exercem cada vez mais influência e reflexões no campo da educação, defendendo a ideia de uma sociedade mais democrática e multicultural. Hall (1997) pressupõe que:

A ação social é significativa tanto para aqueles que a praticam quanto para os que a observam: não em si mesma, mas em razão dos muitos e variados sistemas de significado que os seres humanos utilizam para definir o que significam as coisas e para codificar, organizar e regular sua conduta uns em relação aos outros. Estes sistemas ou códigos de significado dão sentido às nossas ações. Eles nos permitem interpretar significativamente as ações alheias. Tomados em seu conjunto, eles constituem nossas ‘culturas’. Contribuem para assegurar que toda ação social é ‘cultural’, que todas as práticas sociais expressam ou comunicam um significado e, neste sentido, são práticas de significação. (HALL, 1997, p. 16)

Falar sobre cultura na atualidade é romper com as ideias fixas e pré-moldadas; é pensar nas produções culturais com significados heterogêneos. É campo aberto a novas aventuras, à multiplicidade. Portanto, ao tratar dos estudos culturais, corroboramos também para outra categoria: a Educação Patrimonial. Com isso, permitiram-se a travessia e o deslocamento para

outros olhares, outras visões sobre o mundo. Dessa maneira, é possível a inserção dos estudos culturais com vistas ao estudo do meio, das histórias, das memórias e das fotografias dos patrimônios, haja vista, cultura está naturalmente inserida nos contextos históricos e culturais, permitindo, assim, atalhos que articulem ideologias e representações, envolvendo os indivíduos e os grupos no contexto social imerso nas relações de gênero, classe, valores e cultura.

Em vista disso, trazemos, também, para completar essa tríade, a educação patrimonial como parte desse viés cultural e identitário, pois, os estudos culturais estão relacionados com a educação patrimonial, tendo em vista que contempla os artefatos, como a fotografia, por exemplo. Falar de educação patrimonial é também entender esse elemento dentro dos estudos culturais, da identidade. A expressão *patrimônio cultural* tem sido comum nos dias atuais, presente na mídia, nos espaços acadêmicos, e usado por pessoas ligadas ao meio cultural.

Desse modo, a ideia de salvaguardar, proteger a memória e as representações culturais são amplamente reconhecidas no mundo. Contrapondo o viés meramente tradicional, pautamos esta dissertação numa educação de cunho dialógico, reflexivo e plurissignificativo. Essa última característica trata da relação da educação patrimonial com a educação, com vistas a contemplar e olhar para os sujeitos sociais a partir de suas referências culturais, seu território, suas ideologias, suas vivências, entre outros aspectos significativos. Sobre esse enfoque, a professora Maria Pitu pontuou a importância de utilizarmos as fotografias do patrimônio histórico e cultural com base no território dos estudantes:

“Eu acho que é isso que a gente tava falando, os estudos culturais, é você partir do local para o global e não do global para o local, porque a gente tem esse equívoco de tá olhando para o que é do outro. Na verdade, às vezes o que tá em nosso entorno é muito mais interessante, muito mais rico ou até tão, tão interessante que as outras culturas né, que a gente estuda, que a gente vê e a gente não se dá conta, porque existe ainda um processo de colonização, né? A gente está sempre refletindo a partir da leitura do colonizador, da perspectiva do colonizador. Então, por isso que é necessário essa descolonização. Quando você passa por um processo de descolonização, que faz parte dos estudos culturais, a gente começa a perceber a riqueza que existe no nosso espaço né, na nossa cidade. Então, é a fotografia, ela é muito importante para a gente perceber isso”. (MARIA PITU, 2021)

Quando utilizamos as fotografias do patrimônio da cidade de Jacobina, inserimos estudos sobre a cultura, a movência da memória, pelos gritos saudosos, sufocados pelo silêncio e descaso em relação à falta de valorização dos aspectos tangíveis e intangíveis do patrimônio.

Nesta dissertação, o ponto de convergência dos estudos culturais com o tema abordado pode ser visto também na ressignificação da relação da educação patrimonial. Desse modo, trazemos a fotografia, dando a ela o *status* de memória e cultura. Isso está pautado na mesma filosofia dos estudos culturais defendida por Hall (2013). Assim, o autor cooperou para o

fortalecimento de elementos fundamentais sobre os estudos culturais como movimento, não como algo fixo, nem de defesa de que tudo se resume à cultura. Pelo contrário, o autor considera esse aspecto sob o ponto de vista do movimento e do deslocamento, independentemente de serem elementos da zona rural ou dos centros urbanos, da elite ou os sujeitos mais humildes e pobres.

A partir das identidades envolvidas, mediadas pelas fotografias dos patrimônios, foi possível o desvelar das narrativas e dos elementos culturais presentes. Tratamos da memória, da fotografia e das identidades que envolveram estudantes, professores/as, fotógrafos e a terceira idade, numa diversidade marcada por gerações, através das suas experiências, não do discurso de caráter rígido e fixo. Desse modo, ao inserir outras identidades, permitimos a quebra de fixidez, possibilitando o movimento de interação, abrindo espaço para um mosaico de discussões e questões acerca do patrimônio histórico e cultural. Com isso, novos olhares e a compreensão de elementos culturais e identitários a partir das fotografias e das memórias.

A relação dos estudos culturais com a temática deste projeto configura aspectos relevantes na contemporaneidade com vistas às noções acerca da fotografia, da memória, do patrimônio, da identidade, entre outros, reforçando a ideia das práticas culturais no sentido da relação do ser humano com o seu cotidiano. Entretanto, cabe ressaltar que o trabalho da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO)⁹ é de estimular governos, associações, como a Organização Não Governamental (ONGs)¹⁰, comunidades locais a salvaguardar, preservar, valorizar e reconhecer o seu patrimônio. E para essa instituição, uma forma de cuidar do patrimônio é de “[...] garantir que os portadores desse patrimônio possam continuar produzindo e transmitindo cultura” (UNESCO, 2006).

Por fim, a cultura de um povo se constitui nas tradições, nos saberes, nos rituais religiosos, nas línguas, nas festas, entre outros elementos, e manifestações recriadas e coletivamente revistas ao longo dos anos. Para alguns defensores desse tema o patrimônio imaterial é fruto de identidade que conduz a sua própria história.

⁹ “A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) é uma agência especializada das Nações Unidas (ONU) com sede em Paris, fundada em 4 de novembro de 1946 com o objetivo de garantir a paz por meio da cooperação intelectual entre as nações, acompanhando o desenvolvimento mundial e auxiliando os Estados-Membros – hoje são 193 países – na busca de soluções para os problemas que desafiam nossas sociedades”. Fonte: <http://portal.mec.gov.br/encceja-2/480-gabinete-do-ministro-1578890832/assessoria-internacional-1377578466/20747-unesco> Acesso em: 30 ago. 2021

¹⁰ “As Organizações Não Governamentais (ONGs) são organizações sem fins lucrativos, constituída formalmente e autonomamente, caracterizadas por ações de solidariedade no campo das políticas públicas e pelo legítimo exercício de pressões políticas em proveito de populações excluídas das condições da cidadania” Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/Organiza%C3%A7%C3%A3o_n%C3%A3o_governamental Acesso em 30 ago. 2021

2.7.2 A Educação Patrimonial e seus Entraves

A Educação Patrimonial tem enorme papel na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9394/96 (BRASIL, 1996) a qual indica em seu artigo 1º que os processos formativos se evidenciam na vida familiar, na convivência com o próximo, nas instituições de ensino, nas manifestações culturais e nos movimentos sociais e culturais.

O estudo do patrimônio possibilita um diálogo pelo viés da sociedade sobre as questões de preservação e valorização das nossas memórias. Nesse sentido, Horta, Grunberg e Machado (1999) enfatizam a Educação Patrimonial como instrumento de aprendizagem, a fim de se conhecer o percurso histórico-temporal e a realidade sociocultural em que os sujeitos estão inseridos.

Para Leão (2013), os estudantes veem o patrimônio como elemento referente aos espaços antigos e velhos. Além disso, eles não se consideram como sujeitos culturais. Outro ponto foi a relevância de desconstrução da ideia de que os alunos têm sobre museus, ou seja, em sua maioria, percebem os patrimônios simplesmente como espaços que servem para guardar objetos antigos e velhos da história das elites tradicionais. Por isso, a autora considera relevante ampliar e se aprofundar nessa temática, a fim de que eles se apropriem e tenham acesso aos conceitos essenciais da educação patrimonial.

Sabe-se da grande relevância dessa discussão, porém, não se tem um currículo que priorize ou dê ênfase a essas questões. Portanto, é necessário que se amplie o debate sobre o tema, apontando para uma proposta de inserção curricular, uma ação mais efetiva na Educação Básica, reforçando a necessidade de uma educação escolar que contemple um estudo mais aprofundado e significativo sobre o patrimônio histórico e cultural.

Para tanto, a reflexão acerca do papel da educação e da preservação do patrimônio histórico e cultural, imbuída nos diferentes territórios e âmbitos sociais vislumbra dimensões e possibilidades de ações educativas atravessadas em diversos aspectos, concernentes ao pertencimento, bem como à afetividade. Desse modo, Ana Carmem Casco (2006) coloca:

Ensinar o respeito ao passado, mais do que a sua simples valorização, é contribuir para a formação de uma sociedade mais sensível e apta a construir um futuro menos predatório e descartável, menos submetido à lógica econômica de um mercado cada vez mais voltado para jovens, seus hábitos e seus gostos (ou a falta e a volatilidade destes). É construir uma sociedade que respeite seus velhos como portadores de saberes e tradições que precisam e devem ser reinventadas ou transmitidas, em sua integridade, às gerações futuras. Uma sociedade cultivada, seja pelos meios formais de educação – a escola –, seja pelos informais – a família, os mestres, as práticas sociais, etc. e será culta, no sentido mais amplo de portadora de uma cultura, na medida em que for capaz de escolher, no passado e no presente, aqueles objetos, signos, pessoas,

tradições etc. – com os quais quer construir sua linha do tempo no mundo. (CASCO, 2006, n.p.)

Segundo Maltêz *et al* (2010), é salutar ações efetivas de conscientização e valorização do patrimônio histórico e cultural a partir das instituições escolares. Segundo esses autores, o contato direto com evidências e manifestações da cultura conduz os sujeitos à percepção e à valorização de sua identidade cultural. Acrescentam que essa temática sobre patrimônio tem grande relevância no Currículo Escolar, pois os alunos poderão se envolver num trabalho referente aos fatores sociais e culturais a partir do seu lugar.

Para Horta, Grunberg e Machado (1999), o trabalho sobre patrimônio histórico e cultural nas escolas representa melhor compreensão nas disciplinas/áreas de História e Estudos Sociais, pois são as que normalmente tratam dessa temática em sala de aula. Diferentemente é o que ocorre na maioria das outras disciplinas dentro do Currículo Escolar, cujo tema nem sequer é notado até os dias atuais.

Vera Maria Candau e Antônio Flávio Moreira (2008, p. 13) consideram que “Não há educação que não esteja imersa em um contexto cultural”. Para tanto, a LDB 9394/96 preconiza no artigo 26 que a parte diversificada nos currículos deve considerar as características regionais e locais da sociedade e da cultura, dando espaço para novas proposições de ensino. Contudo, infelizmente, existem restrições, em grande parte das escolas, em trabalhar a questão do patrimônio, e é comum ocorrer ações pontuais.

Nesse sentido, é preciso destacar algumas questões, deixando claro que a abordagem dessa temática vai além de simples momentos culturais e comemorativos nas escolas. O trato do patrimônio não se restringe a encontros ou eventos pontuais, mas sim a um trabalho contínuo no decorrer do ano letivo, inserido, inclusive, no Projeto Político Pedagógico (PPP)¹¹ da escola. A exemplo disso, no trato sobre temas relevantes sobre os negros, os indígenas, entre outros, que poderiam ser discutidos no decorrer do ano letivo, não somente em datas do calendário.

Scifoni (2017) considera que as práticas educativas relacionadas à Educação Patrimonial no Brasil ainda são rasas e ultrapassadas. Assim, a autora acredita em proposições no sentido de renovar e prevalecer avanços de desconstrução de ideias tradicionais e conservadoras nessa área. Para Scifoni (2017), dentre os vários problemas existentes referentes à Educação Patrimonial no Brasil, um deles se resume no que ela expõe:

¹¹ O Projeto Político Pedagógico (PPP) é um documento de cunho educativo da escola, norteador para reflexão, objetivos e metas da Unidade Escolar. O PPP tem como propósito contemplar e considerar o planejamento construído coletivamente com os docentes e representantes dos líderes escolares. Balizado na aprendizagem dos estudantes para que fomentem a reflexão e análise do percurso social, pedagógico e profissional dos mesmos.

[...] diz respeito às dificuldades atuais de constituição de um arcabouço conceitual fundamentador de um campo de reflexão. O impasse não se resume a existência de diferentes posições teóricas, mas a ausência de um único lugar de discussão no qual estas diferenças sejam contratadas e debatidas. Este lugar de discussão não existe em unidade, mas está pulverizado em diversas nomenclaturas de campos, que atual de forma pontual e isolada, muitas vezes autocentradas. (SCIFONI, 2017, p. 6)

A abordagem do estudo do patrimônio na escola, normalmente, é de fortalecer essas discussões sobre o patrimônio histórico e cultural. Sob esse enfoque, o trabalho de sensibilização é um caminho para a valorização e a conservação do patrimônio.

Segundo Casco (2006), é possível que a educação assuma:

Seu papel de agente no processo social, produtora de saber e não apenas consumidora e reprodutora de conhecimentos dados; as ações educativas voltadas para a preservação devem contribuir para a formação de sujeitos ativos e livres na construção de sua própria vida e da dimensão coletiva a ela inerente. É essa dimensão coletiva, conquistada e reafirmada, que permite ao indivíduo ressignificar termos como cidadania, participação, responsabilidade e pertencimento. A educação pode ser um dos meios através dos quais se desvende o rosto digno da diversidade brasileira. (CASCO, 2006, n.p.).

Para tanto, é preciso pensar em políticas culturais com a juventude estudantil, através do desenvolvimento de ações que implementem e democratizem os saberes sobre a história, a cultura, a arte, o patrimônio, a preservação da memória cultural e a apropriação de saberes. Seria relevante o estudo do patrimônio num enfoque mais abrangente e com olhares sensíveis sobre a importância de um trabalho direcionado à sala de aula, valorizando o protagonismo estudantil.

Dessa forma, faz-se necessário pensar num alinhamento às proposições vigentes na educação atual com uma proposta inclusiva no campo da educação patrimonial. É salutar buscar um conhecimento mais investigativo e reflexivo sobre o nosso passado, o presente, a história de vida das pessoas, as identidades culturais e o local de pertencimento, assim como as linguagens artísticas e culturais que se constituem na nossa memória ou no nosso patrimônio imaterial, como também no patrimônio material. Acrescentando ainda a ideia de resgate da autoestima de reconhecimento dos sujeitos constituídos por memórias patrimoniais.

A partir desse problema, é relevante que a escola reconheça as inúmeras expressões culturais, os costumes e as histórias dos sujeitos, percebendo-os como patrimônio vivo da humanidade. Considerá-los a partir do contexto ao qual pertencem, representa, então, os primeiros passos para a percepção do quão importante é o estudo desse tema nas escolas. Nesse aspecto, Florêncio, Clerot, Bezerra e Ramassote (2019) consideram imprescindível:

[...] que toda ação educativa assegure a participação da comunidade na formulação, implementação e execução das atividades propostas. O que se almeja é a construção coletiva das ações educativas, identificando a comunidade como produtora de saberes que reconhece suas referências culturais inseridas em contextos de significados associados à memória social do local e, também, produtora de ações educativas fortemente adequadas às especificidades de seus territórios. (FLORÊNCIO; CLEROT; BEZERRA; RAMASSOTE, 2019, p. 62)

Desse modo, os autores mostram um panorama histórico e estratégias efetivas nos últimos anos, de acordo com abordagens pautadas na sistematização de ações educativas de proteção e preservação do patrimônio, substanciadas na produção coletiva do conhecimento e na educação dialógica nos moldes freirianos.

No dizer de Scifoni (2017), é preciso ampliar as reflexões, no que tange às ideias relacionadas à Educação Patrimonial, visto que elas continuam situadas fora do tempo, de modo que não lincam com o contexto histórico atual. E nesse sentido, Fernandes Júnior (2006) defende a ideia de consolidar o discurso e a reflexão no estudo do patrimônio a partir dos lugares de memória, pois, estes representam o direito à memória. Enfim, é preciso incorporar os patrimônios às políticas de afirmação do sujeito em comunidades nas quais estão inseridos.

Nesse âmbito, é relevante superar o debate do passado, inserindo o patrimônio no contexto atual, nas instâncias públicas, privadas e nos mais variados ambientes formais e informais da educação. Dessa maneira, existe uma instrução normativa que trata a Educação Patrimonial como tema instituído, através da Portaria 137/2016, conforme cita Scifoni (2017), que expõe os seguintes princípios:

[...] favorecer a participação social nas ações educativas; integrá-las no cotidiano e na vida das pessoas; compreender o território onde se atua como espaço educativo; fomentar a relação de afetividade em relação aos bens culturais; e, principalmente, reconhecer que as práticas educativas se inserem em um campo de negociação e conflito entre diferentes grupos sociais. (SCIFONI, 2017, p. 10)

Partindo do contexto dos sujeitos, é possível conectá-los à essência da compreensão de patrimônio, pois pressupomos que o conceito de patrimônio está sempre em reconstrução e depende de outros conceitos em busca de sentido. Do contrário, entendemos que seria negar que o referido estudo ultrapassa a imersão da própria história e realidade. Por conseguinte, a metodologia na abordagem dessa temática sofreu mudanças fundamentais e segue na contramão do que tem ocorrido. Em vez de partir de conceitos soltos e descontextualizados, esses conceitos, inclusive, podem ser elaborados coletivamente. E como pontua Freire (1996, p. 7), “De nada adianta o discurso competente se a ação pedagógica é impermeável às mudanças”.

3 AS QUESTÕES METODOLÓGICAS

É exatamente esta unidade dialética a que gera um atuar e um pensar certos na e sobre a realidade para transformá-la. (FREIRE, Paulo, 1987)

3.1 OS PRESSUPOSTOS

Consideramos que as questões metodológicas se definem na correlação entre o pesquisador, o objeto de pesquisa e as possibilidades de desenvolvimento e exiguidade da investigação. Nesses termos, a abordagem qualitativa escolhida é a mais adequada, uma vez que representa uma proposta capaz de identificar e entender o fenômeno investigado, possibilitando a interpretação, a compreensão e o entendimento dos sujeitos. Desse modo, endossamos as palavras de Jonh W. Creswell (2014), quando se refere à pesquisa qualitativa:

Penso metaforicamente na pesquisa qualitativa como um tecido intrincado composto de minúsculos fios, muitas cores, diferentes texturas e várias misturas de material. Esse tecido não é explicado com facilidade ou de forma simples. Como tear em que o tecido é produzido, os pressupostos gerais e as estruturas interpretativas sustentam a pesquisa qualitativa. (CRESWELL, 2014, p. 48)

O estudo traz o “subjetivo” para o plano de maior importância, porque se fundamentará na voz do sujeito, nos sentimentos, nas vivências e nas narrativas citadas por ele (MINAYO, 1993). Portanto, a abordagem de cunho qualitativo não é pré-moldada, ela emerge dos diversos aspectos que transcorrem da interação com os sujeitos colaboradores, baseada em informações, dados, discussões, relatos e espaços mais comuns da vida, que surgem naturalmente. Como afirma Creswell (2007, p. 186), “[...] a pesquisa qualitativa ocorre em um cenário natural”.

A partir dos desdobramentos epistemológicos norteados nas impressões fenomenológicas de Edmund Husserl, pautadas na essência dos fenômenos, busca-se entender como as coisas são e como elas acontecem. Assim, na condução de um trabalho com escopo metodológico que se aproxime ou responda com mais assertividade com o objeto de pesquisa, a fenomenologia oferece respostas para as abordagens interpretativas da realidade.

Nesse aspecto, a matriz epistemologia de abordagem fenomenológica faz o movimento aberto através de falas, representações, oralidade e memória como registros desses objetos geográficos, favorecendo um diálogo reflexivo e temporal de como se vê o passado. Portanto, o enfoque fenomenológico busca entender o fenômeno porque está constituído de consciência.

Estabelece, ainda, relações com base em fundamentos para compreender os fatos. Analisa de forma consciente e descritiva, na sua essência, não de modo passivo, ideia que pode ser reforçada com a frase célebre de Husserl: “toda consciência é consciência de algo”. Sobre esse ponto, a fenomenologia representa atitude para descortinar o fenômeno além da aparência, sendo assim, as abordagens desse método não se restringem somente a descrever, a conceituar ou a mostrar definições para entender os fatos.

Ademais, entende que as manifestações e atitudes, mesmo antes da realidade objetiva, existem porque há sujeitos que vivenciam e experienciam, há um mundo anterior ao mundo objetivo. Vale dizer que o conhecimento acontece na experiência, e é por estas razões que o filósofo Husserl (1859-1938) considera o mundo da ciência ao mundo da vida. Dito isso, Augusto Trivinos (1987) reforça que:

[...] a fenomenologia é o estudo das essências, e todos os problemas, segundo ela, tornam a definir essências: a essência da percepção, a essência da consciência, por exemplo. Mas também a fenomenologia é uma filosofia que substitui as essências na existência e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra forma senão a partir da sua facticidade. (TRIVINOS, 1987, p. 43)

Sobre essa questão, as impressões fenomenológicas consideram que a intencionalidade da consciência é crucial, porque supõe um direcionamento para a compreensão do mundo, pressupõe que os atos e hábitos humanos têm significado. A propósito, o pesquisador busca entender essas questões, ressaltando que a vivência e a experiência dão sentido à essência.

3.2 AS DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS DA PESQUISA

3.2.1 A Perspectiva Colaborativa

Dentre as pesquisas qualitativas, optamos pela pesquisa-ação colaborativa devido à aderência que ela apresenta aos propósitos desta pesquisa. A pesquisa colaborativa pretende estreitar a relação entre o pesquisador e os colaboradores por meio da interação nos processos investigativos. Por conseguinte, esse tipo de pesquisa considera o desenvolvimento epistemológico na construção prática num processo de reflexão-ação-reflexão. Segundo Michel Thiollent (2011), uma das principais características da pesquisa-ação é,

Um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 2011, p. 14)

É preciso atentar para o sentido de colaboração numa perspectiva mais ampla, assim, colaborar não significa concordar com todas as questões e discussões abordadas no grupo ou em participar sempre das tarefas. Colaborar agrega alguns aspectos de contribuições específicas, mas que em conjunto com outros participantes são os balizadores para a resolução da questão-problema. Conforme sinaliza Denise Moreira Gasparotto e José Renilson Menegassi (2016, p. 952), “[...] não é resultado de aplicação, mas de colaboração, construção e responsabilidades partilhadas, em que o professor e pesquisador aprendem e modificam-se em práticas discursivas”.

Nesse sentido, é possível reforçar que o processo investigativo implica envolvimento dialógico de construção e conhecimento imbricados com o sujeito e o objeto da pesquisa. Portanto, a metodologia não representa somente procedimentos, métodos, dados, mas fundamentalmente se caracteriza nas bases científicas e relações concebidas pelas vias reflexivas e transformadoras do pesquisador e o objeto pesquisado. O método não significa simplesmente trilhar caminhos, mas compreender o percurso, o caminhar e a consciência de todo processo vivido. No dizer de Thiollent (1984, p.46), “[...] a metodologia não consiste num pequeno número de regras. É um amplo conjunto de conhecimentos com o qual o pesquisador procura encontrar subsídios para nortear suas pesquisas”.

Finalmente, Gasparotto e Menegassi (2016) sinalizam para os aspectos teóricos que representam e configuram a pesquisa colaborativa que está na aproximação da academia com a escola; negociação e interação; engajamento e responsabilidade; coparticipação e autonomia; relação teoria e prática; colaboradores e contexto; encontros reflexivos e coleta de registros. Por assim dizer, que na apropriação de um espaço se possibilite uma participação conjunta, seja expressando ideias, participando, questionando, opinando, e até mesmo discordando. Maria Ibiapina (2016 *apud* GAVA; ROCHA; GARCIA, 2018) pontua:

[...] a pesquisa colaborativa pretende agregar saberes teóricos e práticos diminuindo, assim, o considerado ‘fosso’ entre os dois contextos. Busca-se essa aproximação de forma que conhecimentos produzidos academicamente coadunem com as práticas docentes e dialogicidade entre as vivências práticas sejam favorecidos pelos saberes científicos. (IBIAPINA, 2016 *apud* GAVA; ROCHA; GARCIA, 2018, p.74).

Serge Desagné (2007, p. 8) reforça a ideia de que a pesquisa colaborativa apresenta dois mundos: o mundo profissional e o mundo da pesquisa. Nesse tipo de estudo, as tomadas de decisões são feitas de modo coletivo, compartilhado com o grupo, a escola, a comunidade, enfim, as pessoas envolvidas. A parceria colaborativa define os procedimentos, discute as estratégias, busca solucionar os problemas com a participação direta tanto do pesquisador

quanto dos membros da pesquisa. As pessoas envolvidas são parceiros colaboradores empoderados nas tomadas de decisões e na busca por soluções, porque vivem o processo junto com o pesquisador. Então, nessa abordagem colaborativa, há dois principais propósitos: primeiro buscar soluções para os problemas específicos e para a obtenção dos resultados; segundo, fortalecer o conhecimento sobre o objeto de estudo da pesquisa.

O pesquisador deve buscar sair do senso comum, de modo que sua visão de mundo se amplie e alcance uma dimensão maior. Deve se interessar em aprender a aprender, a dialogar, sem perder de vista o seu elo com as crenças, as trocas, os paradigmas, as vivências, os valores e as opiniões que nortearão a elaboração da pesquisa, observando, essencialmente, a relação do sujeito com o objeto. Assim, na realização no devir da pesquisa, é necessário alinhar a teoria à prática, respeitando os aspectos essenciais do problema.

3.2.2 As Escolhas, os Desafios e o Percurso da Pesquisa

Considerando os objetivos propostos, mais especificamente: descrever as experiências pelas quais as fotografias possibilitam o acesso às memórias e às informações sobre o patrimônio; como também identificar contribuições das memórias para a educação patrimonial de jovens estudantes e, finalmente, possibilitar o diálogo entre gerações a partir dos registros fotográficos e das memórias, é que reconhecemos as fotografias como elementos-chave nesse processo investigativo.

Nesses termos, para tratar de aspectos essenciais, como as fotografias dos patrimônios históricos e culturais da cidade de Jacobina, pensamos como participantes da pesquisa, os componentes da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), implantada na UNEB-Campus IV, em Jacobina. E ainda, para compor os sujeitos, fizeram parte outros dois segmentos: professores e estudantes do Centro Territorial de Educação Profissional do Piemonte da Diamantina II (CETEP), na cidade de Jacobina, Bahia.

No intuito de mantermos aproximação com o campo, aconteceu o primeiro contato com o coordenador da UATI, na UNEB/Campus IV, João Paulo Santos de Souza, em 2019, um bate papo para tratarmos desse segmento. Em seguida, enviamos um protocolo *on-line* ao coordenador com perguntas referentes aos componentes da UATI, nesse mesmo período.

Como pesquisa colaborativa, a primeira ação tomada foi a criação do grupo como ponto de intersecção entre os colaboradores e a possibilidade de diálogo e compartilhamento, com base em interesses em comum, seus conhecimentos, habilidades, experiências e histórias de vida e na área. Nesse sentido, o grupo atuou de forma ativa e colaborativa, analisou e buscou

soluções que emergiram da ideia de aprender junto e de possibilidade de trocas e diálogos. Outro ponto a destacar foi a escolha em comum acordo por pseudônimos, a fim de ética e sigilo da identidade dos participantes, a saber: distritos, igrejas, praças, rios, personagens, entre outros patrimônios históricos e culturais. Desse modo, os apelidos escolhidos foram: Itapeipu, Serra Azul, Jacó e Bina, Marujada, Santo Antônio, Jaraguá, Payayá, Maria Pitu, Kiriri, Feira Livre, Estação, Rio do Ouro, Serra do Ouro, Igreja da Conceição, Imaculada Conceição, Matriz, Cruzeiro, Véu e Noivas e Missão.

Com o objetivo de aproximação virtual com os sujeitos participantes, elaboramos um Plano de Ação¹². Tal ferramenta contemplou os encontros com propostas debatidas e colocadas no Grupo de Discussão. Nesse Grupo, tivemos como colaboradores idosos da UATI e estudantes e professores do CETEP.

O CETEP do Piemonte da Diamantina II está localizado à Avenida Centenário, no Bairro da Catuaba, em Jacobina, Bahia, anteriormente denominado Colégio Estadual Professora Felicidade de Jesus Magalhães. Contempla estudantes vindos dos mais variados distritos e povoados, das etnias e das culturas negras, indígenas e ciganas. Esse Centro vem crescendo, consideravelmente, a cada ano, devido à inserção de estudantes do mercado de trabalho, como também por apresentar ações pedagógicas interdisciplinares, de valorização e de reconhecimento dos seus sujeitos pertencentes aos mais variados aspectos socioculturais.

O referido Centro de Educação tem um contingente de Cursos Técnicos de Educação Profissional, nas modalidades Educação Profissional Integrada ao Ensino Médio (EPI), Educação Profissional Subsequente ao Ensino (PROSUB) e ao Programa Nacional de Integração da Educação Básica com Educação Profissional de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA), dentro dos Eixos Gestão e Negócios, Informação e Comunicação e Recursos Naturais. É formado em sua maioria por jovens adultos com faixa etária de 14 a 20 anos de idade. Funciona nos turnos matutino, vespertino e noturno, somando no ano de 2021 um total de 1049 estudantes matriculados, segundo o Sistema de Gestão Escolar (SIGeduc)¹³ da Secretaria da Educação (SEC) do Estado da Bahia. Porém, este ano o número é ainda maior, conforme informações da direção do CETEP. Portanto, os dados no sistema ainda não foram

¹² Plano de Ação é uma ferramenta para fomento e execução de ações pedagógicas que articulem os objetivos, metas, conteúdos e estratégias metodológicas propostas com determinado grupo. Ver em Apêndice A.

¹³Sistema Integrado de Gestão Escolar (SIGeduc). Esse sistema somente quem tem acesso com mais detalhes são pessoas vinculadas ao trabalho com matrícula nas Unidades Escolares. Disponível em: <https://sigeduc.educacao.ba.gov.br/sigeduc/verTelaLogin.do;jsessionid=D0BC0F6BEC3BE55CD0717ADC1FEBF819.srv6inst1> Acesso em: 20 fev. 2022.

atualizados, devido ao processo de matrícula não ter finalizado e o tempo de atualização do sistema.

Para tanto, os objetivos do Grupo de Discussão foram articular ações que contribuíssem efetivamente para a reflexão e a preservação do patrimônio histórico e cultural de Jacobina, Bahia; identificar contribuições das memórias da terceira idade para a Educação Patrimonial de estudantes do Ensino Médio e promover o diálogo entre gerações a partir dos registros fotográficos e das memórias.

Para criação do GD elaboramos um questionário¹⁴ com perguntas criteriosas junto com um resumo sobre o tema da pesquisa. Em seguida, enviamos pelo aplicativo *WhatsApp* para os componentes da UATI, professores e estudantes do CETEP, a fim de sabermos o interesse, a afinidade e a disposição de cada membro para trabalhar com o tema, bem como a habilidade para participar dos encontros virtuais.

É sabido que as leituras, os relatos e as experiências da terceira idade, assim como de todos os presentes, foram fundamentais nesse processo. Desse modo, “[...] com base no trabalho de interpretação das declarações e das narrativas obtidas, os pesquisados dão conta de transformações pessoais e coletivas ou tentam dar sentido às passagens formadoras identificadas no percurso da vida” (MACEDO, 2012, p. 22). Esses elementos foram marcadores que, provavelmente, constituíram os relatos de experiências e vivências no GD, pois representaram momentos significativos da vida de muitos idosos e professores, as suas memórias afetivas, os encontros e os reencontros nos diversos espaços que, hoje, nem existem mais ou estão completamente transformados. Então, como afirma Cris Pizziment, em seu poema *Sou feita de retalhos*:

[...] Em cada encontro, em cada contato, vou ficando maior. Em cada retalho, uma vida, uma lição, um carinho, uma saudade... Que me tornam mais pessoa, mais humana, mais completa. E penso que é assim mesmo que a vida se faz: de pedaços de outras gentes que vão se tornando parte da gente também. E a melhor parte é que nunca estaremos prontos, finalizado. Haverá sempre um retalho novo para adicionar à alma [...]. (PIZZIMENT, 2013, n.p.)

Sinalizamos pontos relevantes, desta pesquisa, como a abordagem das categorias: *fotografia, memória e educação patrimonial*, o reconhecimento do estudo na escola acerca da própria história da cidade e a importância de conhecer o seu lugar. Nesses encontros virtuais, realizamos entrevistas com questões abertas reflexivas a partir das fotografias mostradas. Nesse propósito, soubemos e sondamos opiniões e relatos dos patrimônios histórico e cultural da época, fazendo um contraponto com o presente.

¹⁴ Ver em Apêndice B.

Em suma, colhemos relatos de experiências, no GD, através das fotografias, fomentando o acesso às memórias e às informações sobre o patrimônio da cidade de Jacobina. Com isso, fizemos um levantamento das contribuições dos idosos da UATI para os estudantes do Ensino Médio, permitindo um espaço de diálogo entre as gerações.

Em se tratando de desafios, considera-se que, normalmente, toda pesquisa envolvendo seres humanos demanda benefícios e riscos. Ainda que o dano seja eventual, poderá ser tarde ou imediato, implicando o sujeito ou o coletivo. Portanto, esta dissertação trouxe benefícios tanto para a área de educação como para os participantes, tais como: divulgação dos resultados em meio acadêmico e científico, através de publicação em suportes científicos (periódicos, livro etc.) e/ou apresentação em evento; aproximação da família e da UATI com a comunidade escolar; fomento às práticas de preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de Jacobina e ressignificação da trajetória pessoal e profissional. Contudo, foi possível também que os participantes se deparassem com riscos, mesmo que fossem mínimos, tais como: sentir-se constrangido/a ou desinteressado/a em falar de questões relacionadas aos temas geradores; revisitar memórias traumáticas e induzir situações de catarse; sentir-se exausto no momento da participação como sujeito colaborador; recusar-se a explicar pontos de vista, optando pelo silenciamento e/ou sentir-se vigiado/a em relação às suas práticas profissionais.

Reafirmamos que os riscos foram mínimos, haja vista que o cuidado e o zelo com as dimensões psíquicas, moral, intelectual, social e cultural dos participantes foram prioridades no desenrolar do trabalho. Para tanto, elencamos as seguintes estratégias para eliminar ou diminuir esses riscos: preservação do anonimato dos participantes (que foram livres para escolher pseudônimos); manutenção do sigilo e confidencialidade sobre a autoria dos temas e das questões levantadas ao longo dos encontros; ações para consolidação de diálogos propositivos e reflexivos sobre o patrimônio histórico e cultural da cidade de Jacobina, Bahia; redirecionamento do diálogo sempre que desencadeasse um gatilho emocional; abordagem dos temas a partir de aspectos técnicos, enfocando a superação de barreiras e exclusão; destaque à agência dos participantes sobre a seleção dos temas geradores; garantia do veto de temas, subtemas e de fotografias que pudessem causar constrangimento e ativação de gatilhos emocionais; socialização e apresentação dos resultados por meio de encontro antes da submissão do texto final à banca; garantia aos participantes que a qualquer momento pudessem desistir de participar e retirar a sua autorização, visto que a sua recusa não traria nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou a instituição.

Por todo o exposto, o presente estudo primou pelos direitos fundamentais quando envolveu seres humanos. Assim, esta dissertação considerou e respeitou todos os aspectos relatados.

3.2.3 Grupos de Discussão: uma Opção de Ferramenta Metodológica

Como ferramenta metodológica de construção de dados, os Grupos de Discussão têm sido muito usados no campo da pesquisa qualitativa. Embora apresente semelhança com os Grupos Focais (GF), nos GD, o pesquisador intervém minimamente no processo, a fim de evitar a indução de formação de opiniões. Para Javier Callejo (2001), existe uma predominância em acentuar a interação do GF com o moderador, firmando, assim, uma espécie de entrevista em grupo. Para Vivian Weller e Nicole Pfaff (2020, p. 56), “[...] o objetivo maior do grupo de discussão é a obtenção de dados que possibilitem a análise do contexto ou do meio social dos entrevistados, assim como de suas visões de mundo ou representações coletivas”.

Vale ressaltar que, no final dos anos 1970, esse aporte metodológico baseou-se no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia, evidenciando-se como método e não simplesmente como técnica de pesquisa de opiniões. Já na década de 1980, como método de pesquisa consolidado, é disposto, especialmente na pesquisa com adolescentes, como afirmam as autoras Weller e Pfaff (2020). No entanto, em outros contextos e abordagens de pesquisa, adquiriu outras representações.

Ainda sobre a questão do método dos GD, é importante considerar que o produto tem relevância a partir das opiniões coletivas, mas isso não quer dizer que as opiniões sejam o resultado de visões individuais. Nesse aspecto, retomamos precisamente que as opiniões coletivas partem das interações e da participação dos sujeitos distintamente. Para as autoras Weller e Pfaff (2020):

Os grupos de discussão realizados com pessoas que partilham de experiências em comum reproduzem estruturas sociais ou processos comunicativos nos quais é possível identificar um determinado modelo de comunicação. Esse modelo não é casual ou emergente, muito pelo contrário: ele documenta experiências coletivas assim como características sociais desse grupo, entre outras: as representações de gênero, de classe social, de pertencimento étnico e geracional. (WELLER; PFAFF, 2020, p. 58)

Desse modo, utilizamos esse dispositivo como condução das entrevistas com o Grupo de Discussão, composto por professores que trabalham no mesmo colégio, mas ministrando componentes curriculares diferentes; estudantes com características parecidas, em relação à faixa etária, turma, curso e série e o grupo da terceira idade.

Carla Beatriz Meinerz (2011) defende a seguinte ideia:

Os grupos de discussão revelam-se como uma possibilidade metodológica diferenciada, para a compreensão dos fenômenos investigados no campo da dinâmica das relações sociais presentes na educação escolar. Através dessa metodologia pretende-se reconhecer o discurso cotidiano, as opiniões, as atitudes, as motivações e as expectativas dos sujeitos que vivem os fenômenos educacionais, cruzando-os com outros dados das observações e do trabalho de campo. (MEINERZ, 2011, p. 502)

Segundo a autora, nesse método, é necessário atentar para alguns critérios durante as entrevistas, como por exemplo evitar a formulação de perguntas com o uso dos termos *por que* e *o que* e focar nos elementos que conduzam os entrevistados à produção de narrativas e não meramente à descrição de fatos. Então, é interessante fomentar questões utilizando o termo *como*. Outro ponto sinalizado por Weller e Pfaff (2020) concerne na intervenção das discussões, ou seja, o pesquisador deverá evitar ao máximo intervir na discussão do grupo, somente quando ele for solicitado ou ao notar que as discussões cessaram e é possível lançar uma nova pergunta ao grupo.

Mediante todo esse processo, o mediador poderá colocar, no final da discussão, questões sobre temas que não foram abordados e que se fazem necessários. Portanto, é preciso atentar para que esse método não seja extenso e cansativo e que as discussões não sejam prolongadas. Lembrando que essa prolixidade poderá gerar um trabalho árduo na transcrição das entrevistas.

Realizamos as entrevistas semiestruturadas com três professoras, com pseudônimos de Feira Livre, Kiriri e Maria Pitu. Desse modo, pensamos em questões que contribuíssem para o objeto em questão. Para tanto, combinamos com elas datas diferentes: no dia 22 de outubro de 2021 fizemos a primeira entrevista com a professora Kiriri; em seguida, dia 29 de outubro, com a professora Feira Livre, e por último com a professora Maria Pitu, no dia 30 de outubro de 2021. Já com o grupo de estudantes, a discussão ocorreu na data combinada com eles, dia 21 de outubro de 2021, tendo como participantes Serra Azul, Rio do Ouro, Matriz, Cruzeiro, Véu de Noivas e Missão.

Finalmente, cabe ressaltar que o Grupo de Discussão produziu conhecimentos que, dificilmente, poderiam ser alcançados por outros meios, posto que os participantes se colocaram de forma natural, real e espontânea. Isso porque, nos GD, ocorreu a fruição natural de opiniões, num clima que possibilitou um espaço aberto para o diálogo e reflexões pessoais, além disso, é um método que apresenta resultados seguros.

3.2.4 Museu Virtual: Interface do Produto de Intervenção

Inicialmente, na proposta pensada, os encontros com os sujeitos colaboradores seriam presenciais para apreciarmos e discutirmos as fotografias da cidade de Jacobina. Porém, com a suspensão das aulas, devido ao contexto vivenciado pela Pandemia da COVID-19, foi necessário reinventarmos e adequarmos as ações para a proposta de intervenção, considerando essa real situação. Diante desse contexto, propomos alternativas viáveis para a aproximação dos participantes na plataforma virtual *Google Meet* e a criação de grupo de *WhatsApp*. Essa foi uma situação que nos causou preocupação e incertezas para o andamento do trabalho.

Para uma análise panorâmica do material produzido a partir da inserção no campo, descrevemos algumas considerações relevantes. Nesse propósito, na fase exploratória, foi importante juntarmos todas as informações possíveis, captarmos os relatos, os dados e delimitarmos o material com precisão. Pensando nisso, os dispositivos elencados foram: os encontros *on-line* com o Grupo de Discussão, a Entrevista Semiestruturada¹⁵, o Grupo Focal¹⁶ e a análise dos depoimentos a partir dos registros fotográficos.

Desse modo, fizemos um Plano de Ação, direcionando ações que contemplassem nosso propósito: 05 (cinco) encontros com periodicidade quinzenal, em média, sendo o primeiro encontro, de natureza exploratória, programado para acontecer em junho de 2021. Cada encontro teve duração de 2 (duas) horas em média, estruturado a partir do que foi definido pela coletividade. As datas e os horários dos encontros foram demandados em comum acordo com os sujeitos participantes, de forma que não interferiram em suas rotinas.

Posteriormente, criamos o GD, contemplando critérios para a participação de pessoas que tivessem interesse, afinidade e disposição para discutir sobre o tema. Enviamos um resumo da proposta aos membros sobre aspectos relacionados à pesquisa, ao GD e às possíveis dificuldades que poderíamos ter durante os encontros de forma virtual. Os aspectos levantados e registrados pelo Grupo de Discussão foram debatidos no coletivo, de modo que potencializaram o interesse, as expectativas e as experiências dos participantes, bem como a vontade de construir um produto final colaborativo, ou seja, um Museu Virtual, para registros de saberes do grupo e da inserção do acervo fotográfico dos patrimônios da cidade de Jacobina, Bahia, como desdobramento desta dissertação, nos dois anos subsequentes à defesa.

Há um caráter comum em associarmos a ideia de patrimônio, memória e preservação aos museus, espaço onde se guarda objetos antigos que, por fim, estão as memórias. No entanto, essa visão não mudou muito, principalmente em se tratando de espaços físicos. A definição, conforme o Estatuto de Museus, na Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009, é:

Consideram-se museus, para os efeitos desta Lei, as instituições sem fins lucrativos que conservam, investigam, comunicam, interpretam e expõem,

¹⁵ Ver em Apêndice D.

¹⁶ Ver em Apêndice E.

para fins de preservação, estudo, pesquisa, educação, contemplação e turismo, conjuntos e coleções de valor histórico, artístico, científico, técnico ou de qualquer outra natureza cultural, abertas ao público, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. (BRASIL,2009)

No entanto, existem outros tipos de museus. Neste projeto, nos ocuparemos com a criação de um Museu Virtual baseado nas fotografias utilizadas na pesquisa de campo, bem como outras compartilhadas no grupo do *WhatsApp* pelos membros do Grupo de Discussão. Nesse sentido, a ideia é montar um espaço para acolher as fotografias dos patrimônios histórico e cultural da cidade de Jacobina, contendo informações e relatos de cada bem tangível ou intangível posto naquele espaço.

Para abarcar o Museu Virtual, utilizaremos a Incubadora, espaço do grupo de pesquisa Cult-Vi/UNEB, como repositório para receber esse material fotográfico. Assim, a ideia é criar com os membros do GD uma página para apresentar as fotografias dos patrimônios histórico e cultural da cidade de Jacobina. Nesse propósito, será gerado e compartilhado um link para os estudantes e demais pessoas, a fim de conhecimento e acesso ao Museu Virtual.

4 BUSCANDO COMPREENDER AS MEMÓRIAS DESPERTADAS PELAS FOTOGRAFIAS

Uma foto é tanto uma pseudo presença quanto uma prova de ausência. Como fogo da lareira num quarto, as fotos – sobretudo as de pessoas, de paisagens distantes e de cidades remotas do passado desaparecido – são estímulos para o sonho.
(SONTAG, Susan, 2004, p.26)

Para abordarmos este capítulo, foi pertinente contextualizar brevemente a cidade de Jacobina, por tratarmos das fotografias do referido lugar. Portanto, o município de Jacobina está situado no Centro-norte do Estado da Bahia, a 330 km da capital baiana, Salvador, com área territorial correspondente a 2.359,965 km² e a população estimada de 80.749 habitantes, até o ano de 2021 (IBGE, s.d). Conhecida por suas belezas naturais (rios, cachoeiras, serras), formada por um patrimônio natural, histórico e cultural rico, faz parte do território de identidade o Piemonte da Diamantina.

A professora e escritora jacobinense, Doracy Lemos, ao escrever o Hino de Jacobina, caracteriza Jacobina, em uma das estrofes, da seguinte forma:

Rodeada de serras majestosas
Dos payayás herdamos Jacobina
A mais linda terra entre as formosas
Da encosta da Chapada Diamantina.
(LEAL; ARAÚJO; SANTOS, 2021, p. 16).

Conhecida como Cidade do Ouro devido às características minerais e à herança das minas, Jacobina remonta à época das missões jesuítas, da pecuária e da exploração de minérios. Elementos que trouxeram crescente fluxo populacional para a cidade, principalmente em decorrência do ouro e de outras pedras preciosas, razões pelas quais muitos bandeirantes no século XVIII, vindos de outros estados, aqui fizeram morada.

Segundo Vanicléia Santos (2001), esse município do sertão é visto e admirado por sua beleza e exuberância. Santos (2001) descreve a cidade da seguinte forma:

Jacobina, vista de cima, é uma cidade que encanta os olhos, pois remete a uma imagem presepial: uma cadeia de verdes montanhas e as águas dos rios entrecorta um amontoado de casinhas e sobrados policromáticos. O olhar do *voyeur down* percorre as labirínticas ruas, espaços reais e simbólicos, por onde pessoas transitam. São rostos de negros, índios, mestiços, brancos, europeus, que foram constituindo essa trama urbana ao longo dos séculos. (SANTOS, 2001, p.198, grifos da autora)

No século XVIII, a cidade era denominada de Vila de Santo Antônio de Jacobina. Segundo Costa (1918, p. 295 *apud* SANTOS, 2001, p. 199), composta por distritos (sede)

Jacobina. Ainda naquele período, o município, considerado Vila, iniciou atividades suplementares de culturas agrícolas e de criação de gado. Cortada pelos rios Itapicuru-mirim, Catuaba e o Rio do Ouro, Jacobina possui belezas naturais que chamam atenção de todos que conhecem a cidade.

Fotografia 2 - Vista parcial de Jacobina



Fonte: Aléx Félix, 03/2014.

Portanto, as fotografias da cidade de Jacobina utilizadas em todo o percurso da pesquisa de campo foram norteadoras neste estudo, de modo que durante as intervenções, notamos o entrosamento, a movência, a força dos relatos e as participações dos colaboradores sobre as fotografias dos patrimônios histórico e cultural desta cidade.

4.1 CONVERSAS PRELIMINARES

No planejamento das ações para os encontros com o GD, contactamos dois fotógrafos profissionais, responsáveis por algumas fotografias citadas neste projeto: Osmar Micucci e Lidenício Ribeiro.

No dia 12 de julho de 2021, estive na residência do fotógrafo Lidenício Ribeiro, a convite deste, tomando todos os cuidados, conforme o protocolo da COVID-19. Foi um encontro emocionante e enriquecedor, em seu cantinho especial, local que ele guarda seu acervo fotográfico. Ali, sentamos e folheamos os diversos álbuns. Lidenício narrou fatos vividos por ele, a família e os amigos em várias cidades e estados do Brasil, e trouxe à tona os registros de trabalho como fotógrafo profissional a partir de várias fotografias coladas nas páginas de álbuns fotográficos.

Lidenício Félix Ribeiro, nascido na zona rural da cidade de Piritiba, Bahia, atuou como fotógrafo em Jacobina nas décadas de 1960. É sobrinho de outro grande fotógrafo que Jacobina teve, Juventino Rodrigues. Desde garoto, trabalhou com o tio até adulto, e isso o motivou a seguir a profissão de fotógrafo.

Fotografia 3 - Casa do fotógrafo Lidenício Ribeiro



Fonte: Vasti Miranda, Jacobina (12/07/2021).

Fotografia 4 - Álbuns do fotógrafo Lidenício Ribeiro, Jacobina



Fonte: Lidenício Ribeiro, Jacobina (12/07/2021)

Em se tratando das fotografias de Lidenício, percebemos que existe uma característica marcante para o registro dos bens tangíveis, não que seja regra, mas observamos que as fotografias tendenciam mais para o patrimônio material e não imaterial. Nesse quesito, o recém-graduado em História pela UNEB - Campus IV confirma nossa percepção e complementa dizendo que:

“Eu concordo, Lidenício faz questão de deixar isso claro, na entrevista que ele deu para professor Valter de que a intenção dele quando fotografa a cidade é tentar encontrar pontos que ele sabe que a ação do tempo vai incidir, ou seja, pontos que vão mudar. Então ele fotografa muito construções, o conjunto arquitetônico da cidade”. (VIANA, 2021)¹⁷

Na sequência, dia 28 de julho de 2021, à tarde, recebi a ligação de Osmar Micucci. Confesso que fiquei em êxtase, porque algumas vezes tinha deixado recado no *WhatsApp*

¹⁷Abner Uziel Viana de Souza, colaborador desta pesquisa, é natural de Senhor do Bonfim e reside em Jacobina desde 2016. Graduado no curso de Licenciatura em História pela UNEB, Campus IV, Jacobina-BA. Durante a graduação foi, inicialmente, monitor voluntário do NECC (2018) e, posteriormente, pesquisador de Iniciação Científica nos anos de 2019 - 2021, trabalhando com a trajetória do fotógrafo Lidenício Ribeiro e imagens da cidade de Jacobina na segunda metade do século XX. O título da sua pesquisa foi: *Ser Fotógrafo no Sertão: Lidenício Ribeiro e o ofício da fotografia em Jacobina (1960 - 1980)*.

convidando-o para participar de um encontro no Grupo de Discussão. Todavia, não obtinha retorno do fotógrafo. Até que, nesse dia, ele me ligou e conversamos durante uns 20 minutos. Numa prosa boa, fluída e regada de emoções, eu sentada no chão do quarto, atenta às palavras de Sr. Osmar. Ele se interessou pelo projeto, gostou da proposta e se sentiu feliz e agradecido por colocarmos as fotografias dele nesta dissertação. Acrescentou, afirmando que era um homem tímido, não gostava de se apresentar para muita gente e que não tinha o dom da oratória.

Contudo, Sr. Osmar concordou em falar sobre as suas próprias fotografias para o grupo e comentou sobre a dificuldade em lidar com encontros *on-line*. Porém, tivemos um encontro antes, pelo *Google Meet*. À noite, às 22h30min, foi o horário que o fotógrafo me ligou para a reunião informal. Esse momento foi espontâneo e gratificante, sequer percebemos a hora passar, então, entramos pela madrugada. Foi incrível, muitas trocas, informações ricas sobre as várias fotografias que ele fez de Jacobina e região. Nesse bate papo, o fotógrafo contou sobre a sua história de vida, inclusive é nascido em Miguel Calmon e, aos três anos de idade, veio morar com seus pais em Jacobina, onde cresceu e abriu a loja Foto Micucci. Foi fotógrafo no período correspondente às décadas de 1950 aos anos 1980. Atualmente, mora em Salvador. Ele contou que foi o primeiro homem desta cidade a comprar uma máquina de fazer chaves, como também de colocar uma máquina de Xerox em Jacobina.

Foi estudioso e conhecedor da fotografia. Demonstrando orgulho do seu autorretrato, comenta sobre técnica fotográfica no que se refere ao enquadramento e composição fotográfica. Nesse sentido, Flusser (1985) considera que as imagens técnicas têm a capacidade de decifrar mensagens. Do ponto de vista cultural, o propósito é inserir esses artefatos na vida cotidiana.

Desse modo, Osmar Micucci se importava com a criatividade fotográfica, primando no decorrer de todo seu trabalho com a captura diferente e de se valer dessa coleta e habilidade para fazer telas, pôsteres, álbuns, fotografia 3x4, monóculos. Utilizando desse diferencial como estratégias de ganhar dinheiro com a fotografia, assim cresceu e se manteve firme no mercado.

Segundo Micucci, ele fotografava com a alma e nunca deixou de lado as pessoas comuns em sua composição. Dito isso, quando expomos as fotografias de cidadãos simples, retratadas por ele, a exemplo de Maria Pitu (Fotografia 5), que também representou foco no olhar desse profissional. Por assim, denominamos como os “personagens de Osmar Micucci”.

Fotografia 5 - Maria Pitu



Fonte: Osmar Micucci (década de 1970). Acervo: NECC – UNEB

Em meio a essa conversa informal, o fotógrafo comentou que, ultimamente, aderiu à câmera do aparelho celular para fotografar. Com isso, ele também edita a imagem e ainda personaliza, escrevendo seu nome em cada foto. Para o fotógrafo, essa cultura atual de utilizar o celular é importante no sentido de acompanhar as mudanças e se sentir inserido no contexto atual e diverso das tecnologias.

Na visão de Micucci, a relevância das suas fotografias foi legitimada quando o professor da UNEB, Valter Gomes Santos de Oliveira, as inseriu em suas pesquisas e publicações científicas. Num dos encontros ocorridos no dia 04 de agosto de 2021, Osmar Micucci abre seu coração e confessa claramente como percebeu todo esse legado deixado pelas fotografias:

“Valter desvendou, abriu esse celeiro de fotografias. Porque as fotografias, eu acho que estavam congeladas, não estavam como nossa mente. Até eu mesmo vim me conhecer, por este trabalho de Valter. Eu não sabia que o que eu fazia em Jacobina, era o que fazia na França, o que se fazia no Rio de Janeiro. A fotografia, o que é que eu notei na fotografia, a fotografia faz parte de todo nosso cotidiano, ela é a lembrança, ela é a publicidade. Eu acredito que a fotografia esteja hoje em tudo que existe. São palavras que estão saindo agora de mim, porque eu estou também muito emocionado. Eu fico sempre fugindo dos convites, porque eu sempre me dei bem para congelar, para fotografar, pra botar meu sentimento no que via com essas duas câmeras: a do olhar e a que fixa a imagem, que é a câmera fotográfica”. (MICUCCI, 2021)

Nos encontros com os dois profissionais, um virtual e o outro presencial, foi possível notar que todo legado registrado por esses fotógrafos comprova que a história continuará viva pelas lentes de cada um deles, deixando, através dos registros, condições de abordagens e pesquisa sobre a temática *Educação Patrimonial Histórica e Cultural* da cidade de Jacobina, tanto para os estudantes quanto para os pesquisadores, professores ou interessados na área.

Em vista disso, as fotografias elencadas, a participação dos fotógrafos, os sujeitos participantes e os convidados citados trouxeram contribuições fundamentais e legado para a história de Jacobina. Diante do exposto, percebemos o quanto são valorosas e enriquecedoras as fotografias e os artefatos carregados de memórias e histórias pelas lentes e sensibilidade dos fotógrafos.

Fotografia 6 - CEU das Artes, Jacobina. Vasti Miranda e Osmar Micucci¹⁸



Fonte: Carlos Guedes, Jacobina (2019).

4.2 FOTOGRAFIA: ARTEFATO MEDIADOR ENTRE GERAÇÕES

Ao tratarmos das fotografias durante as reuniões, iniciamos com a Igreja Matriz Santo Antônio Jacobina (Fotografia 7). Para tanto, verificamos que de todos os artefatos pesquisados dessa igreja, a que aparece na imagem é a mais antiga. Olhando atentamente a fotografia, é

¹⁸ CEU das Artes: Centro de Arte e Esportes Unificados. Espaço situado no Bairro da Félix Tomás, na cidade de Jacobina. Foi criado com o propósito de difusão da arte, esporte e cultura da cidade.

perceptível que naquela época não existia a Praça, era “chão batido”.¹⁹ Ainda percebemos o coreto²⁰, localizado em frente à Igreja. Nessa fotografia, um dos membros do grupo, a professora Maria Pitu, reforçou afirmando que: *“Eu não conhecia também não, Vasti. E você observa que a igreja só tinha uma torre? Os casarios à direita estão bem preservados até hoje, né? Que bom! Você vê que riqueza histórica você preservar o patrimônio da cidade?”* (MARIA PITU, 2021)

Fotografia 7- Igreja Santo Antônio de Jacobina



Fonte: Autor e data desconhecidos. Acervo particular de Cláudio Freitas, 2020.

As fotografias das igrejas de Santo Antônio de Jacobina (8 e 9) remetem às décadas de 1940 e 1950. Desse modo, percebemos grande mudança entre elas em relação à foto considerada como a mais antiga. Nas últimas fotografias, as igrejas já estão num ambiente mais estruturado, com piso, a Praça e a Rua Dr. Pedro Lago aparecem arborizadas. Contrariamente, hoje, em Jacobina, não existem essas árvores nessa rua.

A professora do CETEP, Serra do Ouro, trouxe um aspecto interessante no que tange aos elementos de caráter de valorização e reconhecimento identitário da sua cidade. Segundo ela,

“Quando a gente viaja, conhecemos a história de outras cidades mais do que a nossa cidade natal, porque visitamos com esse olhar de turista e de

¹⁹ “Chão batido” é um tipo de chão comum em casas mais utilizado na zona rural, onde não se coloca piso e nem cimento. É a própria terra batida e endurecida de tal modo que se torna um chão duro e batido. “O chão é firmemente batido evitando-se que se desgaste e solte poeira”. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/terra%20batida/15637/> Acesso em: 13 dez. 2021.

²⁰ Coreto: “Espécie de quiosque, geralmente erigido em praça pública, para apresentação de bandas e concertos musicais”. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/coreto/> Acesso em: 13 dez. 2021.

descoberta. Quando “Jacó e Bina” comentou sobre as igrejas de Minas que ela visitou, aí me fez colocar essa frase aí no (chat). Muitas vezes a gente conhece a história muito mais de outra cidade mais do que a nossa mesmo, é por conta disso, né? Desse olhar de descoberta, de curiosidade que o turista tem e nós muitas vezes deixamos passar batido, né”. (SERRA DO OURO, 2021).

Na visão da professora, a fotografia tem o papel de ativar a nossa memória, principalmente as memórias afetivas. Então, para Feira Livre (2021):

“Esse trabalho ativou minhas memórias afetivas também, porque esse trabalho com fotografia mexe com as emoções, mexe com as memórias afetivas, até na época que eu era criança, que tinha aquela festa na Missão, que a gente ia para Missão, tinha a questão da igreja, até da época que eu cheguei a fazer a primeira Comunhão. Eu fui para a Igreja Católica até uns quinze anos né, mais ou menos, cheguei a fazer a Primeira Comunhão, cheguei a fazer a Crisma, entendeu? Então, querendo ou não eu tive uma relação identitária com aquelas igrejas, né verdade?” (FEIRA LIVRE, 2021)

Fotografia 8 - Igreja Matriz Santo Antônio de Jacobina (década de 1959)



Fonte: Desconhecida, 1959.

O prefeito da época, Florisvaldo Barberino, costumava escrever nas fotografias, na maioria das vezes feitas pelo fotógrafo Osmar Micucci, deixando, assim, detalhes e informações preciosas e evitando dúvidas futuras, conforme se verifica na Fotografia 8. O que chamou nossa atenção nesse acervo fotográfico foi essa característica incomum em relação às demais fotografias elencadas nesta dissertação. Essas marcas são elucidativas, porque orientam e situam no tempo muitas referências. Desse modo, há um propósito que podemos chamar de metadados sobre uma imagem e outros dados. Então, os metadados têm uma função importante

para a fotografia, ela guarda dados que poderão situar no tempo e no espaço informações que muitas vezes se perdem com o passar dos anos. Quando anotamos os detalhes numa foto, essa função norteará toda a história da imagem. Os metadados, então, são informações relevantes que aparecem em algumas fotografias (FOTOGRAFIA, 2013). Nesse sentido, tais informações facilitam a leitura da imagem, ressaltando que esse tipo de anotação numa foto contribui para o acervo catalográfico de fotografias (FILIPPI; LIMA; CARVALHO, 2002).

Fotografia 9 - Igreja Matriz Santo Antônio de Jacobina (década de 1940)



Fonte: Aurelino Guedes (década de 40). Acervo particular de Cláudio Freitas, 2020.

Nesse ínterim, num dos encontros, estava presente o fotógrafo Osmar Micucci, e ao apresentarmos a fotografia da Igreja Matriz (10), este relatou como foi feito esse *click*:

“Essa fotografia para eu pegar um bom ângulo, eu não tinha lente grande angular, eu subi em cima do cinema Payayá. Então, o que é que nós estamos vendo aí? A Praça Castro Alves e era a mais bonita do que a grande mudança que fez, porque era uma Praça que podia circular. Porque em toda praça que você anda, a praça é solta, né não? Não é presa. Então, isso pra mim, eu tive um sentimento. Atrás temos a igreja da Matriz, ao lado esquerdo é a Rua Deraldo Dias. Foi aí que eu cheguei com os meus 03 (três) anos, que ainda passava carro de boi. Veja como lembrei agora do carro de boi! Quem tá me trazendo isso? É essa imagem, vocês e essa fotografia estão trazendo isso. Essa imagem congelada que mostra tudo isso. [...] Do lado esquerdo tinha um carro antigo, aí me parece que é o Tiro de Guerra. Essa foto eu tirei, olha ainda lembro, pelo ângulo eu sei, eu não tava no chão, se não não pegava o teto do carro (risos)...” (MICUCCI, 2021)

Fotografia 10 - Igreja Matriz Santo Antônio de Jacobina (década de 1954)



Fonte: Osmar Micucci, 1954.

Desse modo, é perceptível a forma como a imagem (Fotografia 10) trouxe à tona elementos engavetados, que envolveram sentimentos. Como também, o quanto o fotógrafo é imbuído por vários fatores, inclusive a produção técnica da imagem. Nesse sentido, ao utilizar o aparelho, o fotógrafo, além de programar e escolher o que se pretende fotografar, também, recorre, segundo Flusser (1985, p. 19), “[...] a critérios estéticos, políticos, epistemológicos, sua intenção será a de produzir imagens belas, ou politicamente engajadas, ou que tragam conhecimentos”.

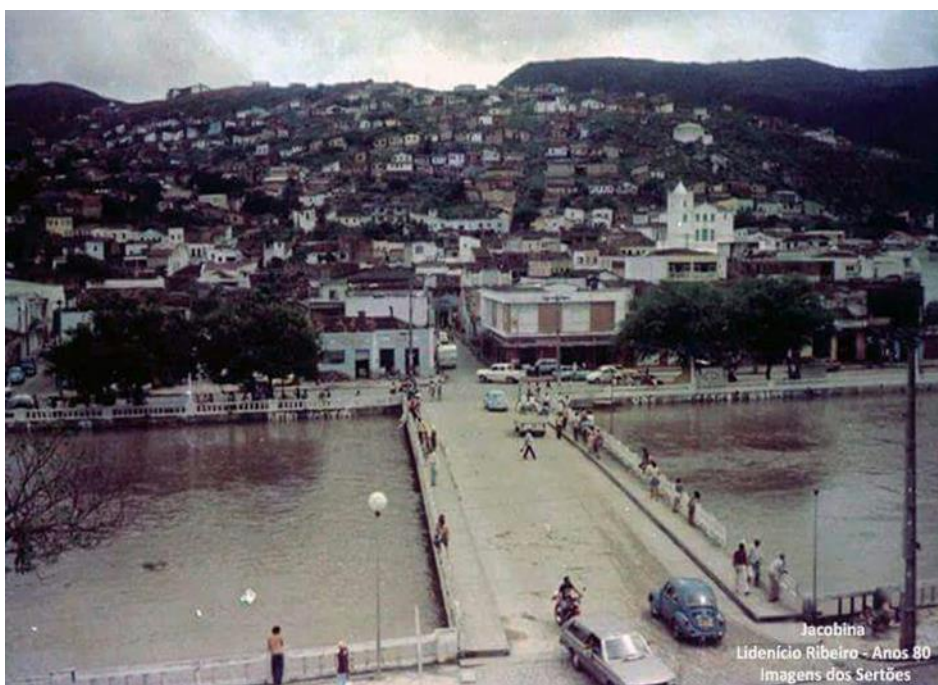
Nas reuniões com o GD emergiram, naturalmente, *insights* a partir das narrativas, experiências e conhecimentos. Foi um processo coletivo de intersecção entre os membros do grupo. Logo, permitiu a mediação, principalmente entre os idosos, que partilharam de diversas memórias em comum a partir da exposição de variadas fotografias da cidade de Jacobina. Nesse percurso, mostramos as fotografias dos Rios Itapicuru e do Ouro (11 e 12), que marcaram momentos históricos da cidade de Jacobina.

Fotografia 11 - Família no Rio Itapicuri em Jacobina



Fonte: Lidenício Ribeiro, s.d.

Fotografia 12 - Rio Itapicuru, Jacobina



Fonte: Lidenício Ribeiro, 1980.

Outrora, o Rio Itapicuri e o Rio do Ouro, com suas serventias sociais para a população, principalmente para as lavadeiras e demais moradores que se utilizavam das águas correntes

para afazeres domésticos, entre outras utilidades que representaram marcas indeléveis para a comunidade local.

Na Fotografia 12, que retrata a enchente em Jacobina, ocorrida em 1980, mostra a panorâmica que abrange tal momento de forma notória, como um espetáculo representado pelas enchentes na cidade. Enquanto de um lado há as perdas materiais; do outro, o rio é visto como cartão postal. Muitos presentes param para apreciar e admirar a transformação e a força natural das águas, que atravessa a cidade, tornando assim a fotografia como registro histórico eternizado. Essa imagem feita pelo fotógrafo Lidenício apresenta característica com ênfase nas fotografias de construções, dos rios e pontos das cidades que, conforme pesquisa, comprovou que ele priorizava esse tipo de registro porque sabia que no futuro esses espaços e monumentos iriam ser transformados. Nessa análise, o estudante e pesquisador Abner Viana (2021), da UNEB Campus IV, confirmou a nossa constatação, dizendo que também tinha percebido esse traço nas imagens do fotógrafo:

“Ele disse (referido a Lidenício) que gostava de fotografar pontos da cidade que sabia que com o tempo iria mudar, né? Ele fotografava naquele momento para saber como ficava depois, né? (áudio cortado) ... uma vez... em Jacobina fotografou bastante construções, fotografou a construção do Banco do Brasil (aquele prédio gigante que fica na Praça Rio Branco). No início da década de 1960 [...], fotografou prédios da Prefeitura, do Correio, fotografou a Estação, fotografou a construção da UNEB, [...] desde o início das obras que era a antiga Estação, que se transformou na UNEB, então ele fotografou esse processo”. (VIANA, 2021)

Fotografia 13 - Enchente em Jacobina (década de 1964)



Fonte: Osmar Micucci, 1964.

Segundo Osmar Miccuci, Jacobina passava por uma enchente e ele não resistiu em sair do seu estabelecimento e fazer capturas inusitadas daquele momento (Fotografia 13). Hoje, é uma das marcas registradas do fotógrafo Micucci (2021), não somente pela beleza da imagem, como também pelo significado representado na cena. Assim, ele afirma como foi esse dia: *“Isso foi uma alegria para essas crianças pulando. Eu deixava o trabalho, até dizia: Osmar olha os rendimentos! (Risos)!”*.

As emoções se afloraram, as recordações e os relatos fizeram o coro saudoso de outrora. Assim, uma componente da UATI, Itapeipu (2021), relatou:

“[...] a gente tomava banho no rio, mas era escondido, porque era proibido tomar banho, porque as pessoas bebiam dessa água. A diferença do rio de hoje é gritante. Hoje só em caso de muita chuva é que você vê o rio correndo, mas nesse tempo, eu não morava aqui ainda, mas sempre que passava por aqui, mas esses momentos aconteciam, hoje é raro. Hoje quem vai soltar as crianças e jovens para tomarem banho num rio desses? O rio era corrente sempre. Hoje em dia não existe rio, é um córrego de esgoto, tanto o Itapicuru quanto o rio do Ouro. Antes eram limpos, mas hoje os esgotos são canalizados e caem no rio”. (ITAPEIPU, 2021)

Nessa citação, em especial, percebemos que a depoente trouxe elementos para se pensar em educação para a conservação patrimonial e ambiental. Entretanto, comparando tais realidades, passado e presente, de fato, a situação dos rios do município de Jacobina, quando cortam a cidade, se deparam com os esgotos e poluição.

O uso das fotografias dos patrimônios histórico e cultural da supracitada cidade, como elemento norteador na condução do diálogo entre as gerações no GD, corroborou para a ideia do quão valioso e importante é um projeto configurado a partir dos artefatos visuais. Portanto, quando sinalizamos ao grupo se eles consideravam se as memórias e as fotografias patrimoniais da cidade de Jacobina quanto aos aspectos tangíveis e intangíveis têm caráter educativo, a estudante Missão, prontamente, afirmou que:

“Eu acho que sim pró, nem somente, tipo as fotografias que eles trazem como memória para a gente saber, como era aqui em Jacobina antigamente a ter ela ser o que ela é atualmente. Mas também, porque tipo, eles apresentam a imagem fica toda a história, toda interpretação, então espera que a gente compreenda tudo que aconteceu até chegar aqui”. (MISSÃO, 2021)

Houve certo rebuliço, no sentido de saudosismo, orgulho, euforia e o desejo de relatar as histórias em torno das fotografias apresentadas. Os membros da terceira idade sempre tinham muito a contar. Em cada imagem, parecia que eles reviviam aquela época, o prazer nos relatos, ainda que fossem contados pelas memórias de cada um deles. Não obstante, nem sempre as histórias confirmavam completamente o olhar dos demais, mas assim seguíamos montando o mosaico de relatos e depoimentos, comprovando o quanto é relevante e rico um trabalho com

base nas fotografias dos patrimônios da cidade de Jacobina para os estudantes do Ensino Médio, partindo da troca das memórias.

Em outro momento, um senhor, integrante da UATI, denominado por Payayá (2021), reforçou a colocação da colega Marujada, também membro da UATI, quando ela pontuou acerca da construção, tanto da Missão como da Igreja pelos indígenas:

“Oh Vasti, só reforçando aí o que ‘Marujada’ falou, realmente ali em cima de Paloca era uma pensão. E aquela pensão foi construída ali, porque, vocês falaram, segundo as informações que quando os índios construíram a Igreja da Missão eles queriam que a cidade crescesse para lá, mas o que fez a cidade crescer para baixo foi o Rio do Ouro, o pessoal não aguentou aquelas águas lá, então eles preferiram fazer as casas perto do Rio do Ouro, como fizeram aquele hotel. E o pessoal, os outros começaram a migrar ali para Matriz, para aquela região ali onde tinha o Rio do Ouro ali transbordando”. (PAYAYÁ, 2021)

Entendendo que nossa memória não tem a capacidade de lembrar todos os detalhes e momentos, filtramos e analisamos as falas, os depoimentos e as respostas às entrevistas semiestruturadas, nessa perspectiva. Para tanto, o arranjo coletivo da memória social em muito contribuiu para formar aqui relatos mais precisos, verdadeiros e firmes.

Durante as intervenções, notamos o entrosamento, a movência e a força dos relatos e as participações dos membros a partir das fotografias dos patrimônios histórico e cultural da cidade de Jacobina. Nas reuniões, expomos fotografias antigas dos patrimônios, a fim de possibilitarmos as narrativas da terceira idade, contrapondo, em algumas ocasiões, com os dias atuais. Uma professora, num dos encontros, pontuou sobre a importância dos tensionamentos focados no GD:

“Essas provocações que você está fazendo nos faz sentir o seguinte: que a gente sabe tão pouco sobre a nossa terra. É como se a gente nem tivesse essa consciência, essa clareza, do lugar que a gente vive. Se a gente não tem essa clareza como vai sentir essa questão até do pertencimento, da identidade, não é um despertar para o mundo, é grande despertar”. (FEIRA LIVRE, 2021)

Sob a ótica da professora, é relevante considerarmos a importância de se conhecer a própria história, reconhecer as suas raízes, os lugares de pertencimento, as referências culturais do lugar que se vive, das comunidades, respeitando e valorizando a diversidade cultural de cada uma delas. Portanto, quando a participante Feira Livre sinalizou sobre esse ponto, reforçamos e estamos cientes de que é preciso nos apropriarmos da história do nosso lugar, da nossa origem. É preponderante que esse propósito seja um dos requisitos básicos ao abordar sobre a temática do patrimônio cultural, tanto no âmbito formal quanto informal. Haja vista, não devemos dissociar a questão identitária, de pertencimento e de origem, da diversidade cultural do tema patrimônio histórico e cultural.

4.3 PASSADO E PRESENTE ENTRELACADOS

As memórias afetivas dos idosos foram reacendidas a partir desses encontros e reencontros nos variados espaços através das fotografias, locais que sequer existem ou estão bastante transformados. Todavia, os estudantes se vislumbraram com os relatos da terceira idade, possibilitando um *link* com a contemporaneidade e os elementos afetivos que ultrapassam os aspectos explícitos observados. A professora Maria Pitu, quanto à participação dos idosos, considera que:

“Eles trouxeram um acervo maravilhoso para essa geração (estudantes) que não conheceu né, aquela época, aqueles lugares. [...] eles trouxeram junto com as imagens, vieram também o contexto histórico da época. Então, são memórias do lugar, memórias afetivas, memórias sociais, memórias históricas [...]”. (MARIA PITU, 2021)

Nos encontros, expomos fotografias antigas e atuais da cidade de Jacobina, Bahia, e fizemos um comparativo, analisando o estado de conservação, ou de como se encontram esses locais. Nesse propósito, alguns temas foram trazidos à discussão, como o conceito, os objetivos e a importância do tombamento, se o tombamento preserva ou não; alguns patrimônios tangíveis e intangíveis da cidade de Jacobina tombados. Através da apresentação dessas fotografias no grupo, percebemos que este reconheceu a notoriedade do tombamento. Então, chegou à conclusão que a maioria dos prédios e espaços que não foram tombados estão mais deteriorados.

À luz dessas impressões, é perceptível na Fotografia 14 a alteração no espaço onde foi inaugurada a Companhia Força e Luz de Jacobina, comparando com a situação atual (Fotografias 15 e 16). A cada ano que passa, esse espaço tem sofrido degradação e descaso pelo poder público, bem como muitos visitantes contribuem na deterioração, com pixações e destruição do patrimônio. Hoje, completamente deteriorada, praticamente destruída, jogada ao descaso e ao apagamento de um espaço que muito significou para a cidade de Jacobina.

Fotografia 14 - Inauguração da Companhia Força e Luz de Jacobina (década de 1928)



Fonte: Desconhecida, 1928.

Fotografia 15 - Companhia de Força e Luz de Jacobina (ano de 2008)



Fonte: Marcos Paulo Souza Novais, 2008.

A supracitada Companhia (Fotografia 14), em outros tempos, representou significativamente a história de Jacobina, visto que a empresa era responsável pela iluminação elétrica da cidade. Em tempo, a iniciativa partiu do Intendente, na época, Cel. Galdino César de

Moraes. Conforme Santos (2001, p. 206), “[...] constituiu uma sociedade anônima com denominação de Companhia Força e Luz de Jacobina”, em sete de abril de 1928.

Nas Fotografias 15 e 16, notoriamente, demonstra-se o estado da antiga Companhia Força e Luz, em especial na Fotografia 16, a atual, ano de 2021, que só restam ruínas. Dessa forma, evidenciamos o quão relegado se encontra a antiga instituição, que outrora em muito contribuiu para o avanço da cidade jacobinense. Nesse aspecto, entendemos que elementos que “não somam ou não contribuem para o crescimento do município” não têm o devido valor para o poder público. A visão de preservação e conservação, podemos considerar, principalmente nesse caso, que está ligada ao valor material e social que determinado espaço trazia, dada importância naquela época. Hoje, em nada contribuiu, apenas, ficaram lembranças, portanto, de nada vale.

Fotografia 16 - Companhia de Força e Luz de Jacobina (ano de 2021)



Fonte: Carlos Guedes, 2021.

As Fotografias 17 e 18 são da Igreja de Nossa Senhora da Conceição, uma da década de 1960 e a outra mais atual, do ano de 2007. Esse patrimônio foi tombado em 19 de janeiro de 1972, pelo IPHAN.

Referente a essa Igreja, um membro da UATI, no GD, Imaculada Conceição (2021), contou que essa igreja era mais para os ricos e havia ficado fechada durante dez anos. Acrescentou ainda: *“Agora você sabe que o sino da Igreja da Conceição foi feito também, tem pó de ouro, viu, por isso que ele tem o badalo feito mais forte [sic]”*.

Fotografia 17 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição (década de 1960)



Fonte: Amado Nunes, Jacobina, 1960.

Fotografia 18 - Igreja de Nossa Senhora da Conceição (ano de 2007)



Fonte: Desconhecido, 2017.

Fotografia 19 - Igreja Matriz Santo Antônio de Jacobina



Fonte: Carlos Guedes, Jacobina, 2019.

Nesse percurso, o processo de exposição das fotografias, por meio de slides, durante os encontros virtuais com o grupo, foi notório quanto a esses artefatos do patrimônio da cidade de Jacobina, que são vistos como significativos. Quando se refere ao patrimônio experienciado e conhecido pelas pessoas, há uma reação diferente, existe intrinsecamente uma movência nesses indivíduos, é algo visceral. Portanto, reparamos um olhar carregado de emoção e afetividade daqueles que conheceram a igreja antiga, a Praça da Matriz, a Micareta, a Marujada, a companhia de Força e Luz de Jacobina, a feira livre (inclusive era em outro espaço diferente do de hoje), assim como outros patrimônios que, atualmente, não existem mais ou estão bem transformados pela ação humana (Fotografia 19).

Segundo relato de Imaculada Conceição (2021), em relação à Igreja da Missão (Fotografias 20 e 21): “[...] igual à Igreja da Missão tem uma em Santarém, lá para o lado de Manaus. Eu estive lá, tem o braço também que foi o jesuíta e o índio. O nome do jesuíta, você sabe? O nome do jesuíta é Frei José da Encarnação, foi o primeiro jesuíta aqui”. ‘Vasti’: “Foi ele quem construiu essa igreja?” Em resposta à pergunta da pesquisadora, a senhora Imaculada Conceição afirma:

“Foi ele mais os índios Payayás que é da Missão. Era daqui da Missão, daqui pra Bonfim [...]. Pois a Missão, e aí vocês sabem que os índios, em cima, perto do teto têm o braço do jesuíta e o braço do índio cruzados os dois? Você já viu? Dentro da igreja da Missão, porque aí tinha o lugar do índio ficar, dos brancos e dos escravos, para não se misturar com os brancos. Tem muita coisa bonita, ainda tem muita coisa bonita, do lado da igreja tem muita coisa feita pelos índios [sic].” (IMACULADA CONCEIÇÃO, 2021)

Em meio às discussões e relatos sobre as igrejas de Jacobina, entre elas a Igreja da Missão, a professora Feira Livre (2021) trouxe um comentário interessante sobre a construção da igreja. Segundo ela:

“[...] algumas pessoas falam que os índios construíram aquela Missão, como se estivesse virada ali para o pôr do sol. Porque eles projetavam Jacobina crescendo pra lá, que é o que tá acontecendo agora, né? Aí eu conversando com o meu tio esses dias e o meu tio tem setenta e poucos anos, aí a gente falando dos terrenos em Jacobina, aí meu tio: olha, os índios que estavam certos, projetaram Jacobina crescendo pra lá e não pra cá”. (FEIRA LIVRE, 2021)

Para o representante da UATI, contrariamente do que ocorre hoje, Jacobina há décadas cresceu para a parte baixa. Na visão dele, o Rio do Ouro foi ponto estratégico para a cidade avançar, naquela época, no sentido contrário. Assim, coloca para o grupo:

“Segundo as informações que quando os índios construíram a Igreja da Missão eles queriam que a cidade crescesse para lá, mas o que fez a cidade crescer para baixo foi o Rio do Ouro, como fizeram aquele hotel (atual prédio do Paloca). E o pessoal, os outros começaram a migrar ali para a Matriz,

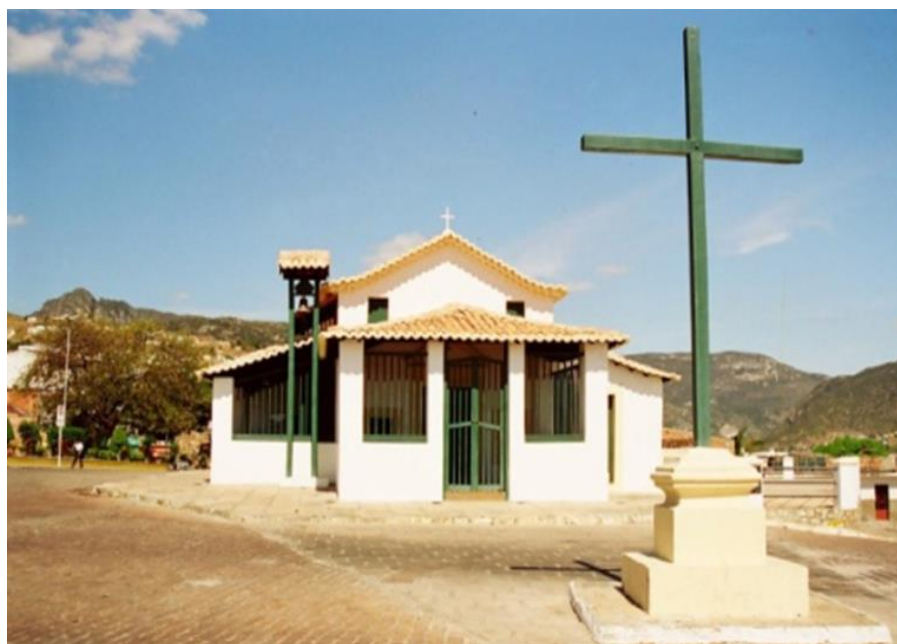
para aquela região onde tinha o Rio do Ouro ali transbordando”. (PAYAYÁ, 2021)

Fotografia 20 - Capela do Bom Jesus da Glória, conhecida popularmente por Igreja da Missão (década de 1960)



Fonte: Amado Nunes, Jacobina, 1960.

Fotografia 21 - Capela do Bom Jesus da Glória



Fonte: Desconhecida, s.d.

Rio do Ouro e Missão (2021), a partir das fotografias, descreveram seus sentimentos em relação à transformação da cidade, enfatizando a importância da participação do fotógrafo

Osmar Micucci e do professor Valter Oliveira nas discussões: *“Esse momento, aqui hoje, será um momento único e ficará em nossos corações para sempre Sr. Osmar”* (RIO DO OURO, 2021). E o estudante Missão reforçou: *“[...] a cidade hoje está muito diferente, que bom ter essa oportunidade de saber como era antes”* (MISSÃO, 2021). Diante desses comentários, foi possível notarmos o reconhecimento e a importância deste trabalho para os estudantes, tendo a participação especial do fotógrafo e do professor acima mencionados.

Vale ressaltar que algumas fotografias (16, 19, 22 e 23) apresentadas no GD tiveram como autores Aléx Félix e Carlos Guedes, fotógrafos que têm uma trajetória que prima e busca pelo que há de mais contemporâneo nos artefatos visuais, imbuídos de técnicas modernas, recursos tecnológicos, iluminação e tratamento de imagens em programas de *softwares*.

Fotografia 22 - Praça Matriz (ano de 2012)



Fonte: Alex Félix, 2012.

Fotografia 23 - Praça Matriz (ano de 2019)



Fonte: Carlos Guedes, Jacobina, 2019.

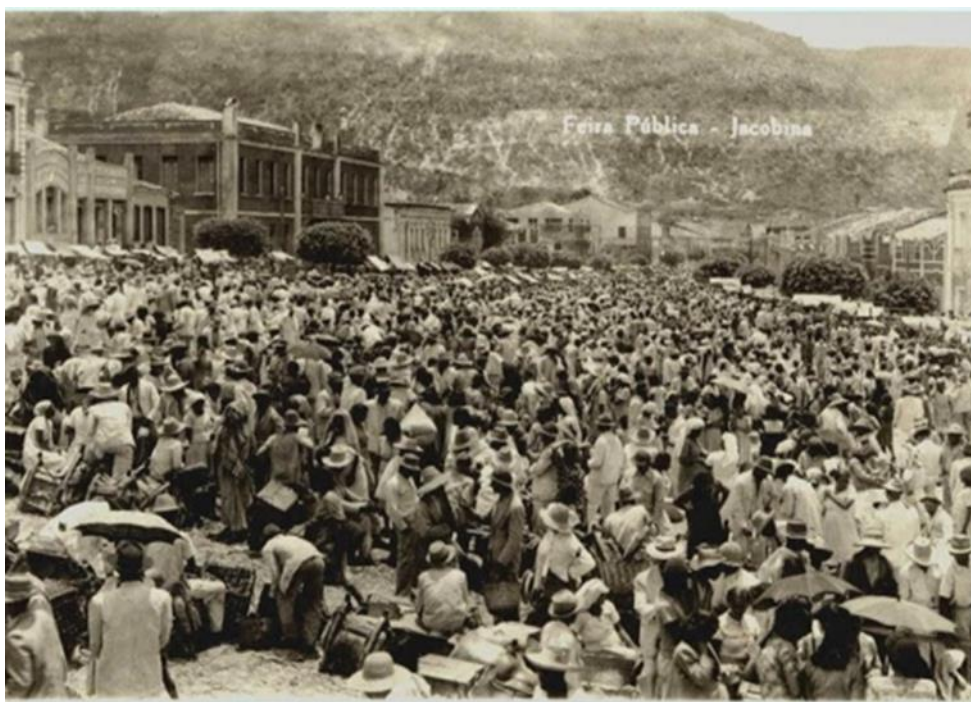
A estudante da UATI, Marujada (2021), cita o casarão antigo, na Praça Castro Alves, como exemplo de descuido. Assim, afirma:

“[...] aquele casarão ali, em cima da casa de Paloca é um casarão que não foi preservado, ele não é patrimônio não. Em cima do bar de Paloca, na Matriz, na esquina, da Rua da Aurora, ali. Ele foi uma pensão ou hotel, antigamente. E a gente vê assim, uma coisa antiga que tá se acabando né? que devia ser preservado”. (MARUJADA, 2021)

Diante do exposto, ao observarmos as fotografias da Praça da Matriz (22 e 23), percebemos que a maioria dos casarões está em bom estado de conservação. No entanto, o que Marujada comenta diz respeito a um casarão em situação precária de conservação, que já teve grande relevância na cidade de Jacobina. Para Dimenstein (2017),

Uma sociedade que não se reconhece está fadada à perda de sua identidade e ao enfraquecimento de seus valores mais intrínsecos. Seu envolvimento no processo de fortalecimento de sua cultura é primordial, diria mesmo, fundamental para a construção de uma postura consciente e ativa no desenvolvimento de sua cidadania. (DIMENSTEIN, 2017, p.21)

Fotografia 24 - Feira Livre de Jacobina



Fonte: Autor e data desconhecidos.

Pela Fotografia 24, antiga Feira Livre de Jacobina, notamos como esta era populosa e abrangia uma parte enorme da cidade, desde aquela época. A professora Serra do Ouro (2021) pontua que naquele tempo “[...] não existiam barracas, o pessoal colocava as coisas no chão mesmo”. Atualmente, a feira livre fica localizada próxima à Universidade do Estado da Bahia, ao Ginásio de Esportes e ao Estádio de Futebol José Rocha. Na apresentação dessa fotografia da feira livre, alguns membros do GD se posicionaram. Assim, a professora do CETEP Jacó e Bina completa:

“Essa feira era ali perto da Matriz? A feira que eu lembre era pra lá, aquela rua da Caixeiro Viajante era tomada de barracas, quer dizer, isso é o que painho e mainha contavam (risos), eu não..., Mas lembro das histórias que eles contavam, tá entendendo? Aquela parte daquela última ponte é tanto que tem o Mercado Velho, né? Mas aquilo tudo ali era onde...” (JACÓ E BINA, 2021).

Na sequência, a respeito da foto da feira livre, outros comentários foram acrescentados e discutidos, gerando, assim, uma enriquecedora discussão retomada da memória desse espaço. Desse modo, para constar, o experiente membro da UATI, Payayá (2021), acrescentou:

“Eu acho que essa aí é a antiga Prefeitura, não tenho certeza, mas tá parecendo. Aquilo ali era tudo aberto, a feira tomava aquilo tudo, a Praça Rio Branco. Aí é naquela parte que se chamava várzea, o nome que eles botaram, onde fazia feira chamava de várzea, ali tinha tudo. Agora pegava aquela área ali do Mercado Velho, subia até a passarela lá do calçadinho, aquela passarela a que sai lá do Posto Motinha, pegava a feira até lá. Tinham poucas casas, tinha a praça ali... a Caixeiro Viajante, tudo ali era tomado

pela feira, era muito grande, ali tinha tudo misturado: feijão, farinha, melancia...” (PAYAYÁ, 2021).

Fotografia 25 - Cobrador de impostos da Prefeitura na Feira Livre de Jacobina



Fonte: Osmar Micucci (1964). Acervo particular de Osmar Micucci.

Trazendo a feira livre para os dias de hoje, muita coisa mudou, a começar pelo local, a despeito da estrutura, das barracas e da cobertura. Ainda que deixe muito a desejar e necessite urgentemente de melhoramentos, a feira livre hoje é mais organizada se comparada à antiga feira livre (Fotografia 25). Nesse sentido, ao expor a foto do cobrador de impostos, de autoria do fotógrafo Osmar Micucci, a professora Feira Livre (2021) pontuou:

“Só que agora a feira está bem modernizada, viu Vasti? Agora já paga no banco, agora assim, depende, aqueles boxes mais fixos pagam no banco, agora aquele pessoal que bota no chão, aqueles removíveis, semanalmente os fiscais passam cobrando, que antes não cobrava, mas agora tá cobrando”. (FEIRA LIVRE, 2021)

Osmar Micucci relatou que essa fotografia mexeu muito com ele, quando se deparou com a cena do cobrador de imposto sentado, executando atentamente o seu ofício. Para compreendermos melhor o que significou essa fotografia, na condição de pesquisadora, eu questionei ao próprio profissional: “Sr. Osmar, o senhor quando fez essa fotografia, o senhor lembra dos detalhes, por que o senhor fez essa foto? O senhor lembra desse momento?” Então, em resposta, Osmar Micucci (2021) alegou:

“Olha aí oh, como é que eu não converso? Essa pergunta, só se pode responder a pessoas como vocês, porque tem o sentimento, a pergunta já vem com esse sentimento, então ela aí dá para completar. É porque... eu não sei

se eu conhecia ele, que achava que a pessoa que tinha uma certa condição, porque as vezes, na cidade há essa separação enorme do homem. Se está fazendo uma coisa, muitos têm... É o ego, o ego domina, eu mesmo até hoje fico procurando jogar esse tal de ego fora. Então, ele... sim é numa feira livre dessa, que ele tá até alguém que já olhou que disse a roupa, na época dá para notar quem era cobrador [...]. E ele fazendo isso, então eu parei ali... aquilo me chamou atenção, tava vendo uma coisa diferente, ele dedicado, com honestidade para arrecadar isso e entregar a prefeitura. Que hoje no nosso país isso que é arrecadado não sobra pra nada, pra educação, é isso que não tem a gente enxerga tudo isso. Quem mais sofre são os honestos era um homem honesto. Eu senti tudo isso nele, tirando as notinhas, combinando, aquele que não podia, tinha menorzinho o comércio dele. Aí enxerguei tudo isso que a gente também esquece. Quando vê dá para lembrar, porque é memória fotográfica”. (MICUCCI, 2021)

Questionado pelos estudantes, o fotógrafo Osmar Micucci respondeu pacientemente a cada um. Assim, um dos questionamentos feitos foi como o profissional *“vê toda essa mudança, esse progresso todo, as casas antigas que quase a gente não vê mais”*. Desse modo, Micucci (2021) respondeu: *“[...] isso não para, agora deve ter um controle para conservar”*.

Finalmente, a abordagem das questões de cunho histórico patrimonial, através das fotografias, permitiu uma visão mais enriquecedora junto com as memórias da terceira idade, recheadas de detalhes e recordações bastante enfáticas. Isso justifica o quanto é relevante o papel da fotografia para a compreensão histórico-cultural da cidade aqui citada.

Chegamos, simetricamente, da ideia de um passado visível a um passado invisível; de um passado coeso a um passado que vivemos como rompimento; de uma história que era procurada na continuidade de uma memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história. O passado nos é dado como radicalmente outro, ele é esse mundo do qual estamos desligados para sempre. (NORA, 1993, p. 19)

Desse modo, a ideia da memória e do passado para Nora (1993) tem sentido no que tange às abordagens feitas neste trabalho a partir das memórias e do reavivamento do passado, via fotografias, para se compreender e reconhecer os mais variados aspectos da atualidade.

4.4 ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE JACOBINA: ERA UMA VEZ...

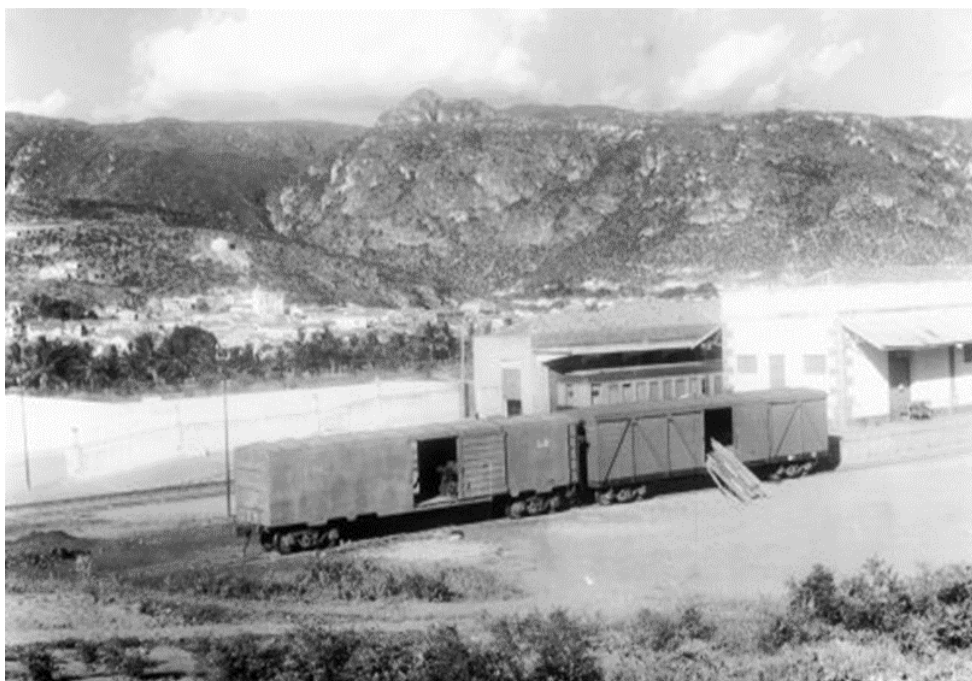
No GD, exibimos algumas fotografias de patrimônios históricos e culturais da cidade de Jacobina. Nesse ínterim, expomos imagens da antiga Estação Ferroviária (Fotografia 26), no momento da inauguração. Inclusive, datada em 1º de março de 1920, teve importante papel, não somente como meio de transporte de passageiros e de carga, mas sobretudo pelos aspectos afetivos.

Abordar essa temática no grupo significou envolvimento, empolgação e demonstração de saudade desse patrimônio, que um dia foi derrubado. Hoje, restam as recordações e as

memórias nostálgicas do tempo que viajar de trem era aguardar ansiosamente os chegantes e se despedir dos viajantes. E como canta Gonzaguinha nos versos da canção:

“Eia! E vai o trem num sobe serra, desce serra/ nessa terra/ Vai carregado de esperança, amor, verdade e outros ‘ades’/ Tantos males, pra onde vai?/ Quem quer saber?/ Uma prece, um pedido/ Um desejo concedido a você na omissão, amém!/ Uma prece, uma graça/ Pelo pranto sem espanto e a saudade consentida, amém!/ Uma prece, um louvor, a Deus, não contra o vento/ Na partida desse trem, amém”.²¹

Fotografia 26 - Estação Ferroviária de Jacobina (década de 1970)



Fonte: Tibor Jablonsky, 1970.

A malha ferroviária brasileira iniciou em 1854, na cidade de Mauá, inaugurada por D. Pedro II. A partir daí foi ampliada para outros estados, chegando ao total de mais de 28 mil quilômetros de ferrovias, até o século XX (SOUZA, 2019). Esse transporte foi visto como mola para a indústria e o setor agrícola na época, principalmente no estado de São Paulo, cuja infraestrutura nesse sistema modal alavancou ainda mais o desenvolvimento da cidade.

Nos anos 1930, no governo de Getúlio Vargas, as rodovias passam a ocupar lugar de destaque, com isso as ferrovias entraram em declínio. Posteriormente, inicia-se o processo de privatização da malha ferroviária. No intuito ainda de salvaguardar as ferrovias, as privatizações ocorreram, passando ao capital estrangeiro às empresas férreas. Porém, a situação precária e o descaso com a malha ferroviária foram aos poucos conduzindo à situação de descaso e

²¹ Em 1969, Gonzaguinha ganhou o primeiro lugar com a música *Trem*, no Festival Universitário de Música. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/gonzaguinha/490778/> e <https://www.ebiografia.com/gonzaguinha/#:~:text=Carreira%20musical&text=Em%201969%20ganhou%20o%20primeiro,prima%20fundamental%20de%20suas%20composi%C3%A7%C3%B5es>. Acesso em: 11 de jan. 2022.

abandono. Os investimentos passaram a minguar nesse setor, alargando e alavancando assim a malha rodoviária no Brasil. Isso porque o governo federal, naquele período, resolveu priorizar e direcionar os investimentos no setor de transporte rodoviário relegando o modal ferroviário.

Algumas décadas depois, precisamente no ano de 1957, o presidente Juscelino Kubitschek assina uma lei que cria a Rede Ferroviária Federal S.A, de economia mista e administrada também pelo Governo Federal. Os investimentos realizados naquele período aumentaram a malha ferroviária em mais de 38 mil quilômetros. Segundo Souza (2019, n.p.), na época “[...] da Ditadura Militar as ferrovias têm o seu maior encolhimento, em 1964 inicia o ‘plano de erradicação de trechos deficitários’, caindo a malha ferroviária para 29.184 km”.

Portanto, com a decadência da malha ferroviária no Brasil, na cidade de Jacobina, a Estação Ferroviária também sofreu grandes impactos, sendo relegada por falta de investimento, entre outros elementos, a exemplo da seca. Esse último foi um dado relevante, que contribuiu para o declínio da malha ferroviária na região, ocorrida em períodos de grandes estiagens, conforme afirma Cunha (2011):

Existem razões práticas para que algumas estações apresentem acentuada queda ou acréscimo em suas receitas e a principal delas se liga à seca. Em toda zona da ferrovia, eram os produtos agropecuários os mais importantes, os geradores de riqueza, principalmente o gado, a mamona e o algodão. (CUNHA, 2011, p. 158)

Consequentemente, aquele lugar, Estação Ferroviária de Jacobina, onde outrora tão grandiosa, passou a ser um local praticamente abandonado. A visão do poder público, naquele período, não foi de preservação, mas sim de construção de outros espaços que ocupassem a referida Estação. Aconteceu no governo do então prefeito da época, Sr. Carlito Daltro, a demolição total da Estação, implantando naquele espaço a Universidade do Estado da Bahia e o Ginásio de Esportes. Há quem defenda essa ação, considerando a ideia visionária e inovadora mediante a atual situação de caos que se encontrava a Estação Ferroviária de Jacobina. E sem fundos para a reativação e a manutenção da malha ferroviária, a solução para o prefeito na época foi derrubar o patrimônio mencionado, que um dia passava trens apitando, avisando a sua chegada e a partida da Cidade do Ouro.

A Empresa Ferroviária Federal Leste Brasileiro era a responsável pelo trem de ferro naquela época. Segundo a pesquisadora Fabiana Machado da Silva (2017), com base em depoimentos de ex-funcionários dessa empresa, a *Leste* teve uma marcante passagem pela cidade de Jacobina, influenciando diretamente em vários aspectos, a propósito no âmbito comercial, como no transporte na época, trazendo desenvolvimento para o país como também para Jacobina.

Tal patrimônio foi desativado em 1976. Assim, num dos relatos mencionados acerca da Estação Ferroviária de Jacobina, um dos participantes do GD pontuou:

“Eu tenho uma vaga lembrança de que provavelmente essa estação ficou um período desativada, abandonada e como era um local, uma região bem central... porque aqui na Jacobina I era só mato... onde é a UNEB e da ACIJA, depois já vem o outro lado que é a Praça da Bíblia”. (MARUJADA, 2021).

O trem de ferro fez parte da história de muita gente, mesmo daqueles que não conheceram, presencialmente, mas ao menos ouviram relatos dos avós, pais, família, amigos. Desse modo, a professora confirma a partir da contação da sua mãe que: *“A estação quando ficou abandonada os mendigos tomaram conta, mainha me confirmou aqui que foi isso mesmo (risos)...”* (JACÓ e BINA, 2021)

Nesse trilhar pela história da Estação Ferroviária de Jacobina, lembranças da terceira idade e das professoras foram afetadas (Fotografia 27), de modo que muitos participaram ativamente do encontro, como se voltassem ao passado, transcendendo o tempo. Então, um dos membros da UATI lembrou:

“Naquele tempo, eu devia ter na faixa dos dezessete a dezoito anos por aí. Aí eu pegava ponga no trem para Miguel Calmon e ficava lá até à tarde e voltava no outro trem que vinha lá de Piritiba. A estação ia até o Ginásio de Esportes, a Estação, não era só da faculdade. Vinha da faculdade, mas o centro mesmo da Estação era onde é hoje o Ginásio de Esportes”. (PAYAYÁ, 2021)

Fotografia 27 - Estação original de Jacobina (década de 1920)



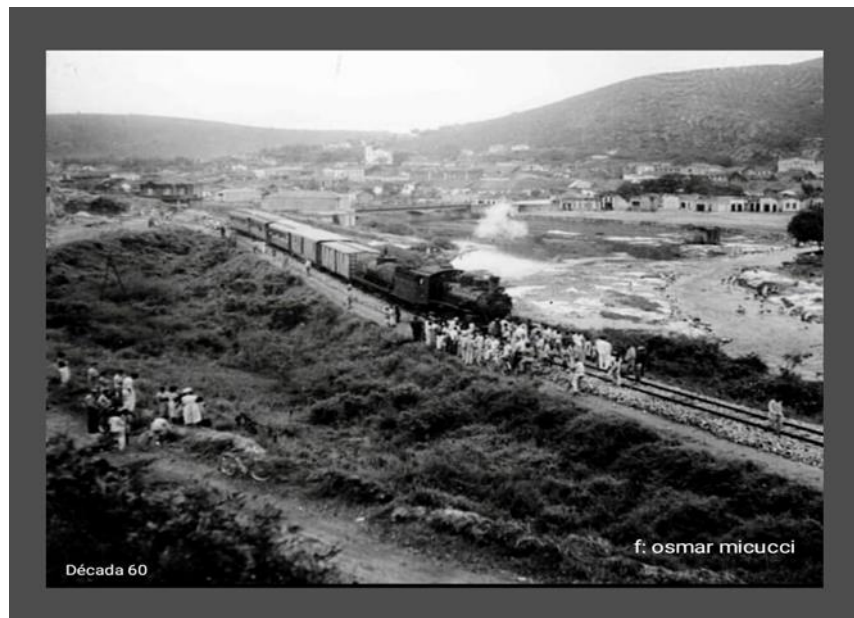
Fonte: Autor desconhecido, 1920.

Nesse comentário, percebemos que a Estação Ferroviária de Jacobina envolveu várias gerações, marcando, ainda, a economia, o comércio e a geração de renda, como também as paixões, os encontros, os amores, as saudades, as alegrias, a tristeza, a diversão e a festa. Nesse sentido, a passagem do trem na cidade significou movimentos que envolvem os aspectos históricos e sociais, como também os afetivos.

A *Estação Ferroviária de Jacobina: era uma vez...*, texto encontrado no Acervo do Centro Cultural da cidade de Jacobina, no recorte do *Jornal Primeira Página*²², aborda de maneira poética e melancólica sobre o declínio da Estação Ferroviária:

Fui ponto de chegada e de partida, abriguei durante as madrugadas os infortúnios de muitos retirantes, fiz parte do engrandecimento econômico, social e cultural da cidade, estive presente nos acontecimentos que mudaram a nossa história, recebendo, inclusive, grandes autoridades da nação. Por mim, passaram estudantes, fazendeiros, políticos, comerciantes, caixeiros viajantes, meretrizes, padres, enfim, todos faziam deste lugar a referência para suas andanças. O tempo foi passando e fui perdendo o espaço para a modernidade, tendo sido transformado em bar, depois boate, em seguida supermercado e, finalmente, chegou alguém que por muitas vezes eu vi desfrutar das minhas calçadas e me sentenciou à morte. Eu sou a Estação Ferroviária de Jacobina [...]. (AUTOR DESCONHECIDO, s.d.)

Fotografia 28 - Trem quebrado na entrada da cidade de Jacobina (década de 1960)



Fonte: Osmar Micucci, Jacobina, 1960.

A Fotografia 28, de Osmar Micucci (2021), trouxe dúvidas e leituras diversificadas. Quando observamos os detalhes, é perceptível uma fumaça do lado do trem, em direção ao rio.

²² Esse texto não apresenta data, autoria e nenhuma referência por ter sido cortado e digitalizado por algum membro que trabalhou no Centro Cultural anos atrás, destruindo, assim, dados relevantes para a história sobre a Estação Ferroviária.

A impressão, segundo um dos palestrantes do GD, foi que a fumaça tinha sido ocasionada devido a uma explosão por dinamite. Entretanto, o autor dessa foto esclarece ao grupo o que de fato ocorreu naquele momento e qual a razão do trem parado na entrada da cidade de Jacobina.

“Eu explico: o Rio Itapicuri... a obra que teve foi mais distante, começou que não tinha o cais, ali onde era o mercado, por ali, quando o rio enchia, tomava toda a várzea. Quando chegava ali junto, onde tinha uma casinha, eu me lembro bem dessa casinha, o Rio Itapicuri ele vindo ali, ele entrava à esquerda, ele ia lá, ele sumia ali, não tava dinamitando nada. Aquela fumaça é o do trem, o trem ali não parou para olhar nada, o trem parou ali, porque quebrou e chamou a atenção de toda a cidade. Quem é que não queria ver o trem parado? Aquilo... mesmo que hoje você vai ver alguma coisa na rua... porque o trem não dava essa ousadia de parar, só na estação mesmo. Então, (áudio confuso) ... o povo da Serrinha desceu para ver o povo ali dentro, isso era uma super alegria. Ele ali formava uma curva, deixa eu ver se eu digo, uma curva à direita, né, porque o trem tava descendo o rio do Ouro ali, ele tinha aquela curva e o Rio Itapicuru quando enchia ele formava até dois braços. E aquela casa ali (aponta para a imagem), eu todo ano ficava admirado, porque eu tirava retrato das enchentes e essa casa nunca caía. (risos) Me lembro como se fosse hoje”. (MICUCCI, 2021)

Fotografia 29 - Passagem do trem em Jacobina (década de 1959)



Fonte: Osmar Micucci, 1959.

Quando observamos a Fotografia 29, em meio a certa dificuldade visual, foi possível percebermos lavadeiras no Rio Itapicuru em seu ofício. Embora o foco maior nessa imagem esteja no trem, durante o encontro, aproveitando o ensejo, perguntei ao retratista Osmar Micucci: “[...] essa fotografia desse rio, são as lavadeiras no Rio do Ouro, né isso?”. Em resposta, o fotógrafo confirma:

“São as lavadeiras que tinha as pedras... tinha uma que eu sabia até o nome dela, chamava d. Morena. E quando o rio enchia às vezes levava as pedras, porque elas ainda tinham isso, separava uma boa pedra porque tinha de bater a roupa. Eu tenho uma fotografia tirada de lá da dita ponte, a última ponte pegando a Serrinha, então é... (áudio confuso) ... aí que lavava as roupas da minha casa, daquele pessoal todo, as lavadeiras, então são histórias...” (MICUCCI, 2021)

A ferrovia foi agente de mudança social e sinônimo de progresso para Jacobina, desse modo, trouxemos imagens e relatos da Estação Ferroviária, que evidenciaram essas informações. Portanto, contamos com as memórias da terceira idade, como também a dos fotógrafos para relatarem sobre a Estação, o trem de ferro, as suas andanças e os movimentos em torno desse transporte ferroviário.

Não tivemos a intenção de tirar o foco das vivências do trem de ferro, mas surgiram outros caminhos que despertaram a curiosidade dos membros do GD. Nesse sentido, para Luciana Bittencourt (1992, p. 229), “[...] a imagem fotográfica é polissêmica na medida em que ela pode ser lida sem regras predeterminadas”.

Voltemos ao ponto inicial, a Estação (Fotografia 30). A funcionalidade comercial do trem em Jacobina expandia o comércio da cidade, de modo que o município trazia alimentos para abastecer o comércio, advindos das localidades vizinhas. Contudo, reforça Payayá, representante da UATI, ao falar sobre o trem: *“Aí tinha muita mercadoria, principalmente frutas de Miguel Calmon e Piritiba. Tanto o trem transportava para lá como transportava de lá para cá. De lá para cá eram mais frutas, farinha, feijão”*. (PAYAYÁ, 2021)

Fotografia 30 - Rede Ferroviária Federal Sociedade Anônima Jacobina



Fonte: Lidenício Ribeiro, s.d.

À propósito, a temática em torno da Estação de trem em Jacobina ferveceu a mente de todos os presentes, foi empolgante e rica, tanta história, tanta recordação, tanta memória afetada. Porém, aspectos de cunho político também foram pontos abordados naturalmente no GD. Nesse âmbito, a professora Kiriri (2021) foi implacável:

“Vasti, sobre a estação é mais uma questão de como os gestores enxergam a questão patrimonial. A gente percebe que, por exemplo, em Bonfim existe ainda o trem, né, mas para carga, mas ainda assim mantiveram. Rio de Contas também grande preservação [sic]. Aqui em Jacobina, no entanto, o espaço que poderia ser um ambiente para essa questão turística e mais histórica, digamos assim, foi destruído para se fazer o Ginásio, a UNEB, a ACIJA. Então, daria muito bem para conviver. É porque se enxerga muito patrimônio como algo velho, que não presta. Enquanto, a gente não tiver gestores, ou grupos que colaborem com a gestão, com essa perspectiva diferenciada do patrimônio a gente vai perder muito, né? Jacobina é muito rica, quando a gente trabalha com a questão da mineração, envolvem muitas questões que precisam ser discutidas. A própria história dos povos indígenas, que é uma história silenciada, que não é muito falada nas aulas de história fundamental, médio ou até da profissional, a não ser naquela perspectiva muito mítica, ainda né, bem fora do contexto”. (KIRIRI, 2021)

Finalmente, tratar desse patrimônio com o uso das fotografias foi como viajar pelos trilhos das linhas de ferro de Jacobina e, nessa viagem, embarcaram, em cada vagão, os sonhos vividos, a saudade, a crítica, os risos, as histórias. Os tripulantes presentes se sentiram os verdadeiros protagonistas dessa viagem.

4.5 IMAGENS E MEMÓRIA: PAISAGENS CULTURAIS E SOCIAIS DA MARUJADA EM JACOBINA

A marujada é um patrimônio cultural imaterial, uma tradição que é passada de geração a geração. Sua origem é de Portugal, remetendo ao contexto das navegações e conquistas marítimas nos séculos XVI e XVII. Chegou ao Brasil pelos colonizadores portugueses. Porém, essa festa, ao adentrar o nosso país, passou por alterações e adequações culturais, tornando-se desse modo diferente da Marujada original de Portugal. A marujada também é conhecida por Fandango, tradição nas regiões Norte e Nordeste do Brasil (MARUJADA, *s.d.*).

Essa manifestação era intimamente ligada à vida difícil, à insegurança, à incerteza, aos lamentos e aos perigos que os marujos enfrentavam em suas navegações. A forma que eles encontravam de manifestar a sua fé e extravasar os seus medos era cantando, dançando, tocando castanhola e pandeiro.

Hoje em dia, essa festa promove interação entre as pessoas, mantendo vivo seu ritual de fé, tradição histórica e cultural, características ainda presentes no próprio grupo da Marujada. Segundo a professora Carmélia Miranda (2004) acerca das primeiras famílias que chegaram à Jacobina:

Os negros que iniciaram a Marujada eram descendentes de escravos. Manoel Teodoro não chegou a ser escravo. Acreditamos que Benedito Caranguejo ou foi descendente de escravo, ou ele mesmo foi escravo. Porque ele foi anterior. Até onde a gente sabe, aí voltando aos tempos, ele foi fundador da Marujada. A gente sabe que as duas famílias Caranguejo e Capim iniciaram os festejos, depois a família Labatut passa também a participar dos festejos. (MIRANDA, 2004, p. 455).

Em nossos estudos, ao tratarmos desse tema, soubemos que a Marujada nessa cidade já tem em torno de duzentos anos. No entanto, esse movimento é considerado uma manifestação popular, com a finalidade religiosa e cultural. Assim, desfilam pelas ruas da cidade com suas cantorias e danças. Conforme Miranda (2004), essa manifestação remonta a história dos negros, suas conquistas e religiosidade:

No dia da festa os marujos desfilam pelas ruas, contando a versão jacobinense sobre a guerra da reconquista da Península Ibérica, ao mesmo tempo, que prestam homenagem a São Benedito e Santo Antônio. Nos versos de suas cantorias há referência a um tempo de guerras, de batalhas, de perigos enfrentados e socorridos por esses santos [...]. (MIRANDA, 2004, p. 453)

Em Jacobina, a Marujada é, predominantemente, formada por homens, em sua maioria, negros e pardos. Há uma representante feminina, a madrinha do grupo, responsável pela alimentação e vestuário dos membros. Inclusive, eles usam roupas brancas com detalhes em azul, vermelho ou amarelo, imitando os uniformes dos marinheiros.

Conforme um dos membros dessa manifestação, um dos desejos do grupo é a inserção das mulheres na Marujada de Jacobina. Nesse sentido, as próprias imagens revelam essa percepção em relação à presença masculina nessa tradição cultural (Fotografias 31,32, 33 e 34). Assim, o Mestre Badu²³ ressalta a intenção da Marujada:

“Por enquanto, em Jacobina ainda é só masculino. Ainda tá diferente de... justamente dessas Marujadas que eu falei, porque já tem várias Marujadas que é feminina, inclusive se apresentaram aqui em Jacobina, são três Marujadas lindas, feminina né! Já faz parte e a nossa intenção também é de que um dia, possa ser que tenha uma Marujada parte feminina, né? Porque é interesse de muitas mulheres, né. Já pergunta se pode essa coisa toda, mas estamos vivendo ainda essa hierarquia né?” (BADU, 2021)

Fotografia 31 - Marujada em Jacobina (ano de 2019)



Fonte: Robson Guedes, 2019.

Nas apresentações da Marujada em Jacobina, segundo Badu (2021), à frente ficam o Mestre, o Contra Mestre, o Capitão e o General, acompanhados pelas crianças, denominadas por Calafates, que também fazem parte do grupo. Antigamente, nos festejos da Marujada, era comum o grupo descer do Alto da Missão, de madrugada ou alvorecer, soltando fogos, cantando, como afirma Badu. Porém, esse ato foi banido por um juiz, na época, devido ao excesso de barulho enquanto as pessoas dormiam. Essa atitude gerou confusão, mas ainda hoje não é permitido esse tipo de ato ao alvorecer. Ao sair pelas ruas de Jacobina, a Marujada entoa várias

²³Balduino Silva nasceu em 05 de junho de 1945, na cidade de Miguel Calmon, Bahia. Pertence ao Quilombo Urbano da Bananeira. Estudou até o primário, no curso Educação integrada. Atualmente, é artesão, oficineiro, contador de história, animador de eventos estudantis e cantor. Integrou ao grupo da Marujada em 2008, mas sempre foi um adepto dessa festa desde criança. Mora em Jacobina desde os três anos de idade, local que reconhece como sua terra. Foi agraciado com o título de Cidadão Jacobinense pela Câmara de Vereadores dessa cidade, em 2022.

músicas, entre elas, *Alerta*. Assim o Mestre Badu canta para os presentes no encontro ocorrido no GD:

Alerta, alerta quem dorme!
Saia moça na janela
Oi venha ver a triste vida
Que o pobre marujo leva! (BADU, 2021)

Segundo relato de Sr. Badu, para a Marujada se firmar nesta cidade, não foi fácil, como ele colocou, “ser aceita pela sociedade”. No início, existiam as festividades, então a Marujada se apresentava desvinculada da Igreja, se apresentando na rua, até que as pessoas reconheceram sua importância e começaram a aplaudir as suas apresentações,

“[...] ali eles ficava de lá por fora e começava a bater palmas, dançando ali, tal, com aquelas vestimentas, de onde vem a curiosidade de alguém tal e daí começou o comentário: aqueles negros fazem umas danças bonitas e tal, fazem lá umas referências e tal, até que um dia, isso é o que nós sabemos, então, alguém convidou e começaram a chegar [...]. O pessoal começou a gostar e aí terminou no que está hoje, nossa Marujada a sétima maravilha de Jacobina”. (BADU, 2021)

Ao perguntar ao Mestre da Marujada se esse movimento sofre preconceito e como tem sido visto na cidade de Jacobina, ele relatou o seguinte:

“Veja só... eu acho que essa coisa tá muito difícil de acabar né, preconceito. Mas a gente sente bastante feliz, pró, porque é uma verdadeira assim... no dia que a Marujada se apresenta, a Marujada tem muitos adeptos, a Marujada que ama Marujada, enfim. Nós quando sai é... [...], pessoas que a gente nunca viu na cidade, tudo de câmera filmando a gente. É festa mesmo, a gente se sente feliz, fica bem à vontade pelo fato de ter todo esse acolhimento. O pessoal acolhe mesmo, mas aqui, acolá sempre surge que torce (fez gesto com a boca) (para dizer torce a cara). O importante é a maioria, né? Então, nós temos maioria no dia dessas festividades, então têm muitos adeptos que adora, a mulherada acompanha jovens, criança, enfim, aqueles que não acompanham fica na janela, ali, quando a gente passa ali pela Manoel Novaes, então é uma coisa fantástica. Então, é dia de festa mesmo, o dia é nosso!” (BADU, 2021)

Fotografia 32 - Marujada em Jacobina (ano de 2021)



Fonte: Carlos Guedes, 2021.

Nesse aspecto, é pertinente lembrar que as tradições culturais, cujos negros são maioria, em grande parte diríamos, existem discriminação e preconceito sociais. Ainda há resquício do passado e da ideia endemoniada diante de várias tradições culturais advindas dos afrodescendentes, a exemplo também da Capoeira, do Candomblé, do Terreiro, entre outros. No entanto, não é novidade compreender o desabafo do membro da Marujada quanto ao preconceito e a inserção desse elemento cultural no âmbito social. Contudo, a Marujada representa resistência e luta. A irmandade presente nessa manifestação é característica desde a sua criação. Embora a Igreja Católica, de certo modo, tenha se utilizado de sua hegemonia religiosa para que a Marujada se apresentasse nos festejos e comemorações de Santo Antônio e São Benedito, ou de outro momento religioso, essa festividade agrega elementos próprios de suas crenças e tradições, das suas lutas e resistências. A exemplo disso, é a Festa de Reisado, entre outros ritos que a Marujada mantém vivo.

Naquela época, não era permitido “[...] aos negros a liberdade de expressarem suas tradições, eles eram obrigados a se converterem ao catolicismo, buscaram nas crenças e nas festas do colonizador o espaço para suas práticas culturais” (MIRANDA, 2004, p. 452). Nesse contexto, acrescentamos outro dado que nos chamou atenção, a hegemonia da Igreja Católica

sobre esse elemento cultural. Não é algo situado em Jacobina, mas desde a criação da Marujada existe esse elo com a Igreja, que se utilizou desse aspecto para doutrinar os negros ao Catolicismo. É a questão de enxergar os negros com visão escravista e doutrinadora, é a ideia de colonizador e o colonizado.

Fotografia 33 - Marujada em Jacobina 1 (década de 1950)



Fonte: Osmar Micucci, 1950.

A professora do CETEP, de codinome Kiriri (2021), relata uma observação feita por ela *in loco* nessa festividade, que comprova nossa discussão: “[...] a festa de São Benedito que a Marujada acompanha, percebe que o público é um público mais voltado às camadas populares de pertencimento à identidade negra. E quando se compara com a Festa do Divino já é uma festa mais elitizada”. (KIRIRI, 2021)

É interessante pontuarmos a partir desse depoimento que o poder da festividade está intimamente ligado ao processo discursivo e às suas práticas sociais. Nesse sentido, Michel Foucault (1979 *apud* JONH, 2012) diz que o poder não é limitado ao Estado ou a Igreja, mas sim às práticas sociais que foram construídas historicamente. O filósofo completa ainda que:

[...] o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona. E que em algum lugar privilegiado ou exclusivo, mas se dissemina por toda a estrutura social. (FOUCAULT *apud* JONH, 2012, p. 322)

Fotografia 34 - Marujada em Jacobina 2 (década de 1950)



Fonte: Osmar Micucci, 1950.

Nesse sentido, quando expomos as fotografias da Marujada para discussão, percebemos que o patrimônio histórico e cultural requer atenção e precisa ser rememorado e incorporado nos espaços sociais, seja na escola, como nas apresentações locais. Haja vista é uma tradição popular que possui dois séculos nesta cidade. Portanto, existe uma riqueza histórica e cultural imensurável, para tanto, os estudantes e a população não devem ser furtados de conhecerem essa tradição, essa história. Conforme Nara John (2012, p. 329), “O patrimônio cultural constitui uma herança histórica, deixada pelas gerações anteriores, que cabe a todos preservar para que seja transmitida às gerações vindouras”.

Durante a escrita dos resultados desta dissertação, tivemos a notícia triste que um dos membros da Marujada de Jacobina havia falecido, no dia 25 de janeiro de 2022, aos 73 anos de idade: Sr. Elias Caetano dos Santos. Em lamento a essa perda, o presidente da Marujada, José Manoel de Farias, prestou uma homenagem ao nobre marujo, dizendo:

“É com imenso pesar que a Marujada de Jacobina, Bahia, comunica o falecimento hoje, 25/01/2022, de seu marujo, compositor, orientador e conhecedor da história popular e religiosa dessa entidade de dois séculos de existência, Elias Caetano dos Santos (conhecido também como Kátia da Igreja Católica). A Marujada de Jacobina presta os mais sinceros sentimentos de solidariedade à família, amigos, marujos e comunidade católica de Jacobina”. (MORRE ELIAS..., 2022)

4.6 MICARETA: UM RECORTE DO PASSADO DE FESTAS EM JACOBINA

Cada um traz consigo uma bagagem de vivências e conhecimentos construída ao longo da sua história. E para tanto, as fotografias têm o papel de congelar esses momentos, embora tenhamos idade diferente da imagem vista décadas depois.

Assim, também, a memória tem o propósito fundamental nessa leitura, como afirma John (2012, p. 328): as fotografias “[...] apresentam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e do seu entorno sociocultural”.

Nesse sentido, ao trazermos a Micareta de Jacobina, elemento cultural, as fotografias representaram a plástica rememorativa dessa festa tão admirada por grande parte dos jacobinenses e de toda a região. A Micareta em Jacobina, conforme Vanicléia Santos (2004), começou em 1912, e teve como precursor o italiano Porcino Maffei, que morava nesta cidade, o organizador do bloco *As copas*.

O termo *Micareta* era denominado como *Micareme* (Mi-carême palavra de origem francesa), que significa *meio da Quaresma*. Chegou ao Brasil no século XVIII. Essa festa acontecia em meio aos festejos da páscoa, com a queima do Judas,²⁴ no Sábado de Aleluia²⁵. Tinha como lema espantar a morte, a tristeza e a penitência em meio aos dias da Quaresma. Nessa cidade, acontecia na Praça da Matriz, em frente à Igreja Católica. Esse ato costumava deixar o vigário da paróquia extremamente irritado. Então, havia essa luta anual dele em querer acabar com aquela queima do Judas em frente à igreja e no Sábado de Aleluia. Na concepção do padre, era um ato desrespeitoso essa encenação, porque o Cristo nem sequer tinha ressuscitado. Isso, na época, foi motivo de sermões cheio de críticas e indignação, tanto direcionado aos organizadores como aos participantes do evento, causando, assim, grande repercussão, conflitos e retaliações ao padre.

²⁴“Judas Iscariotes foi um dos 12 apóstolos de Jesus Cristo. Segundo os Evangelhos canônicos, Judas foi o traidor que vendeu Jesus aos soldados romanos, por 30 moedas de prata. Judas deu um beijo em Jesus para identificá-lo aos guardas que o procuravam”. Fonte: https://www.ebiografia.com/judas_iscariotes/. Judas é compreendido como o traidor.

²⁵Sábado de Aleluia: “também conhecido como Sábado Santo ou Véspera da Páscoa é uma festividade religiosa que celebra o aguardo pela ressurreição de Jesus após sua crucificação no Calvário, conforme o relato do Novo Testamento. É o último dia da Semana Santa, na qual os cristãos se preparam para a celebração da festa da Páscoa. Nele se celebra o dia que o corpo de Jesus Cristo permaneceu sepultado no túmulo. Para *alguns* cristãos, particularmente os católicos, foi neste dia que a Maria, mãe de Jesus, como Nossa Senhora das Dores, recebeu o título de ‘Nossa Senhora da Solidão’, uma referência ao profundo sentimento de solidão associado ao seu luto e tristeza”. Fonte: https://pt.wikipedia.org/wiki/S%C3%A1bado_de_Aleluia Acesso em: 28 set. 2021.

Era um clima tenso gerado pela queima do Judas. Ou seja, a representação dessa festa tinha como objetivo acabar com os dias tristes e penitentes que remetiam à ideia da morte, período da Quaresma, queimando o Judas, o traidor. Para o vigário, esse festejo de carnaval era sinônimo de profanação. Enfim, esse conflito durou décadas. Tempos depois, as pessoas responsáveis e incentivadoras dessa festa se apoiaram na Maçonaria e no Movimento Espírita, encontrando ali “ideias progressistas” para o período e, de certo modo, diminuindo a hegemonia da Igreja Católica nas festas populares, em especial na Micareta. Santos (2004)

[...] alegou que os excessivos zelos religiosos do padre desconsideraram os costumes locais. A presença desses maçons e espíritas indicava que a igreja já não era o epicentro para onde tudo convergia, de onde partiam todas as decisões. Como resposta ao sermão, e para garantir a continuação da festa que já estava toda organizada pelos blocos da elite deste ano, eles justificavam ao padre a importância de festejar a Micareta. No Rio, onde o samba governa e impera nos dias de desabafo, após o recolhimento dos 40 dias de jejum; na capital do Estado, onde a mocidade se desforra de tão longo período de abstinência. Lá, o reverendo encontraria assunto para mais acentuada cólera e mais massudos sermões. [...]. (SANTOS, 2004, p. 248)

Então, a elite jacobinense, na época, já se inspirava em grandes carnavais, a exemplo do Rio de Janeiro e Salvador, com seus blocos, clubes, cordões e carros alegóricos. Santos (2004, p. 255) enfatiza que a festa da Micareta não se resumia somente em danças e festejos. No entanto, era uma comemoração remetida ao carnaval, com suas fantasias, entretenimento, bailes noturnos, carros alegóricos, todo um ritual exuberante, com músicas. A Micareta “[...] representava também os sinais de superioridade econômica e social” (SANTOS, 2004, p. 255).

Naquele tempo, da realização cultural na cidade, da mesma forma como acontecia com a Marujada, precisou do aval da Igreja Católica e a permissão da elite para fazer parte dos festejos religiosos da cidade. Aqui, a Micareta foi diferente, ela própria tinha o controle da festa seletiva e excludente, juntamente com apoio das duas instituições: a Maçonaria e o Movimento Espírita. Porém, não recebia apoio e nem concessão da Igreja Católica.

Desse modo, surgem os mascarados nas ruas da cidade, as mulheres chamadas “mulheres de vida livre”, entre outros grupos que participavam da Micareta depois das 22 horas, horário que finalizava o carnaval da elite. Ao passo que esse grupo social finalizava seus festejos, se recolhendo às suas casas, as pessoas excluídas iam às ruas dançar, cantar e festejar o carnaval. Todos esses grupos usavam máscaras de papelão. Essas atitudes geraram, naquele período, revolta, contestação da elite, e com o apoio do Jornal *Lidador*, na época, reforçava a ideia de quebra do código ético, conhecido como *Código de Posturas*²⁶, inclusive, afirmando que a

²⁶ O Código de Posturas Municipal foi criado em 1932 com o seguinte lema: “Da moralidade, bem-estar, costume e ‘socêgo’ público, que expõe os desejos de boa ordem e padrões de decência moral e física das autoridades”.

Micareta era espaço exclusivo das pessoas de família, como afirma Santos (2004). Assim, Santos (2004, p. 256) cita ainda sobre esse ponto: “Fizemos um apelo ao povo desta cidade no sentido de abolir, por ocasião dos próximos festejos de mi-careme, o costume das máscaras (caretas) à noite, especialmente os trajes maltrapilhos, que ’envez’de dar realce às festas, deprimem-na”.

Fotografia 35 - Micareta em Jacobina, Bloco “Os Mascarados” (década de 1970)



Fonte: Lidenício Ribeiro (1970). Acervo particular de Cláudio Freitas, 2020.

Os mascarados (Fotografia 35) representavam as pessoas humildes, de pouca condição financeira, aqueles que não eram aceitos de acordo com a condição econômica e social a qual pertenciam. Eles eram, para a elite, exemplo de incivilidade para manchar a Micareta, seus rigores, extravagâncias e beleza. Esse grupo popular era criticado pelos trajes, pelas máscaras de papelão, pelos espaços e dias festivos da Micareta, como se eles não tivessem o direito a participarem dessa festa. Porém, houve resistência, como afirma Santos (2004, p. 257): “[...] na notícia publicada pelo Jornal foi à presença das ‘mulheres de vida livre mascaradas’ que, ao que tudo indica, conseguiam encontrar meios para participar dos folguedos, fugindo dos lugares que lhes eram previamente designados”. Segundo a autora, o uso das máscaras de papelão era uma forma que denotava resistência e contestação pelo grupo excluído das festas carnavalescas. A autora complementa:

A máscara de papelão era a forma mais viável e barata das camadas populares que não podiam comprar fantasias e máscaras prontas. Poderiam até confeccioná-las em tecidos, bordarem, pintarem, mas a intenção desses

mascarados provavelmente era outra: ridicularizar as imagens do belo e do bonito na Micareta. (SANTOS, 2004, p. 258)

Nesses termos, na Idade Média, o carnaval era visto como forma, ainda que alegórica, de rompimento hegemônico. Como se invertissem os papéis, com a finalidade de ridicularizar as classes sociais, cujo pobre ocuparia o lugar do rico, o sofisticado o lugar do vulgar, os loucos se tornariam sábios, os reis se vestiriam de mendigos. Assim, nessa troca ilusória do real e da fantasia, era mais uma forma das pessoas mostrarem sua resistência e inconformismo diante da conjuntura social em que muitos viviam.

Sobre esse ponto, Guiliano Da Empoli (2020) traz a alegoria do carnaval para mostrar o sentimento das pessoas quando se trata dessa festa. Para ele, “[...] o carnaval não é uma festa como as outras, mas a expressão de um sentimento profundo e impossível de se deter, latente sob as cinzas da cultura dos povos”. (EMPOLI, 2020, p. 12)

Portanto, o carnaval é um evento que ultrapassa o viés lúdico, reverbera para a dimensão política. Em alguns momentos da história, essa folia foi extinta, a exemplo de Roma, no início da Revolução Francesa. Conforme Empoli (2020 p. 12), “Na França, os jacobinos, eles mesmos, que suspenderam o carnaval chegando ao extremo de punir com a pena de morte aqueles que tivessem a audácia de se fantasiar”.

Destarte, a força carnavalesca impregnada nas veias populares resistiu ao tempo, aos diversos contextos e situações ao longo dos séculos, ressurgindo e provando que nenhum poder tem força para controlar o espírito revolucionário e de resistência do povo.

Todavia, muita coisa mudou na tradicional festa carnavalesca. Há quem considere esse entrudo como profano, outros como simples folia representativa da cultura popular, da animação que suplanta a beleza da música, da alegoria, das fantasias e da alegria que envolvem todo o clima dessa festa.

No decorrer dos anos, a Micareta pelos grupos populares tomou uma dimensão agigantada pela sua disciplina e organização. Em 1935, segundo Santos (2004, p. 259), começaram a surgir comentários do carnaval dos populares nas ruas de Jacobina, tipo “bem organizado cordão de africanas”. A forma como o grupo buscou para resistir e lutar foi mantendo a organização e a disciplina durante os ensaios e festejos. Detalhe relevante foi eles serem reconhecidos e se manterem vivos nesses festejos com suas matrizes étnicas.

Nas fotografias utilizadas, apareceram alguns grupos da elite, com suas alegorias e fantasias chiques, baseadas nos moldes europeus dos carnavais antigos, como *Assassinos da Tristeza* (Fotografias 36 e 37), criado em 1936, reunindo pessoas com a ideia de afastar a tristeza.

Fotografia 36 - Micareta de Jacobina, Bloco “Assassinos da Tristeza” (década de 1937)



Fonte: Juventino Rodrigues, 1937.

Fotografia 37 - Micareta de Jacobina. Bloco “Assassinos da Tristeza” (década de 1941)



Fonte: Autor Desconhecido, 1941.

A Micareta, pelos grupos populares, também seguia seus rigores e costumes. As festas eram muito organizadas e, à noite, assim como aconteciam os bailes da elite, eles também

realizavam suas festas particulares em espaços ou galpões cedidos por comerciantes, entre outros, regados a muita animação, bandas, fantasias e roupas feitas por eles próprios. Haja vista, os grupos eram representados por trabalhadoras domésticas das casas das madames etc. Foi de tal modo a resistência desses grupos que, no decorrer dos tempos, eles já eram convidados para fazer parte da Micareta de Jacobina, com seus blocos nos festejos. Os clubes dos grupos menos favorecidos realizavam seus bailes conhecidos como o clube do *Feijão Furado* e o da *Mamona*.

Dentro dos blocos populares, também, havia rivalidade e preconceito com o grupo das “mulheres de vida livre”, insinuando que elas não seguiam os moldes sociais e morais. Inclusive, elas passaram a sair na Micareta depois da meia noite, conforme o *Código de Postura Municipal*.

Enfim, o carnaval baiano somente se democratizou com a criação do trio elétrico²⁷ *Dodô e Osmar*, em Salvador, em 1950, visto que a ideia do trio era de arrastar a multidão. Nisso não havia seleção, todos dançavam juntos, independente de classe social ou etnia. Como diz um dos versos famosos da música de Caetano Veloso, em 1969: “atrás do Trio Elétrico só não vai quem já morreu” (CORREIA, 2014, n.p.), muito cantada no *Trio Elétrico Armandinho, Dodô e Osmar*, e até hoje por vários cantores dos carnavais de Salvador.

Mediante os vários relatos e as lembranças dos participantes do GD, ao abordarmos essa tradição festiva por meio das fotografias da Micareta como acervo documental, comprovou-se a importância dessa festa, na cidade de Jacobina. As reações pelo grupo foram de saudosismo e alegria ao relembrar e contar sobre momentos que marcaram história neste lugar. Nesse contexto, Sr. Badu conta: “[...] numa certa feita na *Matinê na Aurora*, quando eu era jovem... naquela época já viu aquelas cantigas dos carnavais, da micareta antigo”. E assim canta orgulhosamente, encarnando ele próprio o vocalista do tempo do *Bloco do Braz*, no qual ele fazia parte: “*Corre, corre lambretinha para ver meu bem, corre, corre lambretinha para estrada além...*”. “*Se você fosse sincera, oh, oh, oh, oh... Aurora, se você fosse o que é era, oh, oh, oh Aurora*”. Na sequência, Imaculada Conceição, da UATI, vibra de alegria e continua a festa no Grupo: “*Foi numa casca de banana que eu pisei, pisei... escorreguei, quase cai, mas a turma lá detrás gritou: ixi tem nego bebo aí, tem nego bebo aí*”, relembrando, então, as antigas marchinhas de carnaval.

²⁷ “O Trio Elétrico é o único veículo carnavalesco de fato. O trio elétrico é um caminhão gerador de alegria, surgiu em 1950, quando Osmar Macedo, Adolfo do Nascimento e Temistócles, num velho ford de bigode, equipado com dois auto-falantes [sic] percorreram toda a Rua Chile em Salvador durante os dias de carnaval. O sucesso foi tão grande que fez surgir, no ano seguinte, o trio elétrico, com Armando Meirelles na percussão. Do trio original, resta a lembrança. Os trios elétricos atuais são verdadeiras máquinas do futuro, incorporando tecnologias mais avançadas de engenharia som”. Fonte: <http://www.carnaxe.com.br/historia/hist9.htm> Acesso em: 28 set. 2021.

A professora Kiriri (2021) sobre a participação dos idosos nesta pesquisa afirma o seguinte:

“Eu tô aqui só aprendendo, porque eles são praticamente uma memória viva, a história de Jacobina. [...] Só para finalizar, a gente que é historiador/a, né, assim como pró Carmélia é muito importante que essas memórias de Sr. Badu e d. Terezinha sejam registradas, porque é história e eu creio que os estudantes aqui presentes estão aprendendo muita coisa, né, e valorizando a história que nós tivemos e que não pode deixar morrer”. (KIRIRI, 2021)

Conforme observamos nos patrimônios históricos e culturais abordados durante este trabalho, a Marujada e a Micareta sofreram uma carga forte de preconceito. Pelas leituras, pesquisas, narrativas e as fotografias, ficou claro que a Marujada carregava traços discriminatórios e preconceituosos em torno da sua história e da sua festa, enquanto que a Micareta, por ter sido uma festa elitizada, recebia um olhar diferente. Ao visualizarmos as fotografias (35, 36, 37, 38, 39, 40 e 41), foi perceptível o *Apartheid*²⁸ presente nessas festas, a exemplo das próprias fantasias, dos carros alegóricos e dos trajes.

Fotografia 38 - Micareta de Jacobina, Mini Trio Elétrico Tapajós (década de 1970)



Fonte: Lidenício Ribeiro, 1970.

²⁸*Apartheid* é uma palavra que pode ser usada para designar segregação, separação. “Esse termo refere-se à implantação de uma política de segregação racial desenvolvida na África do Sul, essa foi elaborada pela descendência direta dos pioneiros que colonizaram o continente africano, sobretudo europeu, dos quais se destacam os holandeses, franceses e alemães, denominados de *africânderes*.” Disponível em <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/apartheid.htm> Acesso em: 21 fev. 2022.

Fotografia 39 - Foliões desfilando em carro pelas ruas de Jacobina



Fonte: Juventino Rodrigues, 1936. Acervo: NECC/UNEB.

Fotografia 40 - Micareta de Jacobina, Bloco “Salgueiros do Amor”



Fonte: Juventino Rodrigues, 1936.

Fotografia 41 - Micareta de Jacobina, “Bloco Unidos do Braz” em caminhão elétrico



Fonte: Acervo particular de Cláudio Freitas, 1980.

Para o Sr. Badu, era motivo de muito orgulho fazer parte do *Bloco Unidos do Braz* (Fotografia 41):

“Eu fui puxador do samba enredo do bloco Unidos do Braz, depois veio o bloco Jacó e Bina, Geração 2000 e tudo foi blocos assim, mini escola de samba. E o bloco Unidos do Braz do qual eu me orgulho de ter sido puxador do samba enredo, então a ousadia foi tão grande, ousadia no bom sentido que trouxemos até Clóvis Bornay, aqui em Jacobina. Um grande carnavalesco do Rio de Janeiro. Era campeonatos, aqueles campeonatos e ele participava, campeonatos de fantasias, que eram caríssimas e viajava até o mundo depois para fazer representação. Então Clóvis Bornay esteve aqui em Jacobina e também teve pessoas que também desfilou em nosso bloco, Unidos dos Bráz. Veio uma famosa que também veio desfilando, se tornou uma grande mini escola de samba esse bloco do Bráz. É como se fosse Vasco e Flamengo. Então, era Jacó e Bina e Bráz. Eu tive a felicidade durante quatro anos consecutivos eu conseguir arrancar dez, a nota dez do samba enredo”. (BADU, 2021)

Atualmente, a Micareta ganhou holofotes e é um evento que normalmente ocorre no final do mês de abril ou início de maio, atraindo turistas de vários estados, cidades e regiões. Esta festa traz benefícios tanto no âmbito econômico quanto cultural.

Nessa trajetória, utilizando as fotografias e interagindo com os idosos, fotógrafos, estudantes, professores e colaboradores convidados, foi possível percebermos a riqueza desse encontro, no que tange à Micareta de Jacobina. Afinal, não seria viável realizarmos essa pesquisa sem a participação de todos eles a partir das fotografias desse patrimônio histórico e cultural da cidade de Jacobina.

5 AS FOTOGRAFIAS E AS MEMÓRIAS: DISPOSITIVOS NORTEADORES NOS ESPAÇOS FORMAIS E INFORMAIS NO VIÉS DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

[...] pensar em patrimônio agora é pensar com transcendência, além das paredes, além dos quintais, além das fronteiras. É incluir as gentes, os costumes, os sabores, os saberes. Não mais somente as edificações históricas, os sítios de pedra e cal. Patrimônio também é o suor, o sonho, o som, a dança, o jeito, a gíngua, a energia vital, e todas as formas de espiritualidade da nossa gente. O intangível, o imaterial. (GIL, Gilberto. In: IPHAN, 2014.)

Antes de iniciarmos essa discussão, alguns pontos precisam ser trazidos à pauta, pensados em relação à Educação Patrimonial, uma das categorias nesta dissertação, com foco nas fotografias patrimoniais de Jacobina e nas memórias dos sujeitos colaboradores. Então, percebemos questões que são relevantes para melhor compreensão e inserção na práxis pedagógica. Nesse enfoque, foi necessário compreendermos a noção de patrimônio adotada e defendida por nós. Outro dado girou em torno do papel das fotografias e das memórias como elementos norteadores para a educação formal e informal. Portanto, compreendemos que a Educação Patrimonial e o que pretendemos dialogar nos espaços formal e informal devem transcender a educação numa perspectiva tradicional.

Contrapondo o viés meramente tradicional, pautamo-nos numa educação de cunho dialógico, reflexivo e plurissignificativo. Nessa última característica, trata-se da relação com a educação que contemple e olhe para os sujeitos sociais, considerando suas referências culturais, seu território, suas ideologias, suas vivências, entre outros aspectos significativos.

A partir da relativização do patrimônio, esse é efetivado quando, na maioria das vezes, determinado bem tangível ou intangível representa ou representou na vida do indivíduo. Nesse ponto, os grupos se relacionam de modo diferente. Daí a questão que o valor do objeto ou patrimônio tem para cada pessoa. Se algum objeto ou representação cultural marcou ou fez parte da vida de uma pessoa, é possível que essa representação tenha ou não importância.

Mediante essa constatação, é cabível afirmar que os sujeitos têm olhares, visões e sentimentos diferentes, em alguns momentos, sobre a ideia e o conceito de patrimônio. Por isso, foi importante conhecermos o conceito de patrimônio para que, a partir disso, ampliássemos nossos olhares e compreendêssemos a relevância de se preservar, num entendimento transformador e plural do patrimônio na história da humanidade.

Em se tratando do conceito de patrimônio, nossa visão não foi vista simplesmente como edificação, essa ideia tradicional das antigas discussões sobre os aspectos patrimoniais, mas sim num panorama amplo, sobretudo pensando nas pessoas e nos seus elementos culturais como fundamentais no que tange a questões acerca do patrimônio. Para tanto, no GD, como é sabido, utilizamos as fotografias dos patrimônios do município jacobinense como dispositivo metodológico. É evidente que esses artefatos foram de grande relevância nesse percurso. Assim, alguns estudantes se manifestaram, inserindo a discussão sobre o uso das imagens nos encontros:

“Pró, eu também acredito que sim, que é possível e fica muito mais dinâmico, é bem melhor quando acontece como a senhora fez com a gente, de trazer as imagens reais e pessoas também que viveram, que passaram por toda essa mudança. E seria interessante tipo, hoje a gente vai ter uma aula para falar sobre isso, na próxima aula fulano e sicrano vai estar aqui eles vivenciaram, irão palestrar para vocês, que aí incorporam muito mais interessante de participar”. (MISSÃO, 2021)

Na condição de educadores e cidadãos, consideramos que esses prismas são importantes no debate sobre esse tema, tanto na escola, como nos ambientes informais de educação. Atentamos para uma práxis pedagógica que não se resumisse simplesmente em transmissão de informações, em repasse de regras e instruções a serem cumpridas. Desse modo, estaríamos fadados a uma educação bancária, criticada por Freire (1987):

Em lugar de comunicar-se, o educador faz ‘comunicados’ e depósitos que os educandos, meras incidências, recebem pacientemente, memorizam e repetem. Eis aí a concepção “bancária” da educação, em que a única margem de ação que se oferece aos educandos é a de receberem os depósitos, guardá-los e arquivá-los. Margem para serem colecionadores ou fichadores das coisas que arquivam. No fundo, porém, os grandes arquivados são os homens, nesta (na melhor das hipóteses) equivocada concepção ‘bancária’ da educação. Arquivados, porque, fora da busca, fora da práxis, os homens não podem ser. (FREIRE, 1987, p. 37-38)

Tratar da Educação Patrimonial num viés tradicional implica considerar que essa discussão se ampara em aspectos informativos, que inclusive defende a ideia de conscientizar o outro, de instruir, de uma educação bancária, que Paulo Freire combatia, reprodutora de informações. Uma educação que não valoriza o outro, não considera e respeita o meio cultural e social de cada indivíduo.

Atualmente, a compreensão das políticas para a atuação e o estudo da Educação Patrimonial avançou. Nesse sentido, os processos educativos primam pela construção reflexiva, dialógica, de respeito aos saberes, considerando a coletividade, o seu território, priorizando, principalmente, o patrimônio cultural.

Portanto, no GD, a partir das fotografias do patrimônio histórico e cultural da cidade de Jacobina e as memórias dos participantes presentes, abriu-se um leque para reforçar a importância dessa proposta. Desse modo, surgiu a complexa reflexão sobre o estudo do patrimônio como instrumento de aprendizagem, nos espaços formal e informal de educação. Nesse propósito, a estudante Cruzeiro emitiu a seguinte opinião:

“[...] eu acho bem interessante, que a professora comentou, inclusive, que é no caso o tipo de conhecimento que a gente não aprende somente na escola. E eu acho muito interessante isso, porque, por exemplo, ter um conhecimento empírico que de certa forma a gente aprende indiretamente a observar, interpretar ao tentar vivenciar, de certa forma, o que tá acontecendo naquela imagem, que tá acontecendo naquele lugar, naquela arquitetura, naquela... enfim, isso de certa forma também traz um meio tipo de valor né? Que a gente conhecer nossa história, a gente precisa sabe testemunhar, que a gente ver aquele tipo, de tipo de patrimônio né, ele é capaz de proporcionar aqui para a gente”. (CRUZEIRO, 2021)

Falamos da Educação Patrimonial foi compreendê-la como instrumento de aprendizagem, de modo interdisciplinar, considerando as narrativas, os fatos, os artefatos culturais, as memórias e as vivências dos sujeitos colaboradores, a fim de entendermos sobre o patrimônio. Nesse viés, ouvimos também o comentário de um estudante que participou dos encontros, em relação a uma educação inovadora e transformadora:

“E as aulas de campo nem se fala, oh vamos visitar tal lugar, cara, qual aluno que não quer enterter? Sair do padrão? O padrão de ensino, não sei se fora, nunca estudei fora, de outro estado. Na Bahia é isso, entendeu, o ensino público é isso é um padrão que assim, se a gente se acomodar, a gente vai permanecer assim a 50, 40 entendeu? Cem anos na mesma coisa. Eu acho que deve ser mudado sim, entendeu, fugir um pouco do padrão [...]”. (RIO DO OURO, 2021)

Ainda nesse viés, percebemos a ideia de que a história da cidade de Jacobina deu-se pela união de dois indígenas, habitantes desse lugar, conhecidos como “Jacó” e “Bina”. Com base nesses nomes e dessa história, originou-se Jacobina. No entanto, há controvérsias sobre essa história, que inclusive conceituam como lenda criada pela população. Nesse panorama, a estudante Serra Azul colocou no Grupo Focal o seguinte: *“[...] quando eu era mais nova assim, do primeiro para o 5º ano, foi apresentada para mim a história de Jacó e Bina e poucas fotos daquela época, bem antiga, mas fora isso não foi nada centralizado”.*

No requisito da abordagem do patrimônio histórico e cultural nas escolas, é possível a partir da renovação de práticas inovadoras a inserção dessa temática no PPP. Nesse sentido, é importante propor debates e reflexões no intuito de buscar caminhos que superem o foco nas ideias tradicionais e conservadoras nessa área. Dito isso, é importante compreender que a

Educação Patrimonial ultrapassa a conduta do estudo dos bens tangíveis, e isso se evidencia no depoimento abaixo:

“E a gente foi aprendendo, escutando histórias de pessoas que vivenciaram aqui em Jacobina, quando era totalmente diferente de que agora. É muito interessante saber como funcionava as coisas, como eram as coisas, como era o registro de fotografia. Como eram os lugares, as lembranças até de... das senhoras lá tomando banho no rio, que hoje a gente não pode fazer isso, não tem nem condições. Então, Jacobina era totalmente diferente e hoje a gente vive uma realidade né, que eles não viveram”. (VÉU DE NOIVAS, 2021)

Vale ressaltar que não existe uma pedagogia formada para se trabalhar com a Educação Patrimonial. No entanto, o que se propõe são ideias e adaptações de modo interdisciplinar que considerem essa temática significativa a partir do seu território, respeitando e incluindo todas as manifestações e expressões culturais dos povos. Nesse propósito, Feira Livre, membro do GD, sugeriu que:

“No âmbito educacional é muito importante assim, a questão de você conhecer sua própria história, porque o lugar que eu vivo, o lugar, eu tenho uma relação identitária com esse lugar, porque faz parte da minha história. Então, o que acontece com a maioria assim das pessoas, não conhecem a sua própria história, do seu lugar de pertencimento. Eu, por exemplo, eu assim amava ouvi meus pais, meus avós, contando a história da cidade, do lugar que eu nasci, do lugar que eu vivi, porque isso faz parte da nossa construção identitária. Então, eu acredito assim, que essa relação, realmente com as fotografias, com a nossa história, foi importante também nesse sentido”. (FEIRA LIVRE, 2021)

O professor colaborador, convidado para participar em um dos encontros, pontuou uma das suas experiências exitosas, colocada em prática numa de suas turmas da Universidade Estadual da Bahia:

“Eu costumava fazer o seguinte: eu saía com meus alunos, os monitores na época com um datashow, tripés, uma tela e um aparelho de som, ia para praça da cidade e começava a exibir as fotografias antigas com um fundo musical e as pessoas ... e eram momentos muito agradáveis... As pessoas no fim... numa sexta-feira, num final de tarde, saindo do trabalho, parava ali no calçadão ou na Praça Rio Branco e tinha uma exibição de fotografia com músicas ali. E eu percebia que aquelas fotos antigas atraíam as atenções das pessoas, tanto as pessoas da terceira idade como os jovens também, porque estavam tendo oportunidade de ver imagens da cidade de um período que eles não tinham vivido, que não sabiam como é que era a sua cidade” (OLIVEIRA, 2021).

É pertinente reconhecer que essa não é uma tarefa fácil, afinal, não é simplesmente desvendar as relações do ser humano com o meio em que vive, mas possibilitar olhares que quebrem a hegemonia de um patrimônio elitizado e excludente. Nesse sentido, Marcos Pereira (2014, p.110) afirma que: “Apesar de observarmos um grande movimento de transformação

nas diferentes disciplinas, essas mudanças ainda se dão de forma isolada, retidas pelas fronteiras epistêmicas de cada área do conhecimento”.

O IPHAN durante muito tempo manteve a defesa do pensamento colonial em suas políticas no campo do patrimônio no Brasil. Contextualizando esse instituto na história, afirmamos que tudo se iniciou com a criação do projeto Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN)²⁹, atualmente IPHAN, em 1937, com os ícones Lúcio Costa, Rodrigo de Melo Franco de Andrade, Carlos Drummond de Andrade e outros (TOLENTINO, 2018). Em seu cerne, o referido projeto foi embasado com viés europeu, cultuando a prática de preservação, cabendo ao estado sua legitimidade e controle dos valores culturais do país. Nesse mesmo período, a criação dos museus no Brasil também era restrita aos aparelhos ideológicos do estado, juntamente com as classes dominantes, ou seja, de cunho colonialista pautados no modelo europeu.

Contudo, é justo afirmar que as políticas atuais do IPHAN, no decorrer de décadas, sofreram modificações, de modo que houve o reconhecimento de diferentes saberes, novas práticas e pensamento com viés democrático.

Nas décadas de 1970 e 1980 foram criados outros centros nacionais de referências culturais, considerando a participação das comunidades e de grupos, com a ideia de homogeneização cultural, no intuito de tornar a cultura como elemento unificado. Assim, pautava-se num patrimônio relegado, não reconhecido, não incluindo as atividades artesanais, o povo com seus costumes culturais.

No ano de 2004, com a criação do Ceduc³⁰, novos olhares e perspectivas se efetivaram no IPHAN a partir dessa coordenação. Consequentemente, fomentaram diferentes caminhos, diretrizes, conceitos, com ênfase nos projetos culturais. Tudo isso direcionado à política nacional para a Educação Patrimonial. Inclusive, essa coordenação defende uma Educação Patrimonial dialógica, crítica e decolonial.

Portanto, nos espaços informais, as pessoas importam entender essa questão no que tange o patrimônio, de modo significativo e dialógico, sem imposições. Ao contrário, tais ações precisam ser dialogadas com a comunidade. Nesse âmbito, não somos contrários ao progresso,

²⁹ SPHAN - Órgão criado oficialmente pelo decreto-Lei nº 25, 30 de novembro de 1937, conhecido como Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Segundo Tolentino (2018, p. 43), esse órgão “[...] tem por finalidade determinar, organizar, conservar, defender e propagar o patrimônio histórico e artístico nacional. Esse mesmo decreto lei também cria o instituto do ‘tombamento’, figura jurídico-administrativa que visa garantir a preservação dos bens culturais de natureza material”.

³⁰ Ceduc – Coordenação de Educação Patrimonial, localizado no IPHAN, foi criado em 2004 (TOLENTINO, 2018).

nem à modernização, mas focarmos numa participação coletiva, sem imposições de outros discursos ou ideologias.

A cultura da modernidade, do progresso, do apagamento das coisas antigas, como se o antigo não fosse belo, bonito e não significasse uma realidade, conseqüentemente, permite a invisibilidade da história da cidade, desconsiderando os sujeitos e as suas identidades, logo, as suas memórias e todo o protagonismo cultural que envolve as gentes, os povos, as comunidades. Assim, a professora Kiriri (2021) reforça com o seguinte comentário:

“Você trouxe essas fotos aí, são alguns pontos históricos de Jacobina né, e os gestores públicos que assumiram ao longo do tempo, não tiveram essa preocupação de encarar como patrimônio pra proteger, pra manter, né, e a gente... É uma cidade histórica, mas carece muito desse cuidado com o patrimônio, até na manutenção de alguns como já foram... Obviamente que por conta também dessa questão da urbanização, mas não se analisa essa questão da memória, da importância, da valorização. Há uma falha muito grande nesses gestores que muitas vezes acham que o que é velho, o que é antigo é velho, não entende como história, como memória, como patrimônio”. (KIRIRI, 2021).

Na roda das entrevistas, no GF, percebemos a lacuna quanto ao conhecimento sobre a história da cidade. Desse modo, uma das participantes, Cruzeiro expôs:

“É, acho que envolve um pouco mais do que eu falei anteriormente, que é muito importante para a conservação dos nossos valores, por exemplo, a gente se conhecer, como sociedade, sociedade de Jacobina, conhecer a nossa história, conhecer os nossos antepassados, nossas experiências, nossos patrimônios, então, a conservação tanto do componente material, quanto o componente, pode-se dizer que, abstrato né, [...] permite que a gente tenha um autoconhecimento... Então é bem interessante isso aí, essa pergunta”. (CRUZEIRO, 2021)

Outro destaque que não podemos deixar de comentar trata da Educação Patrimonial com práticas decoloniais. Se voltarmos na história de algumas décadas atrás, até mesmo no século passado, lembraremos como os livros de História apresentavam as figuras de presidentes, generais, como também os espaços, praças, fortes, entre outros, colocados como representações culturais de grande relevância. Isto posto, sabemos que foi um período atravessado pela hegemonia colonialista, baseada na cultura eurocêntrica, considerada, basicamente, como nosso patrimônio histórico e cultural brasileiro. Nesse ponto, o professor da UNEB, Campus IV, Valter Oliveira (2021), considera que *“[...] muitas das imagens que são veiculadas nos livros didáticos elas não têm, muitas vezes, diálogo com os textos e as imagens entram ali de uma forma muito ilustrativa, descontextualizada, muitas vezes não problematizada”*.

Nesse percurso, os caminhos se abriram, os questionamentos surgiram, então, as práticas decoloniais avançaram e o estudo do patrimônio cultural rompe com o modelo colonialista de

enxergar os aspectos patrimoniais. Conforme Átila Tolentino (2018, p. 34), “Nossa memória é cravada por imagens de fortalezas militares, Casas de Câmara e Cadeia, igrejas católicas, fazendas e engenhos, denotando que os personagens da memória nacional são as elites políticas, militares, religiosas e econômicas”.

Quando expusemos a fotografia dos personagens do fotógrafo Osmar Micucci, a exemplo de Alô Bahia, Maria Pitu e Major (Fotografia 42), lembramos que essas pessoas eram vistas como figuras folclóricas emblemáticas, que representaram naturalmente a história da cidade de Jacobina, mas ao mesmo tempo negadas e excluídas pela sociedade, vistas como loucos, sem considerar suas histórias de vida.

Fotografia 36 - Alô Bahia, Maria Pitu e Major



Fonte: Osmar Micucci (década de 70). Acervo particular de Osmar Micucci.

Assim, o fotógrafo, idealizador desse artefato espetacular, ao rever nos slides a sua fotografia, comenta feliz e emocionado, retomando o tempo:

“É Maria Pitu, olha aí, eu não acertava nem... às vezes dizia, eu nem gosto de pronunciar isso, que eram as pessoas doidas, mas não, são os tipos regionais, oh o trio aí, oh. Ela no meio. Esqueci o nome esse que tá na mão com a sacola, esse chegava junto de mim... olha aí oh, os três sentados no banco da Praça Castro Alves. Não tô tirando retrato do governador, do prefeito, nada, são três pessoas que só fizeram alegrar muita gente com os dismantelos deles, mas viviam. Esse aí fazia as músicas dele, com qualquer coisa ele cantava. Quando me encontrava dizia: ‘Mas a vida tá difícil, devemos trabalhar e botar, porque Deus nos botou... Ele criava (risos)’”. (MICUCCI, 2021).

Negar outras realidades, as gentes, os povos, as diferentes crenças, ideologias, religiões e os movimentos culturais é negar a própria história da humanidade. Infelizmente, ainda existem as linhas que separam esse viés, pontua Santos (2009). Entretanto, precisamos, como educadores, historiadores, entre outros, tornar visíveis essas práticas e, em detrimento a esse comportamento colonialista e eurocêntrico, apresentarmos alternativas e possibilidades de ações pedagógicas que tirem as algemas desse processo colonizador excludente, de modo que se possa confrontar, trazendo para sala de aula ou outros ambientes não formais de educação.

O professor Valter Oliveira (2021) pontuou sobre o viés elitista e tradicional da versão feita da história jacobinense, com base em seus estudos, pesquisas e leituras. Acrescenta, ainda, a respeito da Fotografia 42 sobre Maria Pitú:

“O maior intelectual que Jacobina teve no século passado, Afonso Costa, escreveu e publicou em vários órgãos sobre alguns temas históricos do município, mas a despeito de sua contribuição rendeu elogios aos colonizadores e famílias de elite. Nada fala dos primeiros moradores indígenas. Era a posição política da época. Maria Pitú foi uma mulher negra, marginalizada pela sociedade da época. Chamava atenção por ser mulher e por sua postura irreverente. Acontece que por algumas pessoas foi vista como personagem folclorizada, assim como outras figuras excluídas. Osmar Micucci e Cícero Matos fizeram dela tema de suas obras pela opção como artistas, pelos tipos marginalizados. Acho problemático tratá-la como patrimônio, porque não percebo que a sociedade assim a tratou na época. Digo o mesmo para os grupos indígenas. Eles foram invisibilizados pela história local e pela sociedade. Porque não temos nenhum monumento em sua homenagem?”

É importante nos opormos ao “pensamento abissal”, colocado por Boaventura Santos (2007), que trata da linha que divide em dois lados, os que dominam e os dominados, os excluídos. Desse modo, faz-se necessário quebrar a ideologia hegemônica e nos apoiarmos numa prática de ações decoloniais, considerando a pluralidade cultural de saberes heterogêneos. Nesse foco, Tolentino (2018) traz em suas análises decoloniais outra autora dessa corrente, Catherine Walsh (2009), que pauta a sua defesa na interculturalidade, propondo novos caminhos para confrontar posturas coloniais, criando também novas alternativas. Para a autora:

Não podemos simplesmente desarmar, desfazer ou reverter o colonial; ou seja, passar de um momento colonial a um não colonial, como se fosse possível que seus padrões e marcas desistissem de existir. A intenção é mesmo assinalar e provocar um posicionamento – uma postura e atitude contínua – de transgredir, intervir, insurgir e incidir. O decolonial denota, então, um caminho de luta contínuo no qual podemos identificar, visibilizar e estimular ‘lugares’ de exterioridade e construções alternativas. (WALSH, 2009, p. 15-16 apud TOLENTINO, 2018, p. 52)

As narrativas sobre a Marujada e a Micareta consideraram os relatos e as vivências a partir desses patrimônios culturais da cidade de Jacobina, como elementos comprobatórios de

como essas pessoas se mantiveram em meio ao processo colonizador que eles experienciaram. Ainda que silenciados e “obedientes” aos dominadores, demonstraram a forma de resistência nos espaços colonizados. Para Santos (2009, p. 71), “[...] a realidade social é dividida em dois universos distintos: o universo ‘deste lado da linha’ e o universo ‘do outro lado da linha’. O que está do outro lado da linha é excluído radicalmente e concebido como inexistente, irrelevante ou incompreensível”.

A partir desse pensamento que Santos (2009) traz, percebemos em alguns relatos ocorridos no GD que havia, de fato, as linhas separando as pessoas pertencentes à classe alta e à classe baixa, os negros, os brancos, os trabalhadores populares, os trabalhadores com formação em nível superior. Senhor Badu, quilombola da cidade de Jacobina, especificamente do bairro da Bananeira relatou suas vivências sobre a Marujada e a Micareta desta cidade, reconhecendo que possa deixar um legado para as gerações presente e futura:

“Eu tenho a dizer a classe estudantil, assim, nos abraça, nos acolha, busque a nós, a nossa sabedoria e tudo que iniciou por todos nós idosos, enfim, e se tiver alguma coisa do passado vocês não vão saber através de outra rede, a não ser através de nós que ainda estamos aqui contando história e também, ainda saboreando o que é a vida”. (BADU, 2021)

Trazendo essas interpelações para o âmbito educacional, das vertentes relativas ao patrimônio, memória e fotografia, foi possível pensarmos numa proposta decolonial no que tange os aspectos formais e informais da educação. Nesse viés, a proposta do IPHAN, na maioria das vezes, hoje, rompe com o padrão hegemônico. Embora ainda existam resquícios em torno da perspectiva colonizadora, excludente e elitista desse instituto. Por isso, é preciso rever as políticas públicas, trazer a discussão e a prática embasada numa educação crítica emancipadora, promovendo e aproximando os sujeitos às ações, debates, escuta, a partir das diretrizes defendidas pelas práticas decoloniais.

Para tanto, as fotografias e as memórias nesta pesquisa atravessaram caminhos no que se referem à educação patrimonial. Isso quer dizer que os artefatos apresentados no GD tiveram foco tanto no que diz respeito às fotografias do patrimônio material como de cunho imaterial. As narrativas ultrapassaram o discurso de via de mão única, visto que as memórias e fotografias patrimoniais expostas ao grupo tiveram caráter além do âmbito tradicional, pois trouxeram elementos significativos e reflexões, inclusive de pessoas que, em alguns momentos de sua vida, foram excluídas.

Por conseguinte, sabemos que os procedimentos de patrimonialização romperam com os conceitos fundantes da dominação colonial. Atualmente, as ações primam para processos emancipadores decoloniais, com vistas às práticas identitárias, mas nem todo processo foi

apagado, existindo, ainda, infelizmente, construções de narrativas de cunho excludente, dominador e elitista, principalmente no que tange ao prisma preservacionista que perdura na atualidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos as imagens dos patrimônios histórico e cultural da cidade de Jacobina, Bahia, atravessando, assim, o tempo. Por meio das narrativas e memórias vivas de fotógrafos, estudantes, professores, terceira idade e pesquisadores, rememoramos e balizamos nossa pesquisa, tendo a escuta e as fotografias como elementos-chave. Para tanto, consideramos cada depoimento advindo de recordações e experiências, com vistas à imersão na história da cidade de Jacobina, Bahia.

Nesse sentido, os artefatos fotográficos foram testemunhas para a ativação da memória. E, entendendo que nossa memória é falha, estávamos cientes de que nem sempre os relatos representariam na íntegra as histórias contadas. Logo, levamos em conta os lapsos, os esquecimentos e os atravessamentos nas narrativas, acreditando que a memória ultrapassa a ideia de ser capturada e remontada com exatidão, pois ela é perpassada ao longo da vida por abstrações, confusões e intenções. Em casos mais graves, é esquecida ou transposta para se esquivar dos traumas, das dores, dos medos, como forma de defesa. Destarte, não existe memória ideal, padronizada, para que depositemos nela todas as “fichas”. Então, conscientes desse processo, respeitamos os deslocamentos dos sujeitos colaboradores.

Com base nos dispositivos utilizados (Grupo de Discussão e Grupo Focal), realizamos entrevistas semiestruturadas, via *Google Meet*, obtendo resultados significativos. Compreendemos que o espaço de compartilhamento em rede foi um ambiente virtual fundamental para o andamento deste projeto, mediante todo o contexto histórico pelo qual estávamos vivendo na época: o auge da pandemia de COVID-19. Embora a terceira idade tenha enfrentado alguns impasses no início dos encontros, no que se refere às dificuldades de acesso ao espaço virtual, por ser algo novo para eles naquele momento, as fotografias inspiraram as narrações, representando o foco essencial dos encontros.

Dessa maneira, a leitura e a compreensão sobre o passado foram viabilizadas, bem como o seu valor estético, afetivo e memorial. Por essa razão, é relevante evidenciarmos que as questões subjetivas imbuídas nas narrativas não foram vistas apenas na esfera material, mas nas vivências detrás de cada fotografia. Por conseguinte, houve, naturalmente, expressivo valor histórico, cultural e social para os estudantes do Ensino Médio.

Indiscutivelmente, a cada dia, as imagens têm alcançado diversos espaços sociais, permitindo a releitura e a elaboração de novos olhares. Considerando esse aspecto, percebemos nas relações sociais, culturais e afetivas a riqueza desse aparato visual e os desdobramentos

durante as entrevistas. Dito isso, do ponto de vista da educação cultural, as imagens compartilhadas tiveram propósitos mais relevantes que, simplesmente, a contemplação de cada fotografia ali evidenciada. O que vimos foi a relação discursiva e expressiva nos relatos experienciados a partir da representatividade das fotografias na história de cada um dos participantes. Naturalmente, os afetos foram acionados e rememorados, com o desejo de dividir as emoções, as memórias e a saudade em torno dos aspectos da patrimonialização nos dias atuais da cidade de Jacobina.

Pelo viés da educação, o estudo do patrimônio histórico e cultural nas escolas é possível numa ótica de renovação de práticas inovadoras, com base em sua inserção no Projeto Político Pedagógico. Nesse viés, é importante propor debates, reflexões e encontros, no intuito de buscarmos caminhos que superem as abordagens tradicionais e conservadoras nessa área. Dito isso, é preciso compreender que a Educação Patrimonial ultrapassa a ideia do estudo dos bens tangíveis como foco principal. Logo, as fotografias sobre patrimônio trataram também de abordagens no âmbito cultural, promovendo a interlocução entre os colaboradores.

Nesse sentido, apresentamos a Micareta e a Marujada, representações histórico-culturais de grande marco na cidade de Jacobina. As fotografias, as narrativas e as vivências representaram marcadores relevantes, requisitos que fortaleceram a compreensão e o reconhecimento dos sujeitos sobre os patrimônios histórico e cultural dessa cidade. A ideia de patrimônio partiu do leque dos artefatos fotográficos do patrimônio material e imaterial do município de Jacobina, de modo a comprovar que é possível se trabalhar com essa temática com base nas fotografias.

Os estudos e depoimentos comprovaram o quanto as fotografias condensam uma sucessão de dados, fatos e manifestações enriquecedoras para uma educação nos ambientes formal e informal. Por essa razão, é possível a utilização desses artefatos no estudo do patrimônio histórico e cultural para os jovens estudantes do Ensino Médio do Centro Territorial de Educação Profissional do Piemonte da Diamantina II, na cidade de Jacobina, Bahia.

Ademais, trabalhar com as fotografias dos patrimônios demonstra que não existe uma pedagogia pronta, guias a seguir. É óbvio que as coisas mudam, pois as pessoas estão no processo dialético do mundo; por isso, não existe cartilha integralizada, mas possibilidades de um trabalho com as fotografias que permita um leque transdisciplinar das imagens no contexto escolar, numa perspectiva de ação colaborativa.

Por conseguinte, o que tentamos trazer aqui não foram simplesmente resultados, mas caminhos permeados de testemunhos, histórias, experiências, sensibilidade e (in) verdades construídas de modo sério e engajado. Na realidade, foi uma composição baseada em vozes,

que perpassaram por gerações diferentes: ora a inocência de uns e o grito “revoltante” de outros; ora a busca pela melhoria e mudança; e ora a certeza de que teremos um “trabalho de formiguinha” pela frente. Portanto, todo o imbricamento deste projeto ultrapassou os limites formais de uma pesquisa, visto que trilhas foram abertas para uma viagem possível no campo da educação formal e informal.

Em suma, essas experiências demarcaram o tempo, as opiniões e os devires. Não podemos prever o futuro, mas podemos melhorar nosso olhar, nos colocarmos no mundo, acreditando que somos capazes de contribuir a partir do nosso lugar de fala ou de nosso território, ainda que, em algumas vezes, seja preciso nos desterritorializar, sair do nosso mundo e “arregaçar as mangas”. Dizemos isso a partir de nosso papel na sociedade, seja como cidadão/ã, como professor/a. Reiteramos com a famosa e belíssima frase do célebre Gandhi: “Seja a mudança que você quer ver no mundo”.

REFERÊNCIAS

ARNOLD, Célia Margela. **A fotografia das pichações nas paredes do Colégio Estadual Senador Alberto Pasqualini**: sensibilidades para uma educação patrimonial. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais, do Centro Universitário La Salle (UNIASALLE) Canoas -RS, 2015.

BARTHES, Roland. **Câmara clara**: nota sobre fotografia. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BARROS, Manoel. **Meu quintal é maior do que o mundo**. Antologia. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacro e simulação**. Paris, 1991.

BERGSON, Henri. **Memória e vida**. 1. ed. Martins Fontes: São Paulo, 2006.

BEZERRA, Juliana. História da fotografia. **Toda Matéria**. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/historia-da-fotografia/> Acesso em: 24 ago. 2021.

BITTENCOURT, Luciana. Fotografia como instrumento etnográfico. **Anuário Antropológico**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1992. Disponível em: http://www.dan.unb.br/images/pdf/anuario_antropologico/Separatas1992/anuario92_lucianabittencourt.pdf Acesso em: 12 out. 2019.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1º de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 1º out. 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10/741.htm Acesso em: 12 out. 2019.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 14 jan. 2009. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/11904.htm Acesso em: 12 out. 2019.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial da União**, 23 de dezembro de 1996, Seção I, p. 27833-27841. Acesso em: 02. dez. 2019. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm#:~:text=disposto%20neste%20artigo.-,Art.,da%20economia%20e%20da%20clientela.

CALLEJO, Javier. **El grupo de discusión**: introducción a una práctica de investigación. Barcelona: Ed. Ariel, 2001. Disponível em: <https://seer.ufrr.br/educacaoerealidade/article/view/16957/12914> Acesso em: 05 set. 2021.

CANDAU, Vera Maria; MOREIRA, Antônio Flávio (org.). **Multiculturalismo**: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

CARMO, Charles. Pedro sujo e o rei do mundo. **Fórum**, 2018. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/2018/6/12/pedro-sujo-rei-do-mundo-31767.html> Acesso em: 28 set. 2021.

CASCO, Ana Carmem Amorim Jara. Sociedade e educação patrimonial. **Revista Eletrônica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Educação Patrimonial – IPHAN**, 2006. Disponível em: <http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=131> Acesso em: 13 jun. 2019.

CASTRO, José Valter. **A memória narrada por jovens do Ensino Médio na significação do Patrimônio Cultural**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Sergipe (UFS), do Programa de Pós-Graduação e Mestrado em Educação São Cristóvão/SE, 2017.

CORREIA, Isis Mastromano. **Atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu ... e quem não gosta de guitarra**. 2014. Fonte: <https://blog.santoangelo.com.br/atras-do-trio-eletrico-so-nao-vai-quem-ja-morreu-e-quem-nao-gosta-de-guitarra/> Acesso em: 27 set. 2021.

CRESWELL, John. W. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa: escolhendo entre cinco abordagens**. Trad. Sandra Mallmann da Rosa. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, Jonh W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUNHA, Santos Aloisio da. **Descaminhos do trem: as ferrovias na Bahia e o caso do trem da grota (1912 – 1976)**. 2011. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (FFCH), Programa de Pós-Graduação em História (PPGH), Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2011.

DESAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Educação em Questão**, Natal, v. 29, n.15, p.7-35, maio/ago. 2007.

DIMENSTEIN, Dora. **Educação patrimonial, memória e cidadania: a experiência dos professores de História da Rede Municipal de Jaboatão dos Guararapes – PE**. Universidade Federal da Bahia. Ministério da Cultura. Secretaria de Cultura do Estado de Pernambuco - Fundação Joaquim Nabuco - Universidade de Pernambuco. Recife, 2017.

EMPOLI, Giuliano Da. **Os engenheiros do caos**. Tradução Arnaldo Bloch. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Vestígio, 2020.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina Damboriarena. **Cartografias: websites de estudos culturais**. Revista FAMECOS. Porto Alegre, nº 9, dez. 1998, semestral. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/acessar/> Acesso em: 30 ago. 2021.

FILIPPI, Patrícia de; LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. **Como tratar coleções de fotografias**. 2. ed. São Paulo: Arquivo do Estado / Imprensa Oficial do Estado, 2002.

FLORENCIO, Sônia Rampim; CLEROT, Pedro; BEZERRA, Juliana; RAMASSOTE, Rodrigo. **Educação patrimonial: histórico, conceitos e processos**. 2. ed. rev. ampl. Brasília, DF: Iphan/DAF/Cogedip/Ceduc, 2014.

FLORENCIO, Sônia Rampim. Política de Educação Patrimonial no IPHAN: Diretrizes conceituais e ações estratégicas. **Rev. CPC**, São Paulo, n. 27 especial, p. 55-89, jan./jul. 2019.

FLUSSER, Villém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia**. Editora Hucitec, São Paulo, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FOTOGRAFIA: importante fonte histórica. **Ágora**, 2013. Disponível em <https://sites.unicentro.br/jornalagora/fotografia-importante-fonte-historica/> Acesso em: 20 fev. 2022.

FUNARI, Pedro Paulo Abreu; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2009.

GASPAROTTO, Denise Moreira; MENEGASSI, Renilson José. Aspectos da pesquisa colaborativa na formação docente. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 34, n. 3, p. 948-973, set./ago. 2016.

GAVA, Fabiana Garcia; ROCHA, Milena Trude Lima Giacomel da; GARCIA, Vanessa Ferreira. Pesquisa colaborativa em educação. **Ensaio Pedagógico**, Sorocaba, vol. 2, n.1, jan./abril. 2018, p. 73-80.

GOMES, Antenor Rita. **As imagens nas configurações educativas contemporâneas: a perspectiva da cultura visual**. 1. ed. Jundiaí/SP: Paco Editorial, 2020.

GIUSTI, Desiree Costa. **O que restou do olhar: reminiscências de um álbum de família**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Artes do Instituto e Ciências da Arte da Universidade Federal do Pará (UFP), Belém-PA, 2015.

HALL, Stuart. Centralidade da cultura: notas sobre a revolução do nosso tempo. **Educação e Realidade**, v. 22, n. 2. jul./dez, 1997. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514> Acesso em: 30 ago. 2021.

HALL, Stuart. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Org. de Livi Sovik. Trad. Adelaine La Guardia Resende. 2. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2003.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira; GRUNBERG, Evelina; MONTEIRO, Adriane Queiroz. **Guia básico de educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

JOHN, Nara M. Identificação, valorização e preservação do patrimônio histórico e cultural. **Anais XI Encontro Estadual de História** – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGSUL – 2012. Fonte: <https://pt.scribd.com/document/351990559/Artigo-Identificacao-Valorizacao-e-Preservacao-Do-Patrimonio> Acesso em: 11 jan. 2022.

JOHNSON, Richard; ESCOSTEGUY, Ana Carolina; SCHULMAN, Norma. (org.). Organização e traduções: Tomaz Tadeu da Silva. **O que é, afinal, estudos culturais?** 2. ed. Autêntica: Belo Horizonte, 2000.

FERNANDES UNIOR, Rubens. Processos de criação na fotografia: apontamentos para o entendimento dos vetores e das variáveis da produção fotográfica. **FACOM** - nº 16 - 2º semestre de 2006. Disponível: http://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_16/rubens Acesso em: 18 nov. 2020.

IBGE. **Portal do Governo Brasileiro**. [S. d.]. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ba/jacobina/panorama> Acesso em: 12 fev. 2022.

IPHAN. **Educação patrimonial, histórico, conceitos e processos**. 2014. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Educacao_Patrimonial.pdf Acesso em: 24 out. 2020.

LEAL, Ione Oliveira Jatobá; ARAÚJO, Joseane Gomes; SANTOS, Hilário dos. **Atlas geográfico escolar de Jacobina, BA**: C&C Alfa Comunicação, 2021.

LEÃO, Jozania Carvalho. História, educação patrimonial e preservação da memória afrodescendente de Linha Marioti: uma proposta de intervenção pedagógica. **Caderno Pedagógico**, Secretaria de Estado da Educação do Paraná – SEED. Superintendência da Educação. Coordenação Estadual do PDE Cruzeiro do Iguaçu, 2013. Disponível: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2013/2013_unioeste_hist_pdp_jozania_carvalho_leao.pdf Acesso em: 15 set. 2019.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1990.

LEITE, Amanda Mauricio Pereira. **Fotografia para ver e pensar**. 2016. Tese - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade Federal de Santa Catarina –, Santa Catarina, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/> Acesso em: 15 fev. 2022

LEMO, Carlos. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Ed. Brasiliense S.A., 1981.

KOSSOY, Boris. O relógio de Hiroshima: reflexões sobre os diálogos e silêncios das imagens. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 25, n. 49 p. 35-42., jan./jun. 2005. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882005000100003 Acesso em: 03 nov. 2019.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 3. ed. Ateliê Editorial. São Paulo: 2002.

MACEDO, Roberto Sidney (org.). **Currículo e processos formativos: experiências, saberes e culturas**. Escritos formaceanos em perspectiva. Salvador: EDUFBA, 2012.

MALTÊZ, Camila Rodrigues *et al.* Educação e patrimônio: o papel da escola na preservação e valorização do patrimônio cultural. **Pedagogia em Ação**, v. 2, n. 2, p. 39-49, fev. 2010. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4840> Acesso em: 15 mar. 2019.

MARUJADA. **Sua Pesquisa.com**. Disponível em: <https://www.suapesquisa.com/folclorebrasileiro/marujada.htm> Acesso em: 11 de jan. 2022.

MEINERZ, Carla Beatriz. Grupos de discussão: uma opção metodológica na pesquisa em educação. **Educ. Real**, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 485-504, maio/ago. 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/16957/12914> Acesso em: 05 set. 2021.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitex, 1993.

MIRANDA, Carmélia. Aparecida Silva. **Festas e comemorações: versos, danças e memória: a Festa da Marujada em Jacobina**. Projeto de História. V.28, p. 451-458, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10456> Acesso em: 12 ago. 2021.

MORRE ELIAS Caetano, membro da Marujada de Jacobina. **Jacobina 24 horas**, 2022. Disponível em: <https://www.jacobina24horas.com.br/morre-elias-caetano-membro-da-marujada-de-jacobina/> Acesso em: 27 jan. 2022.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Tradução: Yara Aun Khoury. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos de Pós-Graduados de História**. São Paulo, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12101> Acesso em: 11 set. 2020.

OLIVEIRA, Valter Gomes Santos de. **Revelando a cidade: imagens na modernidade no olhar fotográfico de Osmar Micucci (Jacobina 1955-1963)**. 2007. Dissertação (Mestrado em História Social – Cultura e Sociedade). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

PANTOJA, Tânia Sarmento. **Revista Margens Interdisciplinar**, Abaetetuba, v. 4, n. 5, p. 299-302, jun. 2008. Resenha da obra de: SARLO, Beatriz. Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

PARREIRAS, Mateus. **Viagem pela antiga Estrada de Ferro Leopoldina resta apenas na memória**. Estado de Minas Gerais, 2016. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2016/03/21/interna_gerais,745550/viagem-pela-antiga-estrada-de-ferro-leopoldina-resta-apenas-na-memoria.shtml Acesso em: 28 set. 2021.

PEREIRA, Marcos Vilella. **Sobre interdisciplinaridade e diferença: um debate filosófico**. **Revista Sul-Americana de Filosofia e Educação – RESAFE**, n. 22, maio-out./2014, p. 108-128.

PIZZIMENTI, Cris. **Sou feita de retalhos**. Pedacinhos... Disponível em <https://www.pensador.com/frase/MTk5NTA1Mg/> Acesso em: 08 ago. 2020.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento, silêncio. Tradução de Dora Rocha Flaksman. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2. n.3, 1989.

RIBEIRO, Sandra Bernardes. **Brasília memória, cidadania e gestão do patrimônio cultural**. São Paulo, Annablume, 2005.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Tradução: Alain François *et al.* Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2007.

ROSA, João Guimarães. **Ficção completa**. v.1 e 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SANCHES, Tatiana Amendola (org.). **Estudos culturais: uma abordagem prática**. Editora Senac, São Paulo, 2011.

SANTANA, Marcos Aurélio; RODRIGUES, Vicente, A.C. (org.). À memória e à verdade. Coleção Arquivos e o direito à memória e à verdade. **Comunicações do 3º Seminário Internacional o Mundo dos Trabalhadores e seus Arquivos**. Central Única dos Trabalhadores. Vol. 4, São Paulo/ Rio de Janeiro: 2015. Disponível em <http://www.memoriasreveladas.gov.br> Acesso em: 20 set. 2020.

SANTOS, Boaventura Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes. **Novos estudos: CEBRAP**, p. 71-94, 2007. Disponível em <https://www.scielo.br/nec> Acesso em: 1 mar. 2022.

SANTOS, Mariane Júlia dos. **Educação Patrimonial do Projeto Escolas na Ilha do Campeche: interfaces entre memória e identidade**. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis-SC, 2018.

SANTOS, Vanicléia Silva. A “civildade” chegando a Jacobina. **Cadernos do CEOM** - Ano 15, n. 14, Campus Chapecó – dez., 2001.

SANTOS, Vanicléia Silva. Os ritos e os ritmos da micareta no sertão da Bahia. **Revista PUCSP**, nº 104392004. Projeto de História: festas, ritos e celebrações, 2004. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10439> Acesso em: 09 set. 2021.

SCIFONI, Simone. Desafios para uma nova educação patrimonial. **Revista Teias**, v.18, nº 48, jan./mar., 2017.

SILVA, Ana Lúcia Gomes da. **Histórias de leitura na terceira idade**. Memórias Individuais e Coletivas. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

SILVA, Sérgio Luiz Pereira da. Antes ver para crer, hoje digitalizar para acreditar: a fotografia e o gozo estético da cultura visual. **Revista Domínios da Imagem**, Ano VI, nº 11. p.111-120. Laboratório de Estudos dos Domínios da Imagem (LEDI) do Departamento de História da UEL, Londrina, 2012. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas//uel/index.php/dominiosdaimagem/search> Acesso em: 02. dez. 2019.

SILVA, Fabiana Machado. Experiências e memórias dos trabalhadores da Leste Brasileiro: Jacobina (1920-1945). **XI Encontro Regional Nordeste de História Oral. Ficção e Poder – Oralidade, Imagem e Escrita**. Instituição Federal do Ceará. Fortaleza, 2017.

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOUZA, Caroline Braga Patrocínio. Ferrovias brasileiras: conheça os fatos históricos mais curiosos. **Portopédia**, 23 nov. 2019. Disponível em: <https://portogente.com.br/portopedia/109992-ferrovias-brasileiras-conheca-fatos-historicos-curiolos#:~:text=A%20hist%C3%B3ria%20das%20ferrovias%20come%C3%A7a,Rio%20de%20Janeiro%20at%C3%A9%20Petr%C3%B3polis>. Acesso em: 04 abr. 2021.

SOUZA, Joana Batista de. **Educação Patrimonial**: Passados possíveis de se preservar em, Caxias- MA. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-Graduação em História, Ensino e Narrativas, Universidade Estadual do Maranhão, São Luís – MA, 2016.

THIOLLENT, Michel. Aspectos qualitativos da metodologia de pesquisa com objetivos de descrição, avaliação e reconstrução. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, 1984.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TOLENTINO, Átila Bezerra (org.) **Educação patrimonial**: reflexões e práticas. Caderno temático 2. João Pessoa: Superintendência do IPHAN na Paraíba, 2012.

TOLENTINO, Átila Bezerra. Educação patrimonial: perspectivas e entraves nas práticas de patrimonialização federal. **Sillogés**, v.1, n.1, jan./jul. 2018.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em Educação. São Paulo: Editora Atlas S.A, 1987.

WELLER, Vivian; PFAFF, Nicole (org.). **Metodologias da pesquisa qualitativa em educação**: teoria e prática. 3. ed. 6. reimp. Petrópolis: RJ: Vozes, 2020.

APÊNDICES

APÊNDICE A - Proposta de Intervenção

	UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB Departamento de Ciências Humanas Programa de Pós- Graduação em Educação e Diversidade -PPED Mestrado Profissional em Educação e Diversidade -MPED	
PLANO DE AÇÃO		
Justificativa Com a suspensão das aulas presenciais, por causa do contexto atual da Pandemia do COVID-19, foi necessário reinventarmos e adequarmos ações para a proposta de intervenção. Diante deste contexto, pensamos num Grupo de Discussão com os participantes da pesquisa intitulada <i>Fotografia, memória e educação: um diálogo entre as memórias despertadas pelas fotografias e a educação patrimonial</i>, da mestranda Vasti Sampaio de Miranda, com a orientação do Prof. Dr. Antenor Rita Gomes e o coorientador Prof. Válter Gomes Santos de Oliveira, para aproximação com o campo. Desse modo, propomos alternativas viáveis para aproximação dos participantes da pesquisa através do aplicativo do <i>Google Meet</i>. O Grupo de Discussão é formado por pessoas que compartilham de interesses em comum, discutem temas e questões, considerando seus conhecimentos, habilidades, experiências, histórias na área. Nesse sentido, o grupo atua de forma ativa e colaborativa, analisa e colabora com dados informativos que poderão emergir no grupo. Nesse Grupo de Discussão, teremos como membros idosos da Universidade Aberta da Terceira Idade (UATI), estudantes e professores do Ensino Médio do Centro Territorial de Educação Profissional do Piemonte da Diamantina II, de Jacobina. A ideia do grupo é de aprendermos e debatermos juntos, de modo que os componentes contribuam colaborativamente.		
Objetivos do grupo de discussão: ✓ Articular ações que contribuam efetivamente para a reflexão e a preservação do patrimônio histórico e cultural de Jacobina, Bahia; ✓ Identificar contribuições das memórias da terceira idade e demais participantes para a Educação Patrimonial dos estudantes do Ensino Médio;		

- ✓ Possibilitar o diálogo entre gerações a partir dos registros fotográficos e das memórias.

Ao criarmos o Grupo de Discussão, selecionamos critérios para a participação de pessoas que tenham interesse, afinidade e disposição para trabalhar com o tema da pesquisa. Assim, enviaremos um resumo da proposta aos membros sobre aspectos sobre Grupo de Discussão: conceito, objetivos, metodologia, seguido de Questionário *online*, via *Whats App* para os interessados responderem.

No intuito de reconhecerem e refletirem acerca dos estudos do patrimônio Histórico e Cultural do município de Jacobina, pensamos numa pauta de trabalho que contemple a pesquisa de intervenção em questão. Para tanto, faremos encontros virtuais, palestras, escuta dos membros para demandas relevantes que surgirem no decorrer das reuniões; apresentaremos fotografias dos patrimônios jacobinenses e de convidados que contribuam para a discussão; debates sobre a questão patrimonial dessa cidade e como produto final a criação de um Museu Virtual com os sujeitos dessa pesquisa.

Encontros	Ações
1º Encontro Período 25/06/2021	*Acolhimento dos colaboradores da pesquisa; *Síntese do projeto de pesquisa (slides); -Produto da pesquisa: Museu Virtual; *Orientações sobre a dimensão ética – apresentação e esclarecimento dos termos e documentos para conhecimento de todos/as; *Grupo de Discussão (slides) - O que é um Grupo de Discussão?; -Objetivos do Grupo de Discussão; - Quem são os componentes do Grupo de Discussão? *Breve contextualização da cidade de Jacobina; -Jacobina: retratos do passado; *Escuta dos participantes da pesquisa, dúvidas e/ou de socialização de comentários; * Agradecimentos.
2º Encontro Período 06/07/2021	*Acolhimento dos colaboradores da pesquisa; *Narrativa dos membros da Universidade Aberta da Terceira Idade - UATI de alguma memória de Jacobina;

	*Breve histórico sobre conceito e criação do patrimônio histórico e cultural; - Patrimônio material e imaterial; *Era uma vez... A Estação Ferroviária de Jacobina; *Quem sou EU nessa pesquisa: meu pseudônimo será? *Retratos do passado (fotografias de Jacobina); *Espaço colaborativo para debate e discussão no grupo; * Agradecimentos.
3º Encontro Período 15/07/2021	*Acolhimento; *Apresentação: palestrantes, participação do professor Dr. Valter Oliveira e os graduados Abner e Joedi (fotografias de Lidenício Ribeiro); *Direto do túnel do tempo (fotografias de Jacobina e fotografias de Lindenício Ribeiro); *Vamos pensar um pouco: reflexão; *Espaço colaborativo para debate e discussão no grupo; Agradecimentos.
4º Encontro Período 04/08/2021	*Acolhimento; *Participação do fotógrafo Osmar Micucci e do professor Dr. Válder Oliveira; -O olhar do fotógrafo Osmar Micucci sobre sua obra; -Produções acadêmicas de Valter sobre as fotografias de Osmar Micucci; -As fotografias de Osmar Micucci como mediação do diálogo entre Osmar Micucci, Valter e os membros do grupo; -Os personagens de Osmar Micucci (fotografias); *Espaço para debate e discussão; *Agradecimentos.
5º Encontro Período 09/2021	*Acolhimento; *Meu nome nessa pesquisa será? (retomando e fechando com os nomes escolhidos pelos sujeitos da pesquisa); *Tombamento; - Conceito;

	-O tombamento preserva? *Educação Patrimonial; *Exposição de alguns patrimônios tombados em Jacobina; *Retratos do presente (fotografias de Jacobina); *Espaço para reflexão: “Jacobina e seu legado ou apagamento da história cultural e patrimonial?”; *Espaço colaborativo para debate e discussão; *Agradecimentos.
6º Encontro Período 26/08/2021	*Acolhimento; *Aspectos culturais em Jacobina; -A Marujada; -Breve contextualização da Marujada em Jacobina; -Fotografias da Marujada em Jacobina; *Micareta em Jacobina; -Breve panorama histórico da Micareta em Jacobina; -Fotografias da Micareta de Jacobina; *Apresentação do esboço para criação do Museu Virtual (Produto de pesquisa); -Conceito; -Como funciona; - Objetivos da criação do Museu Virtual; - Orientações e encaminhamentos dos trabalhos para a construção do Museu; *Conhecendo alguns museus virtuais no Brasil e no mundo; *Narrativas das experiências da participação desse grupo pelos participantes: estudantes, idosos e professores nesse projeto de pesquisa; *Encerramento: Agradecimentos.

APÊNDICE B - Questionário para os Participantes da Pesquisa

Com propósito de criar um Grupo de Discussão com os membros da pesquisa intitulada *Fotografia, memória e educação*: um diálogo entre as memórias despertadas pelas fotografias e a educação patrimonial, da mestrandia Vasti Sampaio de Miranda, com a orientação do Prof. Dr. Antenor Rita Gomes e o coorientador Prof. Dr. Valter Gomes Santos de Oliveira, faz-se necessário coletar informações para a construção do referido grupo. A criação do grupo de discussão foi pensada a partir da impossibilidade dos encontros presenciais com os sujeitos da pesquisa nesse contexto pandêmico que estamos vivendo.

O Grupo de Discussão é formado por pessoas que compartilham de interesses em comum, discutem temas e questões, considerando seus conhecimentos, habilidades, experiências e histórias na área. Nesse sentido, o grupo tem como objetivos: articular ações que contribuam efetivamente para a reflexão e preservação do patrimônio histórico e cultural de Jacobina, Bahia; identificar contribuições das memórias da terceira idade e demais participantes para a Educação Patrimonial dos estudantes do Ensino Médio; possibilitar o diálogo entre gerações a partir dos registros fotográficos e das memórias. Assim, o grupo atua de forma ativa e colaborativa, analisando, e até mesmo buscando soluções que poderão emergir desse conjunto.

Diante disso, pensamos num questionário com perguntas simples e objetivas para a condução dessa proposta. Para tanto, socializamos e solicitamos o preenchimento do referido questionário, caso você tenha interesse de fazer parte desse Grupo de Discussão *online*.

Questionário

1-Identificação:

Nome completo: _____

Idade: _____

Cidade que reside: _____

2-Formação Grau de Instrução:

() 1º grau incompleto

() 1º grau completo

() 2º grau incompleto

() 2º grau completo

() Superior incompleto

() Superior completo

() Especialização

() Mestrado

() Doutorado

() Pós-doutorado

3-Você tem afinidade com o tema Educação Patrimonial?

() Sim () Não

4-Você deseja discutir sobre Patrimônio Histórico?

() Sim () Não

5-Você gosta de Fotografia?

() Sim () Não

6- Qual o seu nível de habilidade com as tecnologias?

() Ruim () Bom

() Regular () Ótimo

7- Qual plataforma virtual ou aplicativo tecnológico que você utiliza para falar com um número maior de pessoas?

() Zoom

() *Google Meet*

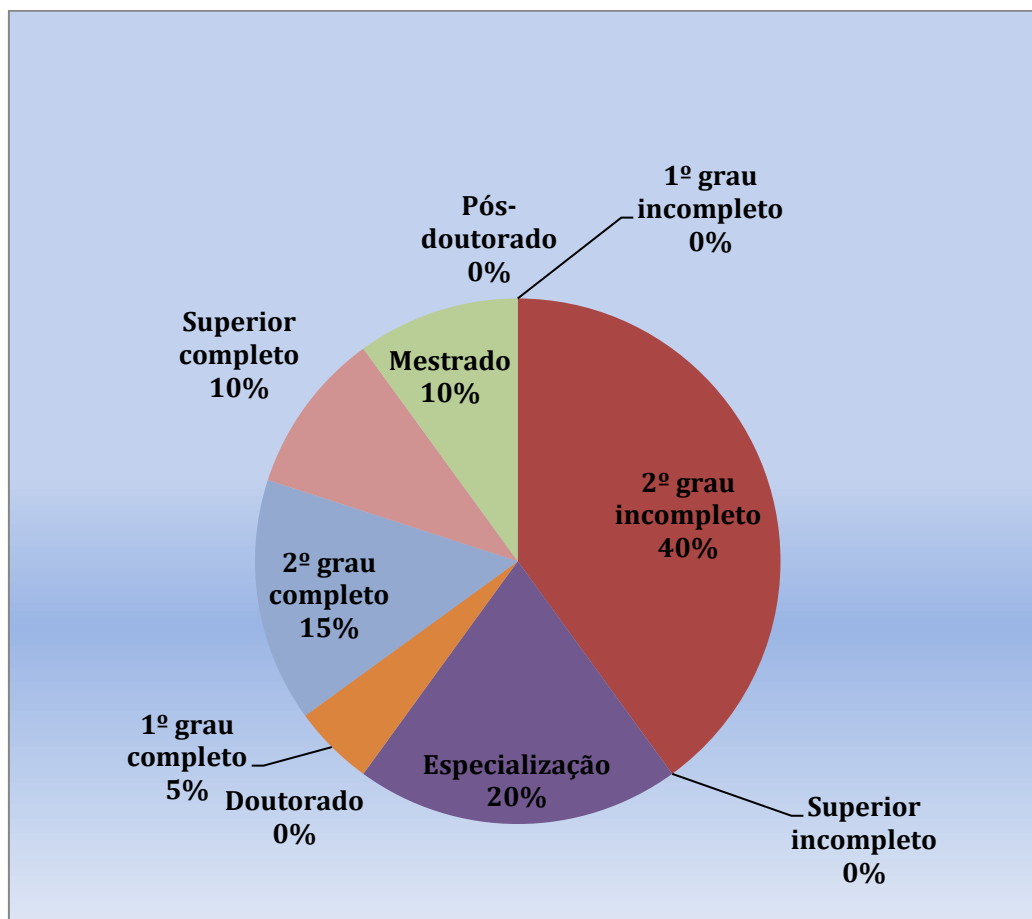
() *Teamsmeet*

8- Caso tenha necessidade de uma gravação de vídeo você saberá fazer?

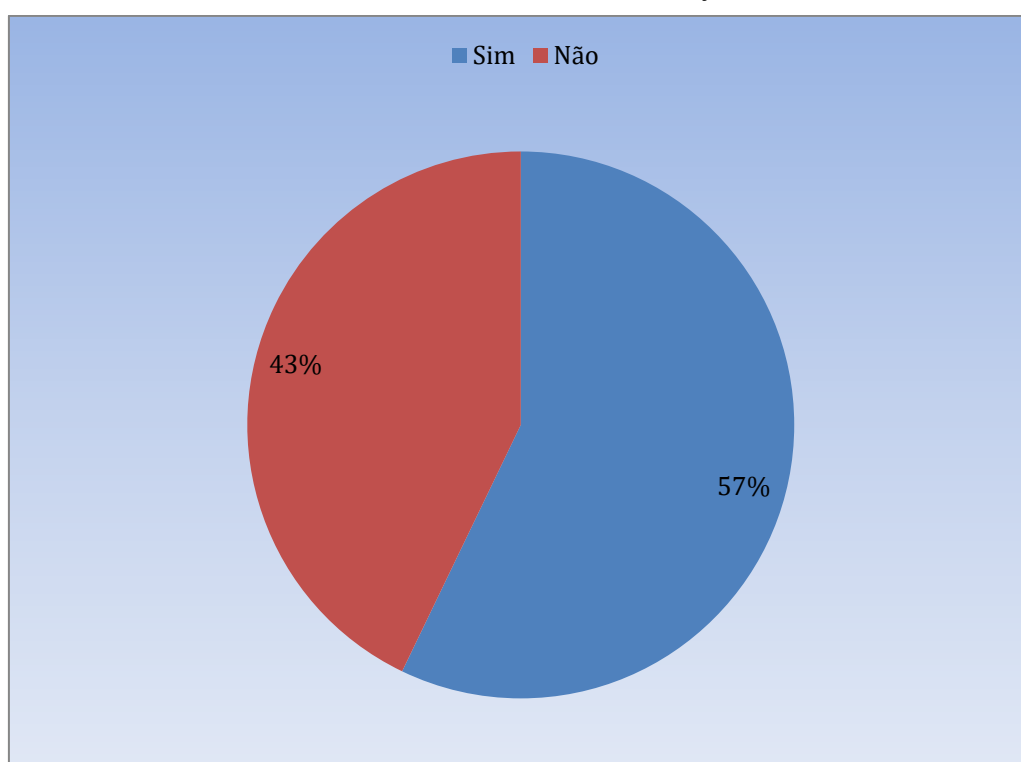
() Sim () Não

9-Você pode recorrer a alguém da sua família, que você já tenha contato nesse momento de Pandemia, para te auxiliar numa pequena gravação de vídeo?

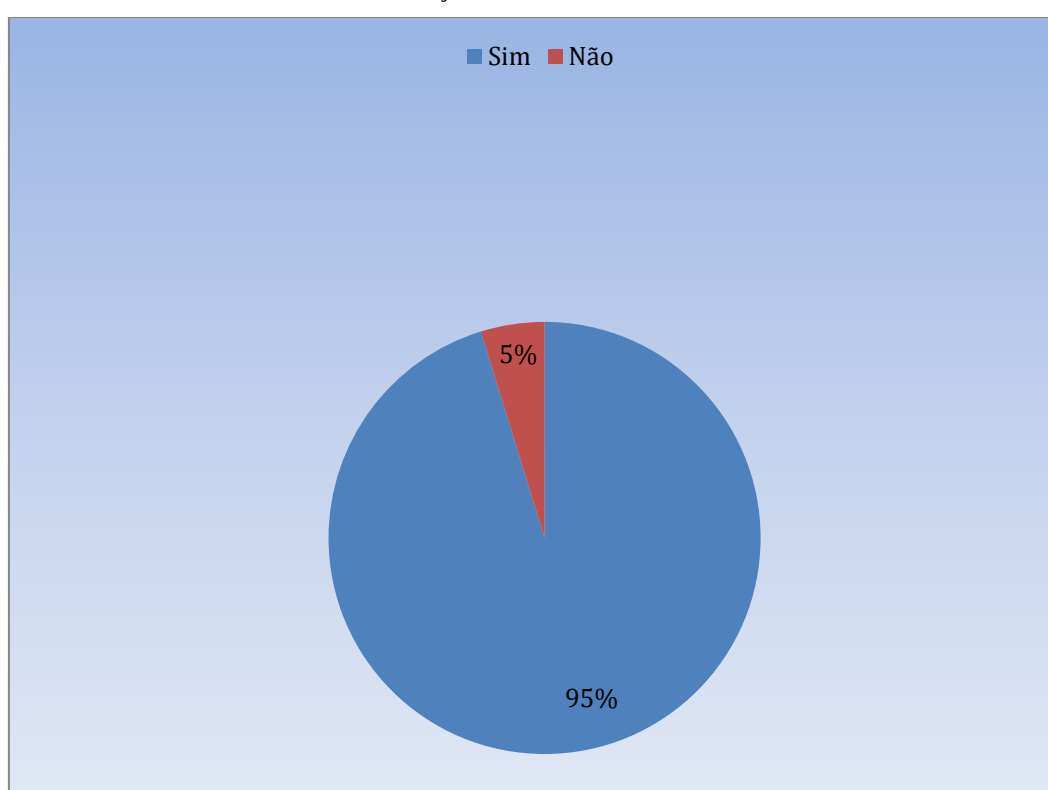
() Sim () Não

APÊNDICE C – Gráficos (Resultados do Questionário)**Gráfico 1 – Formação ou Grau de Instrução**

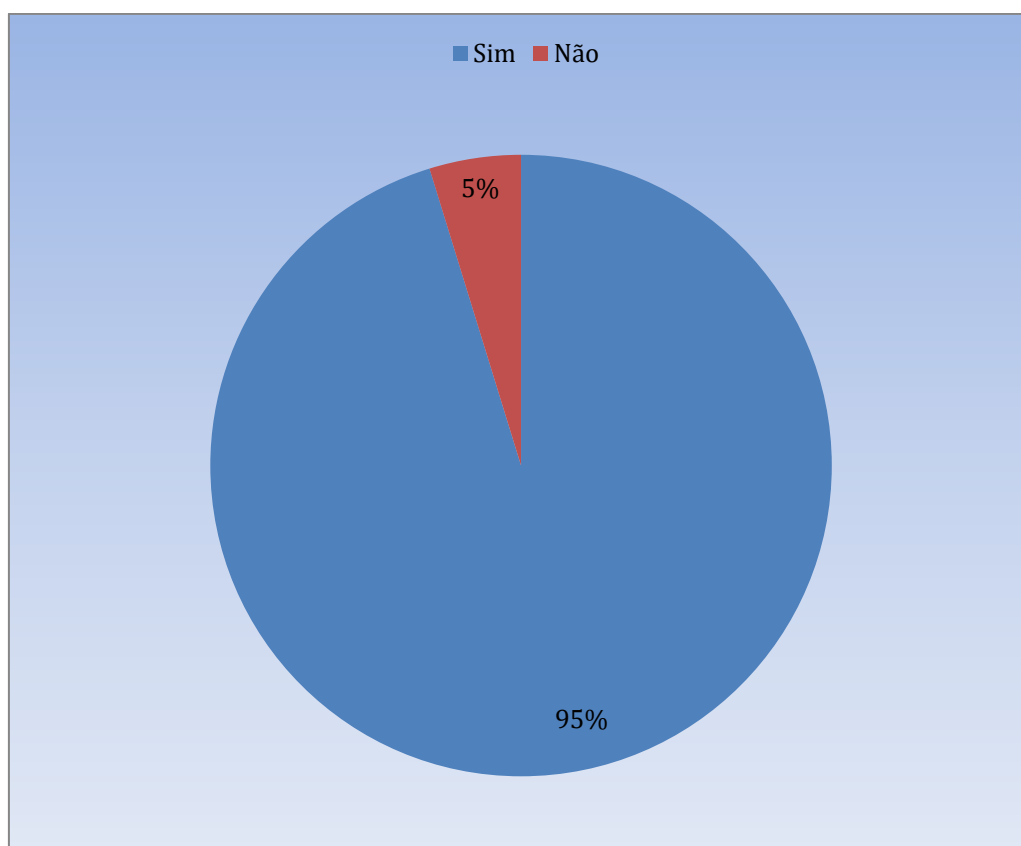
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 2 - Afinidade com o tema Educação Patrimonial

Fonte: A autora, 2022.

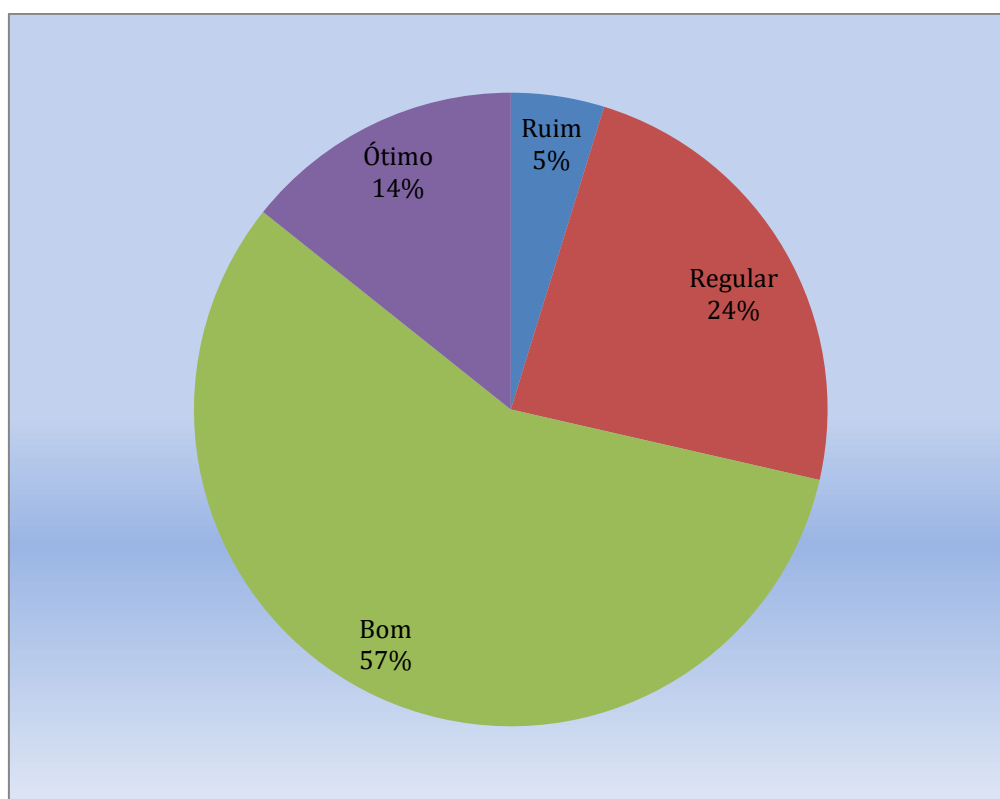
Gráfico 3 - Deseja discutir sobre o Patrimônio Histórico

Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 4 - Você gosta de fotografia?

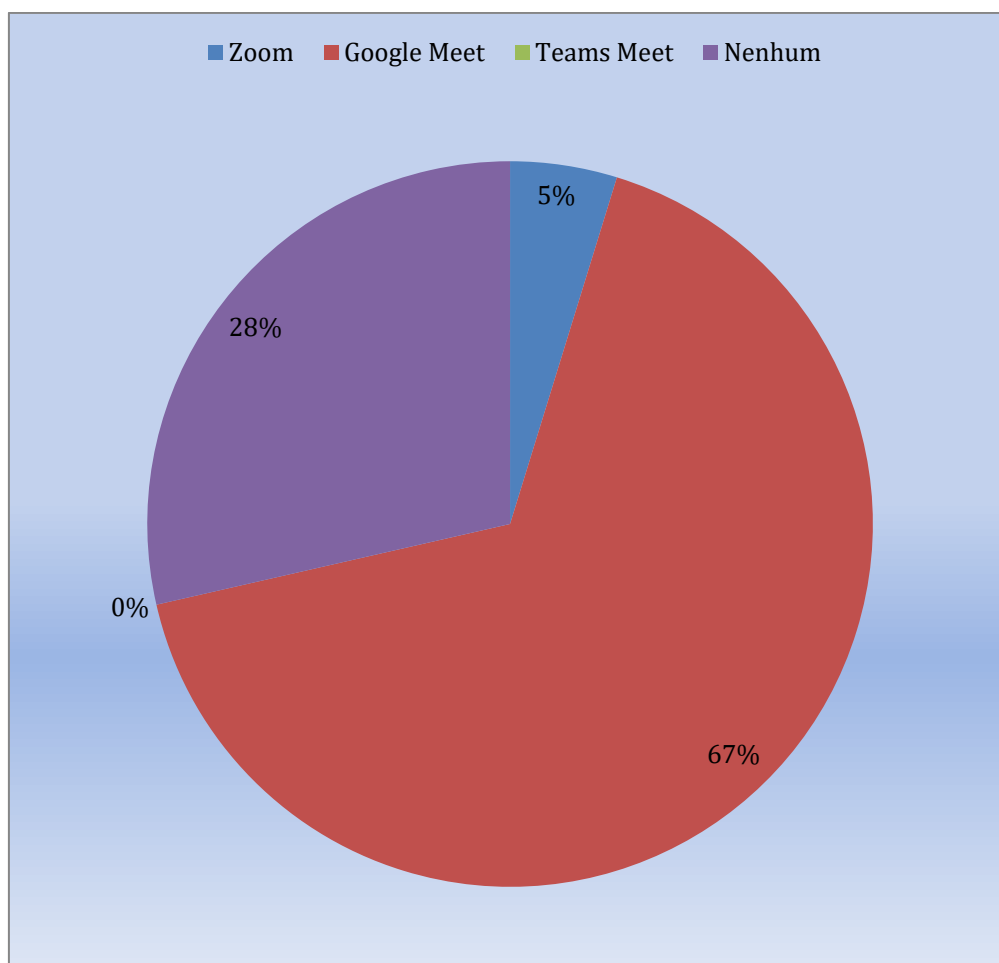
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 6 - Qual o seu nível de habilidade com as tecnologias?



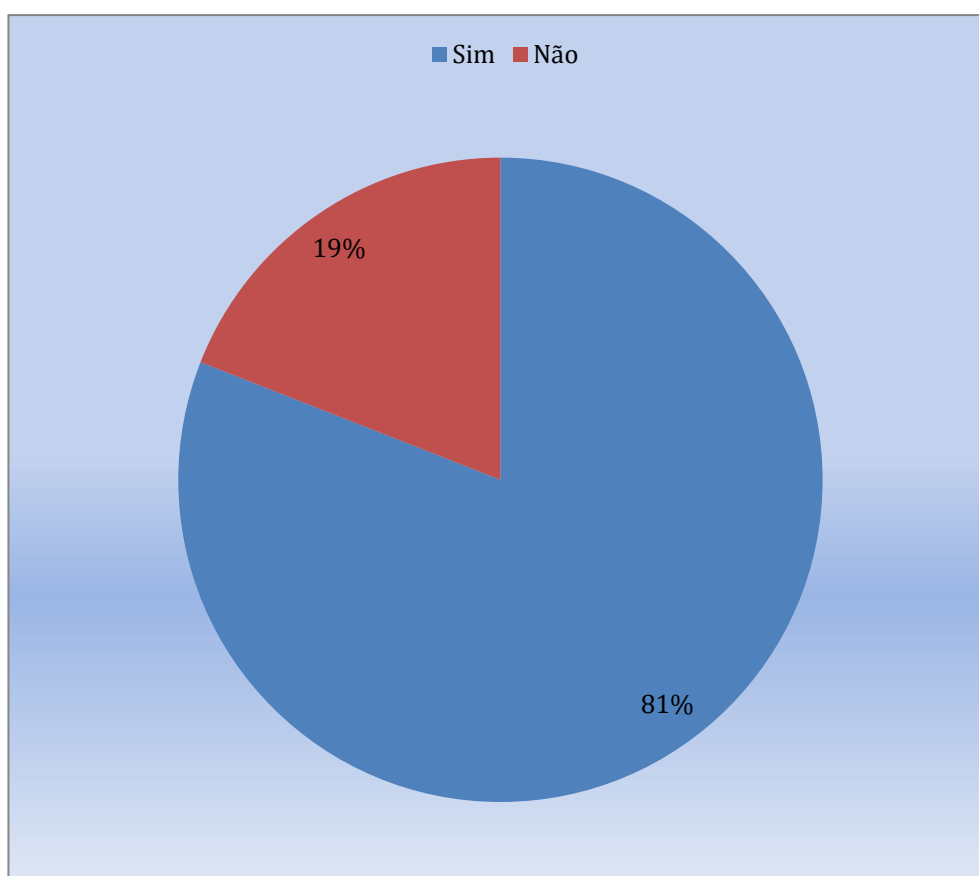
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 7 - Qual plataforma virtual ou App tecnológico que você utiliza para falar com um número maior de pessoas?



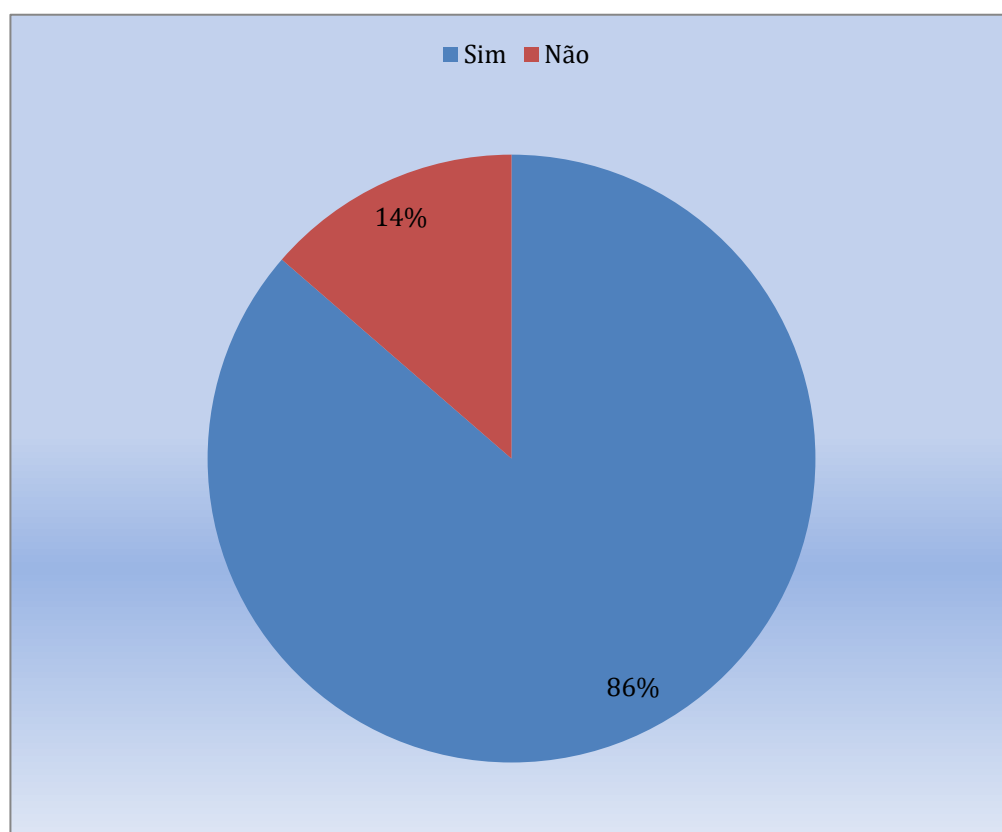
Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 8 - Caso tenha necessidade de uma gravação de vídeo você saberá fazer?



Fonte: A autora, 2022.

Gráfico 9 - Você pode recorrer a alguém da sua família, que você tenha contato neste momento de Pandemia, para te auxiliar numa gravação de vídeo?



Fonte: A autora, 2022.

APÊNDICE D - Entrevista Semiestruturada (Segmento Professoras)

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA - SEGMENTO PROFESSORAS

- 1- Entre as memórias despertadas pela terceira idade e a relação das fotografias do patrimônio da cidade de Jacobina, como seriam possíveis as contribuições no âmbito educacional?
- 2- A fotografia é capaz de mediar um diálogo entre gerações no que se refere ao patrimônio histórico e cultural de Jacobina?
- 3- Sobre o caráter educativo que essas memórias possuem, quais sugestões você pode descrever como suporte pedagógico?
- 4- Como é possível abordar a cultura nas escolas de Ensino Médio, com o foco na Educação Patrimonial?
- 5- É importante o estudo das fotografias do patrimônio histórico e cultural a partir do seu território?
- 6- Você pretende utilizar as memórias da terceira idade na sua prática pedagógica?

APÊNDICE E - Grupo Focal (Segmento Estudantes)

Grupo Focal - Segmento Estudantes

1. Vocês consideram que as memórias da terceira idade e as fotografias do patrimônio histórico e cultural de Jacobina têm caráter educativo?
2. Os professores utilizam fotografias do patrimônio histórico e cultural de Jacobina nas aulas?
3. Qual a importância do estudo do patrimônio histórico e cultural a partir do seu território?
4. É possível incorporar nas aulas e no colégio as memórias da terceira idade?
5. Vocês consideram importante a abordagem das fotografias do Patrimônio Histórico e Cultural de Jacobina nas aulas?

APÊNDICE F - Termo de Autorização da Instituição da Coparticipante

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DA INSTITUIÇÃO DA COPARTICIPANTE



SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DA BAHIA - SEC
NÚCLEO TERRITORIAL DE EDUCAÇÃO - NTE 16
CENTRO TERRITORIAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL DO PIEMONTE DA
DIAMANTINA II

TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA COPARTICIPANTE

Autorizo o (a) pesquisador/a Vasti Sampaio de Miranda Xavier a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: Um diálogo entre as memórias da terceira idade e a educação patrimonial de jovens estudantes a partir de registros fotográficos o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição é corresponsável pela atividade de pesquisa proposta e dispõe da infraestrutura necessária para garantir a segurança e bem estar dos participantes da pesquisa.

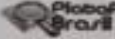
Jacobina, 08 de abril de 2021


 Gildeon Alves dos Santos
 DIRETOR
 CADASTRO: 11581154-4
 AUTORIZAÇÃO: 16.04/2021

Gildeon Alves dos Santos
Diretor

APÊNDICE G - Folha de Rosto para Pesquisa envolvendo Humanos

FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO HUMANOS

 MINISTÉRIO DA SAÚDE - Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP FOLHA DE ROSTO PARA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS			
1. Projeto de Pesquisa FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: Um diálogo entre as memórias da terceira idade e a educação patrimonial de jovens estudantes a partir de registros fotográficos.			
2. Número de Participantes da Pesquisa: 21			
3. Área Temática:			
4. Área do Conhecimento: Grande Área 7 - Ciências Humanas			
PESQUISADOR RESPONSÁVEL			
5. Nome: VASTI SAMPAIO DE MIRANDA			
6. CPF: 805.515.345-91		7. Endereço (Rua, n.º): Primeira Travessa Floravante Barbosa Faria - Tomaz 13 - casa JACOBINA BAHIA 44700000	
8. Nacionalidade: BRASILEIRO		9. Telefone: 74991153506	10. Outro Telefone: 11. Email: vsmiranda@hotmail.com
Termo de Compromisso: Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementares. Comprometo-me a utilizar os materiais e dados coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados sejam eles favoráveis ou não. Aceito as responsabilidades pela condução científica do projeto acima. Tenho ciência que essa folha será anexada ao projeto devidamente assinada por todos os responsáveis e fará parte integrante da documentação do mesmo.			
Data: ____ / ____ / ____		Assinatura: _____	
INSTITUIÇÃO PROPONENTE			
12. Nome: UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA		13. CNPJ:	14. Unidade/Orgão: Universidade do Estado da Bahia - Campus IV
15. Telefone: (74) 3621-3331		16. Outro Telefone:	
Termo de Compromisso (do responsável pela instituição): Declaro que conheço e cumpro os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas Complementares e como esta instituição tem condições para o desenvolvimento deste projeto, autorizo sua execução.			
Responsável: JOÃO SILVA ROCHA FILHO		CPF: 361.153.205-34	
Cargo/Função: DIRETOR		Assinatura: _____	
Data: ____ / ____ / ____		Assinatura: _____	
PATROCINADOR PRINCIPAL			
Não se aplica.			

APÊNDICE H - Termo de Autorização Institucional da Proponente**TERMO DE AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL DA PROPONENTE**

Autorizo o (a) pesquisador (a) **Vasti Sampaio de Miranda Xavier** a desenvolver nesta instituição o projeto de pesquisa intitulado **Fotografia, memória e educação: Um diálogo entre as memórias da terceira idade e a educação patrimonial de jovens estudantes a partir de registros fotográficos** o qual será executado em consonância com as normativas que regulamentam a atividade de pesquisa envolvendo seres humanos.

Declaro estar ciente que a instituição proponente é responsável pela atividade de pesquisa proposta e que será executada pelos seus pesquisadores/as, além de dispormos da infraestrutura necessária para garantir o resguardo e bem-estar dos participantes da pesquisa.

Jacobina, de.....de 20.....

.....

Assinatura e carimbo do
responsável institucional

APÊNDICE I - Termo de Confidencialidade

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Assumimos o compromisso de preservar a privacidade e a identidade dos participantes da pesquisa intitulada **Fotografia, memória e educação: um diálogo entre as memórias da terceira idade e a educação patrimonial de jovens estudantes a partir de registros fotográficos**, cujos dados serão coletados processualmente através de encontros virtuais, entrevistas, levantamento e análise de acervo fotográfico, na Universidade do Estado da Bahia, Comunidade de Prática Virtual, no Centro Territorial de Educação Profissional do Piemonte da Diamantina II e acervos fotográficos, com a utilização dos dados única e exclusivamente para execução do presente projeto.

Os resultados serão divulgados de forma anônima, assim como os termos de consentimento livre e esclarecido guardados na Universidade do Estado da Bahia pelo período de 05 (cinco) anos sob a responsabilidade do Pesquisador/a Vasti Sampaio de Miranda e do orientador Antenor Rita Gomes. Após este período, os dados serão destruídos.

Jacobina,dede 20.....

Nome do Membro da Equipe Executora	Assinatura
Vasti Sampaio de Miranda	
Antenor Rita Gomes	

APÊNDICE J - Termo de Concessão**TERMO DE CONCESSÃO**

Autorizo o acesso aos documentos sob minha guarda para que sejam coletados os seguintes dados: fotografias dos patrimônios históricos e culturais da cidade de Jacobina, Bahia, acervos bibliográficos que serão utilizados na execução do projeto intitulado **fotografia, memória e educação: um diálogo entre as memórias da terceira idade e a educação patrimonial de jovens estudantes a partir de registros fotográficos**, sob a responsabilidade do pesquisador (a) Vasti Sampaio de Miranda, com a finalidade científica e sem comprometer de nenhuma forma a integridade e a identidade dos participantes da pesquisa, conforme regulamenta a Resolução CNS 466/12.

Declaro estar ciente dos objetivos e benefícios do estudo, assim como da justificativa para não aplicar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e concordo com a coleta dos dados nesta unidade, exclusivamente para uso nesta pesquisa.

Jacobina,.....dede 20.....

.....

Assinatura

APÊNDICE L - Declaração de Concordância com o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa

DECLARAÇÃO DE CONCORDÂNCIA COM O DESENVOLVIMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

Declaro estar ciente do compromisso firmado com a execução do projeto intitulado **Fotografia, memória e educação: um diálogo entre as memórias da terceira idade e a educação patrimonial de jovens estudantes a partir de registros fotográficos**, vinculado à instituição Universidade do Estado da Bahia – UNEB, CAMPUS IV – Jacobina, que será desenvolvido na forma apresentada e aprovada pelo CEP da Universidade do Estado da Bahia sempre orientado pelas normativas que regulamentam a atividade de pesquisa.

Jacobina, de de 20.....

Nome do orientador(a) e do orientando(a)	Assinatura
Vasti Sampaio de Miranda	
Antenor Rita Gomes	

APÊNDICE M - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

TERMO DE CONSENTIMENTOLIVRE E ESCLARECIDO

ESTA PESQUISA SEGUIRÁ OS CRITÉRIOS DA ÉTICA EM PESQUISA COM SERES HUMANOS CONFORME RESOLUÇÃO Nº 466/12E 510/2016 DO CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE.

I – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Nome do/a Participante: _____

Documento de Identidade nº: _____ Sexo: F () M ()

Data de Nascimento: ____/____/____

Endereço: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____

Telefone:() _____

II -DADOS SOBRE A PESQUISA CIENTÍFICA:

1. TÍTULO DO PROTOCOLO DE PESQUISA: FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO ENTRE AS MEMÓRIAS DESPERTADAS PELAS FOTOGRAFIAS E A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.

2- PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Vasti Sampaio de Miranda (mestranda); Antenor Rita Gomes (Orientador).

Cargo/Função: Pesquisadora.

III - EXPLICAÇÕES DA PESQUISADORA AO PARTICIPANTE SOBRE A PESQUISA:

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa: **Fotografia, memória e educação: um diálogo entre as memórias despertadas pelas fotografias e a educação patrimonial**, de responsabilidade da pesquisadora Vasti Sampaio de Miranda, sob a orientação de Antenor Rita Gomes, docente da Universidade do Estado da Bahia. Com o objetivo de compreender de que forma as memórias despertadas pela fotografia do patrimônio contribuem para a educação dos jovens estudantes do Ensino Médio

Caso aceite, você participará da construção dos dados da pesquisa, que ocorrerá por meio dos seguintes dispositivos: encontros *online* com o Grupo de Discussão, entrevista

semiestruturada com o Grupo Focal e análise a partir dos registros fotográficos. Ressaltamos que o texto final da pesquisa é de responsabilidade da pesquisadora.

Estão previstos cinco (05) Encontros e um (01) Museu Virtual, com periodicidade quinzenal, sendo o primeiro encontro, de natureza exploratória, programado para acontecer em junho de 2021. Cada encontro terá duração de 2 horas em média, será estruturado a partir do que for definido pela coletividade. As datas e horários dos Encontros e o Museu serão demandados em comum acordo com os/as sujeitos participantes de modo que não interfiram em suas rotinas.

Os aspectos levantados e registrados pela pesquisadora serão debatidos no coletivo, de modo a potencializar as experiências de inclusão dos participantes.

Caso o coletivo manifeste este desejo, será construído um produto final colaborativo, um Museu Virtual para registros de saberes da comunidade e da inserção de acervo fotográfico dos patrimônios da cidade de Jacobina, Bahia.

Esta pesquisa trará ou poderá trazer benefícios tanto para área de educação como para os participantes, tais como:

- Divulgação dos resultados em meio acadêmico e científico, através de publicação meios científicos (periódicos, livro, etc.) e/ou apresentação em evento;
- Aproximação da família, da Universidade Aberta da Terceira Idade com a comunidade escolar;
- Fomentar práticas de preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de Jacobina;
- Ressignificação da trajetória pessoal e profissional.

É nosso dever ético destacar que os participantes também podem enfrentar possíveis riscos (nível mínimo) durante a realização da pesquisa, tais como:

- Sentir-se constrangido/a ou desinteressado/a em falar de questões relacionadas aos temas geradores;
- Revisitar memórias traumáticas e induzir situações de catarse;
- Sentir exausto no momento da participação na condição de sujeitos colaboradores de pesquisa;
- Recusar-se a explicar pontos de vista optando pelo silenciamento;
- Sentir-se vigiado/a em relação às suas práticas profissionais.

Reafirmamos que os riscos são mínimos, haja vista que o cuidado e zelo com as dimensões psíquicas, moral, intelectual, social, cultural dos participantes está como prioridade do trabalho. Para tanto, previmos as seguintes estratégias para eliminar ou diminuir esses riscos:

- Preservar o anonimato dos participantes (que serão livres para escolha de pseudônimos);
- Manter sigilo e confidencialidade sobre autoria dos temas e questões levantadas ao longo dos Encontros;
- Centrar ações para consolidação de diálogos propositivos e reflexivos sobre o patrimônio histórico e cultural da cidade de Jacobina, Bahia;
- Redirecionar o diálogo sempre que desencadear um gatilho emocional;
- Abordar os temas a partir de aspectos técnicos, enfocando a superação de barreiras e da exclusão;
- Destacar a agência das participantes sobre a seleção dos temas geradores;
- Garantir aos participantes o veto de temas, subtemas e de fotografias que possam causar constrangimento e ativar gatilhos emocionais;
- Socializar e apresentar os resultados da pesquisa por meio de encontro antes da submissão do texto final à banca;
- Garantir aos participantes que a qualquer momento podem desistir de participar e retirar sua autorização para participação na pesquisa. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Destacamos que sua participação é voluntária e não haverá nenhum gasto ou remuneração resultante dela. Esclareço ainda que de acordo com as leis brasileiras, você tem direito a indenização caso seja prejudicado por esta pesquisa. Esta pesquisa respeita o que determina o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), dessa forma, a imagem de seu filho será preservada.

Quaisquer dúvidas que você tiver serão esclarecidas pela pesquisadora e você poderá entrar em contato também com o Comitê de Ética da Universidade do Estado da Bahia.

Você receberá uma cópia deste termo onde consta o contato dos pesquisadores, que poderão tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Como garantias, você terá acesso, a qualquer tempo, às informações sobre procedimentos, riscos e benefícios relacionados à pesquisa, inclusive para dirimir eventuais dúvidas.

Além disso, disponibilizaremos a você e a todos os participantes a Cartilha dos Direitos dos participantes de pesquisa, enviada em seu formato digital por meio de *WhatsApp* e apresentada junto com esse termo de consentimento.³¹

IV. INFORMAÇÕES DE NOMES, ENDEREÇOS E TELEFONES DOS RESPONSÁVEIS PELO ACOMPANHAMENTO DA PESQUISA, PARA CONTATO EM CASO DE DÚVIDAS.

PESQUISADORA RESPONSÁVEL: Vasti Sampaio de Miranda Xavier

Endereço: Primeira Travessa Florisvaldo Barberino, 13. Félix Tomás. Jacobina, Bahia.

Telefone () _____

E-mail: vsamiranda2@hotmail.com

Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNEB - Avenida Engenheiro Oscar Pontes, S/N, antigo prédio da Petrobrás, 2º andar, sala de 23, Água de meninos, Salvador-BA. CEP: 40460-120. Tel.: 71 3312-3420 71 3312-5057 71 3312-3093, ramal 250, e-mail: cepuneb@uneb.br.

Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP- End: SRTV 701, Via W 5 Norte, lote D - Edifício PO 700, 3º andar – Asa Norte CEP: 70719-040, Brasília-DF

V. CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIDO

Após ter sido devidamente esclarecido pela pesquisadora sobre os objetivos benefícios da pesquisa e riscos de minha participação na pesquisa **Fotografia, memória e educação: um diálogo entre as memórias despertadas pelas fotografias e a educação patrimonial** e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar sob livre e espontânea vontade, como voluntário. Consinto que os resultados obtidos sejam apresentados e publicados em eventos e artigos científicos desde que a minha identificação não seja realizada e assinarei este documento em duas vias, sendo uma destinada ao pesquisador e outra a via a mim.

Jacobina, _____ de _____ de _____.

Assinatura do participante da pesquisa
(orientanda)

Assinatura do orientador da pesquisa

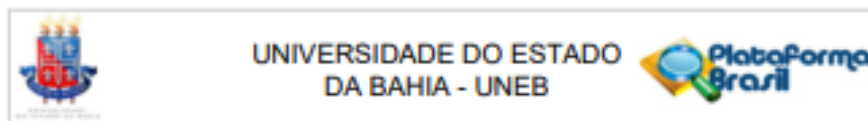
³¹ Disponibilizaremos em pdf, mas segue também o link do Conselho Nacional de Pesquisa para acesso à Cartilha, aqui: <https://drive.google.com/file/d/1Wugz2p8-akiIN3Q1QnBD0f1nAJV1W-H5/view>.

(orientando)

Assinatura do orientador da pesquisa
(orientador)

ANEXOS

ANEXO A – Parecer Consubstanciado do CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FOTOGRAFIA, MEMÓRIA E EDUCAÇÃO: um diálogo entre as memórias da terceira idade e a educação patrimonial de jovens estudantes a partir de registros fotográficos

Pesquisador: VASTI SAMPAIO DE MIRANDA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 46035721.2.0000.0057

Instituição Proponente: Universidade do Estado da Bahia - Campus IV

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.789.571

Apresentação do Projeto:

Trata-se de um estudo que busca o diálogo entre as memórias da terceira idade e a educação patrimonial de jovens estudantes a partir de registros fotográficos históricos e culturais da cidade de Jacobina.

Através da pesquisa-ação colaborativa, os sujeitos que irão compor o estudo fazem parte de componentes da Universidade Aberta da Terceira Idade - UATI, além de professores e estudantes do Centro Territorial de Educação Profissional do Piemonte da Diamantina II - CETEP, na cidade de Jacobina, Bahia, totalizando vinte e um (21) participantes.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Objetivo geral: Compreender de que forma as memórias da terceira idade despertadas pela fotografia do patrimônio contribuem para a educação dos jovens estudantes do Ensino Médio.

Objetivo Secundário:

Descrever as experiências pelas quais as fotografias possibilitam o acesso às memórias e informações sobre o patrimônio;

Identificar contribuições das memórias da terceira idade para a Educação Patrimonial de jovens do Ensino Médio.

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Projeto: 4.789.071

Possibilitar o diálogo entre gerações a partir dos registros fotográficos e das memórias da terceira idade.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

O texto lista os seguintes riscos: "É nosso dever ético destacar que os participantes também podem enfrentar possíveis riscos (nível mínimo) durante a realização da pesquisa, tais como:

- Sentir-se constrangido/a ou desinteressado/a em falar de questões relacionadas aos temas geradores;
- Revisitar memórias traumáticas e induzir situações de catarse;
- Sentir-se exausto no momento da participação enquanto sujeitos colaboradores de pesquisa;
- Recusar-se a explicar pontos de vista optando pelo silenciamento;
- Sentir-se vigiado/a em relação às suas práticas profissionais." No entanto, lista algumas ações na tentativa de diminuir os riscos e/ou evita-los: "Reafirmamos que os riscos são mínimos, haja vista que o cuidado e zelo com as dimensões psíquicas, moral, intelectual, social, cultural dos participantes está como prioridade do trabalho. Para tanto, previmos as seguintes estratégias para eliminar ou diminuir esses riscos:

- Preservar o anonimato dos participantes (que serão livres para escolha de pseudônimos);
- Manter sigilo e confidencialidade sobre autoria dos temas e questões levantadas ao longo dos Encontros;
- Centrar ações para consolidação de diálogos propositivos e reflexivos sobre o patrimônio histórico e cultural da cidade de Jacobina, Bahia;
- Redirecionar o diálogo sempre que desencadear um gatilho emocional;
- Abordar os temas a partir de aspectos técnicos, enfocando a superação de barreiras e da exclusão;
- Destacar a agência das participantes sobre a seleção dos temas geradores;
- Garantir aos participantes o veto de temas, subtemas e de fotografias que possam causar constrangimento e ativar gatilhos emocionais;
- Socializar e apresentar os resultados da pesquisa por meio de encontro antes da submissão do texto final à banca;
- Garantir aos participantes que a qualquer momento podem desistir de participar e retirar sua autorização para participação na pesquisa. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com a pesquisadora ou com a instituição.

Endereço: Rua Sílvio Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

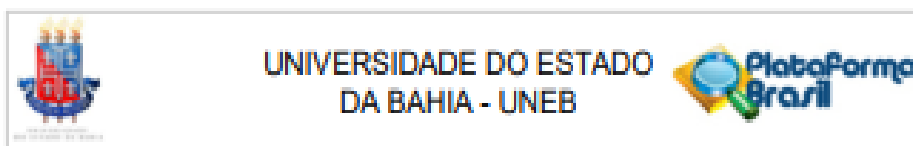
UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cspuniba@unib.br



Continuação do Parecer: 4.786.671

Comentário: o pesquisador apresenta os possíveis riscos, bem como sua ação na tentativa de minimizar os prejuízos e/ou evitá-los.

Benefícios:

Segundo a normativa o benefício de uma pesquisa deve contribuir para a melhoria da atividade estudada de alguma forma, sendo diretamente ao participante da pesquisa ou indiretamente, propondo melhorias nos processos que envolvem a formação da atividade. Neste sentido, a pesquisa é importante por estabelecer um elo entre a Universidade Aberta da Terceira Idade com a comunidade escolar e potencializar ações de preservação do patrimônio histórico e cultural da cidade de Jacobina.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Destacamos que todos os comentários deste parecer são baseados na correlação dos princípios éticos (autonomia, não maleficência, beneficência, equidade e justiça) com os aspectos da pesquisa (objeto, participante, metodologia e aspectos do campo). Além disso, sempre na perspectiva de orientação e sem julgamento de valores, conforme preconiza a ética no seu significado mais profundo que é propor a dignidade humana.

A pesquisa é importante para o fomento da memória enquanto resgate histórico e cultural do patrimônio de Jacobina.

Critério de inclusão: não informado explicitamente. Mas, na metodologia fica evidente que serão os estudantes da terceira idade do programa UATI/Jacobina, bem como professores e estudantes do Centro Territorial de Educação Profissional do Piemonte da Diamantina II - CETEP, na cidade de Jacobina, Bahia, totalizando vinte e um (21) participantes.

Crítérios de exclusão: não informado explicitamente. Mas, na metodologia o texto evidencia que dos 21 participantes convidados, aqueles que não desejarem participar e/ou desistirem ao longo da intervenção, serão excluídos sem prejuízos.

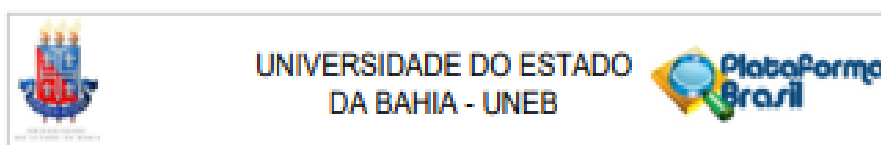
O orçamento: em conformidade.

O cronograma: Está em conformidade, precisando fazer ajustes para adequar-se ao período em que nos encontramos.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Na perspectiva da eficácia, conforme segue:

Endereço: Rua Sílvio Martins, 3555	CEP: 41.165-001
Bairro: Cabula	
UF: BA	Município: SALVADOR
Telefone: (71) 3117-2369	Fax: (71) 3117-2369
E-mail: capuneb@uneb.br	



Continuação do Parecer: 4.788.621

- 1 – Termo de compromisso da pesquisadora responsável: Em conformidade;
- 2 – Termo de confidencialidade: Em conformidade.
- 3 – A autorização institucional da proponente: Em consonância;
- 4 – A autorização das instituições coparticipantes: em conformidade;
- 5 – Folha de rosto: Em conformidade;
- 6 – Modelo do TCLE: em conformidade.
- 7 – Modelo do Assentimento: dispensado.
- 8 – Declaração de concordância com o desenvolvimento do projeto de pesquisa: Apresentado dentro da eticidade;
- 9 – Termo de concessão: em conformidade.
- 10 - Termo de compromisso para coleta de dados em arquivos: não se aplica.

Recomendações:

Recomendamos ao pesquisador atenção aos prazos de encaminhamento dos relatórios parcial e/ou final. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Após a análise consideramos que o projeto encontra-se aprovado para a execução uma vez que atende ao disposto nas resoluções que norteiam a pesquisa envolvendo seres humanos não havendo pendências ou inadequações a serem revistas.

Considerações Finais a critério do CEP:

Após a análise com vista à Resolução 466/12 CNS/MS o CEP/UNEB considera o projeto como APROVADO para execução, tendo em vista que apresenta benefícios potenciais a serem gerados com sua aplicação e representa risco mínimo aos sujeitos da pesquisa tendo respeitado os princípios da autonomia dos participantes da pesquisa, da beneficência, não maleficência, justiça e equidade. Informamos que de acordo com a Resolução CNS/MS 466/12 o pesquisador responsável deverá enviar ao CEP- UNEB o relatório de atividades final e/ou parcial anualmente a contar da data de aprovação do projeto.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555		
Bairro: Cabula	CEP: 41.192-001	
UF: BA	Município: SALVADOR	
Telefone: (71)3117-2368	Fax: (71)3117-2368	E-mail: cepuneb@uneb.br



UNIVERSIDADE DO ESTADO
DA BAHIA - UNEB



Continuação do Parecer: 4.786.571

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB INFORMACOES BÁSICAS DO PROJETO - 1738033.pdf	22/04/2021 21:48:00		Aceito
Cronograma	cronograma.pdf	22/04/2021 21:04:47	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito
Outros	declaracao_de_concordancia_com_o_d esenvolvimento_do_projeto_de_pesquis a.pdf	22/04/2021 21:04:22	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito
Folha de Rosto	folha_de_rosto.pdf	22/04/2021 20:53:58	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito
Outros	termodeautorizacaoinstitucionaldapro nante.pdf	16/04/2021 22:24:27	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito
Outros	termodeconcessao.pdf	16/04/2021 22:23:44	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito
Outros	termodeconfidencialidade.pdf	16/04/2021 22:22:16	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	termodeautorizacaocoparticipante.pdf	16/04/2021 22:21:26	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	termodecompromissodopesquisador.pdf	16/04/2021 22:16:55	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projetoedepesquisa.pdf	16/04/2021 22:14:58	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito
TCE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	termodeconsentimentolivreesclarecido. pdf	16/04/2021 22:14:28	VASTI SAMPAIO DE MIRANDA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

SALVADOR, 18 de Junho de 2021

Assinado por:
Aderval Nascimento Brito
(Coordenador(a))

Endereço: Rua Silveira Martins, 2555

Bairro: Cabula

CEP: 41.195-001

UF: BA

Município: SALVADOR

Telefone: (71)3117-2399

Fax: (71)3117-2399

E-mail: cepuneb@uneb.br